

EUROPA

NUMERO

2



EN
392
P.

MARQUES
XXV

MAGAZINE MENSAL

ANO 1.º - N.º 2
M A I O
DE
1 9 2 5

EUROPA MENSAL MAGAZINE

REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
LARGO DO CALHARIZ, 29
L I S B O A
TELEFONE 5178 C.

DIREÇÃO E EDIÇÃO DE JUDITH TEIXEIRA
SECRETARIO DA REDAÇÃO JOSÉ ADOLFO COELHO



Lya de Patten uma das mais belas actrizes do cinema



E u r o p a

A MORTE DE ARLEQUIM

Era noite...
 Junto dum revérbero...
 À entrada dum grande teatro...
 Morria o Arlequim.
 Pouco passava da meia noite...
 Logo após as ultimas lampadas
 do velho teatro terem lançado o seu
 ultimo clarão sobre o passeio da
 bela Avenida adormecida.

* * *

O corpo delgado e magro do Arlequim alongava-se por sobre os frios degraus...

Os seus joelhos agudos tocavam o angulo estilizado duma coluna de marmore, amarelecida pelo tempo.

A sua mão seca e tremula balançava num gesto fatigado a haste dum lirio murcho...

Duma flor morta ha muito tempo.

Seu rosto oval, como de cera, com seu nariz aquilino, era apenas uma mascara indiferente e apagada...

Os cios, como um veludo, cobriam seus olhos negros, semicerrados...

E só tristeza infinita refletiam seus olhos.

Morria o Arlequim.

* * *

Expulso do teatro...
 Ha tanto tempo...
 Quando acharam seu riso...
 Demasiado risivel...
 Demasiado simples...
 Demasiado ingenuo...
 Como o seu lirio...
 Que morreu com a ingenuidade d'uma flor murcha.

Quando o seu ciume, o seu amor por Colombina, foi considerado...

Insulso...

Inadmissivel...

Uma habilidade dum palhaço de feira...

Como o amor...

Dum Arlequim.
 E ele morria, só, abandonado.

* * *

E' estranho, pensava o Arlequim...

Os homens já não querem rir...

Com um rir alegre...

E' demasiado simples para os homens...

Um marido ciumento de Colombina...

Que enorme tolice.

Bater no amante...

E' idiota.

Eis o que dizem os homens.

* * *

Tentou um esforço para se erguer...

Ajoelhou...

E sorriu ás nuvens que velavam a lua.

As nuvens... é melhor...

Para os homens...

A lua é demasiado clara...

Sem forças caiu prostrado junto da coluna antiga.

* * *

Agora escutava os ruidos da vida nocturna...

Muito perto ouvia o jazz-band...

Como é complicado, pensou ele...

Os homens apreciam-no...

Não é tão simples como o meu bandolim...

Como o meu amor.

* * *

Um pandeiro e o som duma garrafa estilhaçada...

O mesmo que outrora...

No tempo das feiras...

Mas, então, porque preferem os homens ao meu riso, ao meu amor,

a simplicidade dum pandeiro, dum vidro partido...

Talvez o meu amor seja muito complicado...

Mas, então, que querem os homens?

Uma pesada lagrima perelou nos seus cios de veludo...

E depois...

Caiu sobre a coluna poeirenta...

Uma lagrima d'Arlequim,

Morreu iluminada pela lua, sobre o marmore amarelecido...

Com os olhos fixos nela...

O Arlequim morria.

* * *

A derradeira, dizia ele...

Inuteis para os homens...

A derradeira...

Simples...

Lagrima.

Simples como o meu riso...

E, ai! como o meu amor.

* * *

Depoz um osculo na haste do lirio...

E morreu.

* * *

Foi assim que morreu o Arlequim...

Seu corpo rombico...

Seu rir...

E o seu lirio murcho.

A sua lagrima foi vista somente pela lua...

Quasi sem ser notada...

Essa lagrima caiu na poeira...

Da coluna antiga...

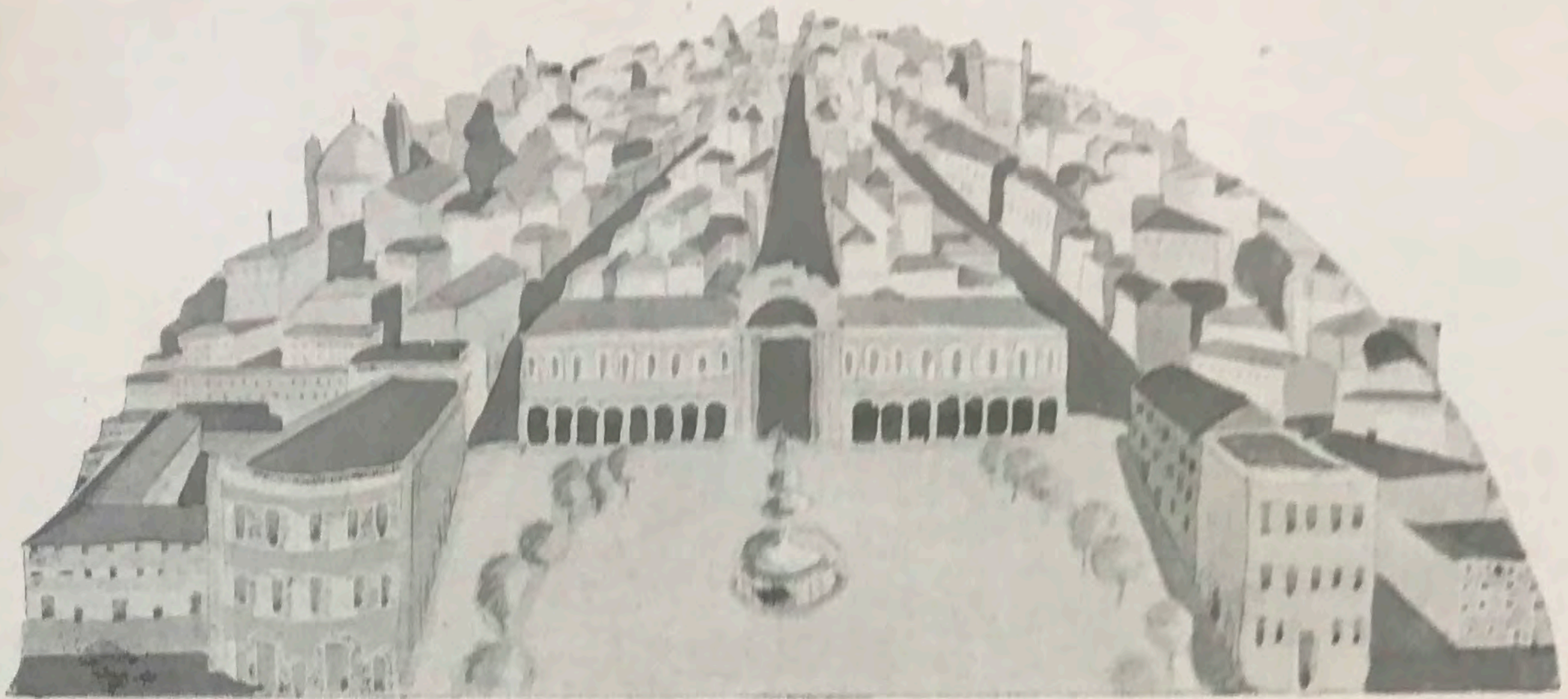
Desse grande...

Velho...

Teatro.

Lisboa, Março de 1925.

BORIS H. KNIRCHA



L I S B O A

A O dobrar do Monte Olivete para a rua da Escola, mesmo em frente do Jardim Botânico, José Venâncio deteve-se um instante a descansar abrigado na sombra fruste da casaria. A'quela hora da tarde o sol escaldava e da praça das Flôres até ali, trepando a ladeira íngreme, era um estirão. Lentamente, dando corda ao relógio, mirou as horas: — ainda não eram três e o major Pascoal nunca chegava ao Jardim antes das quatro. Tinha tempo de sobra. Entalou debaixo do braço o bastão de cana da Índia, sacou o lenço do bolso da rabona e, sufocado, ofegante, sorvendo com delícia a fresquidão da sombra, pôs-se a limpar o suor dos refêgos da barba e do cogote.

Na sua frente, para um e outro lado, estendia-se a clareira da calçada, onde o sol faiscava numa tremulina dourada e as calhas dos electricos brilhavam mais que sabres de cavaleiros em tarde de parada militar. Ao cimo, o estreito céu, entre os dois renques da casaria absorta, era de um azul tão denso que parecia massiço. Um guarda do Jardim, de colete desabrochado, bocejava encostado á ombreira do portão. Mais adiante, sobre os altos tacões, abrigando-se na sombrinha côr-de-alface, havia uma senhora á espera do electrico. Braços ao alto a segurar a canastra, as saias a trapejarem-lhe contra as pernas robustas, uma varina atravessou a rua apregoando sardinha. Duas costureiras magras, morenas,

suas, as cêstas da merenda á dependura, passaram rindo por entre José Venâncio e a parede. Um electrico rolou, estreloçando, com gente apinhada nas plataformas e no estribo. E havia esparsa, ondeando e vibrando no ar, uma claridade tao fina e deslumbrante que a vista enevoava-se de lágrimas.

José Venâncio secou os olhos com o lenço e, decidindo-se, a mão em pala a prolongar a aba do chapéu, galgou a rua a correr sob a ferroada do sol. Só parou no Jardim, ao fundo da alameda, num recanto mais ensombrado e fresco que nave de cathedral. E logo após o rumor das ruas que atravessara, de igreja lhe parecia tambem, o calmo silêncio do Jardim apenas agravado da gárrula partitura dos pardais em que, a espaços, um melro erguia seu melífluo assobio qual maestro a dar o lamiré.

Pela primeira vez dès que de manhã, ao almoço, lera a noticia do enterro no jornal, ressentia uma grande serenidade. A morte inesperada do Mendanha, reacendendo a lembrança do passado, causara-lhe funda impressão. Mas o sussurro dormitante do Jardim invadia-lhe o cérebro pouco a pouco, quebrantando-lhe todo o pensamento. Como fumo que o vento esgarça, sentia esvaírem-se, desvanecerem-se rapidamente o ódio, o ciúme, o rancôr, todos os tumultuosos sentimentos que durante a manhã lhe tinham dilacerado o coração, — como naquela noite dolorosa em que a Luísa lhe fugira para sempre e sobre a qual o

tempo havia desdobrado seu pesado reposteiro de esquecimento. Zoava-lhe nos ouvidos um zumbido mais teimoso e pertinaz que de môsca a voejar, e, sereno, impassível, pôs-se a deambular ao acaso pelas ruas ensaibradas do Jardim.

Levantara-se de repente uma arágeo muito léve e, curvado, as mãos cruzadas atraz das costas a segurar a bengala, caminhava devagar sob as arvores que remalhavam brandamente num murmúrio suave e ciciado de muitas bocas juntas a rezar. Um rouxinol trinava de ramada em ramada seu vibrante rondó melodioso. Perto, no tanque, a agua do repuxo, abrindo um largo leque gotejante, cantava seu motete inquebrantavel. Os pregões estridentes da cidade, coados através da ramaria, chegavam-lhe num frémito apagado, mais flébeis e dolentes que doces cantilenas de embarlar. Seu pensamento immobilizara-se de súbito, e na profunda modorra que o tomara apenas seus olhos deslumbrados continuavam instintivamente a reter as imagens.

Foi seguindo devagar até ás grades. Devassava-se de ali meia cidade. Em baixo, ao correr do vale, mais firmes que soldados em parada, alinhavam-se os prédios ricos da Avenida. Depois o casario irradiava, subia, dispersava-se pelos môrros do Campo de Sant'Ana, do Conde Redondo e do Castelo e era assim, na distância, espalhado entre os tufos de verdura que donde em onde viçavam nas encostas, — como os reba-



nhos á hora pachorrenta em que param pelos montes a pastar. Os terraços rendilhados do Torel recortavam, em frente, sôbre palmeiras eriçadas como grandes caudas de pavão, seu caprichoso perfil de alcaçova mourisca. Logo adiante, quasi á mesma altura, emergiam a par os dois cabeços da Graça e da Penha de França em cujas lombas as casas se engastavam, alvas, aglomeradas, sobrepostas como conchas incrustadas num rochedo.

Para os lados do Monte, num soalco chanfrado da colina, verde-

javam hórto e quintais e, alapardado no meio dêles, um amplo casarão solarengo pintado de côr-de-rosa muito escuro tinha mesmo a forma e o aspecto de uma talhada de melancia colossal. De lá suave ondulação dos cerros, que a cidade cobria inteiramente como uma enorme cólcha de ramagens, alçavam-se, aqui e ali, largas fachadas seráficas de igreja, mais brancas do que almas doutro mundo. Ao longe, tão longe quanto os olhos abarcavam, lobrigava-se uma ou outra chaminé de fábrica, hirta, esguia, enfarruscada do fumo negro que expelia ás golfadas e que ficava boiando no ar serenamente. Para além, na curva do horizonte em fôgo, a vista apercebia ainda, numa poalha d'ouro, o labirinto das Avenidas novas, e a todo o âmbito, pintalando a cidade clara, as manchas crêspas dos telhados alastravam, vermelhas e luzidias como grandes pingos de la-

cre.

Toda a cúpula do céu se esmaltava de um azul tão claro e profundo que causava vertigens, mas em baixo, ao rés da terra, pairava uma neblina alaranjada que esfumava, diluía o casarío em tremulinas de fôgos de Bengala. O sol, ao alto, era uma fogueira imensa enchendo o ar de um vespeiro de faúlhas movediças. E vista assim em redondo, toda vidrada no esplendor da luz, com

suas manchas de verdura aqui e àlêm e os seus prédios pintados de côres vivas, parecia-lhe a cidade um enorme prato de porcelana antiga do Japão.

Já a vista se lhe turvava no deslumbramento da luz. Para as bandas do rio, numa grande extensão, o céu, através da neblina luminosa, tingia-se dum tom fulvo de areal. Enchendo o vale, trepando nas encostas, recortando em ameias os cimos das colinas, o casarío sob o sol a prumo dir-se-ia feito de charão. O horizonte inteiro ardia numa châma muito viva e ondulante de seara incendiada. E de súbito, os olhos encandeados, mais tonto que se lhe desse uma vertigem, sentindo o chão faltarlhe como se estivesse embarcado, pareceu-lhe que toda a cidade, arrancando num estremeção, se punha bruscamente em movimento.

De norte a sul, caminhando sem cesar, toda Lisbôa avançava em direcção ao rio como uma procissão maravilhosa. Pelas cumiadas da Graça, do Monte, do Conde Redondo e do Torel os altos prédios deslocavam-se lentamente, oscilavam como grandes andôres cheios de cravos levados aos ombros de gigantes. Aqui e àlêm, na orla flexuosa das colinas, marchavam solenemente as capas de asperges e as dalmáticas das frontarias de azulejo, e sôbre elas, na chapada de sol, as vidraças das claraboias lampejavam como formidaveis ciriais de prata. Mais perto, no meio da cidade em marcha, avançavam bamboleando extensas filas de casinhas modestas, brancas e côr-de-rosa como anjinhos de procissão, ou vermelhas e azuis como as opas das confrarias. A atmosfera enchia-se pouco a pouco de uma fumarada mais cheirosa e subtil que a do incenso queimado nos turíbulos. E para a esquerda, sôbre o môrro de Gomes Freire, já quási no couce do cortejo, o vasto pardiheiro de Rilhafoles, pintado de amarelo refulgente, arrastava-se tambem, lento, pesado, oscilante como um grande pãlio dourado. Só, na vertente do Castelo, a alterosa fábrica da antiga Sé em obras ficara imóvel no movimento ge-

ral; e esburacada, extática, toda cercada de andaimes e bailéus, tinha assim modos de velho mendigo estropiado, amparado ás muletas, a pedir esmola no caminho.

José Venâncio, entontecido, cerrou um instante os olhos para dissipar a vertigem. Instintivamente, como se a rigidez dos seus músculos tensos pudesse dominar a alucinação visual que o estonteava, retezou as pernas fortemente, enclavinhou as mãos nas grades do jardim, crispou-se todo num esforço doloroso. Porém sua resistência foi baldada: — á sua volta, vertiginosamente, a pontos de causar tonturas o fitá-la, a cidade acelerava de segundo a segundo seu rápido e magestoso movimento. Pela crista sinuosa dos outeiros, as casas deslissavam velozmente, galgavam, desciam, serpeavam, despenhavam-se de escantilhão pelas encostas, corriam, corriam sempre sem parar, lembrando em sua louca desfilada as céleres carretas fugidias duma *montanha-russa* colossal.

Sob a tremulina da canícula, as fachadas bailavam doidamente uma fantástica dança serpentina. O disco scintilante da cidade, animado de movimento giratório, zebra-se de fugazes listras oblíquas, verdes, azuis, vermelhas, amarelas, que fulguravam um instante como coriscos nocturnos para logo se refractarem brandamente em difusas claridades latescentes.

Arqueando seus dorsos monstruosos, todas as colinas de Lisbôa abalavam agora em prodigiosa cavalgada e, aos galões, aos corcovos, passavam em rodopío perante José Venâncio desvairado. Desfilaram primeiro as colinas fronteiras, a Graça, o Castelo, a Penha e o Campo de Sant'Ana. Depois, numa rápida miragem estonteante, José Venâncio viu ainda, assombrado, rodarem na sua frente, uns após outros, os próprios bairros da cidade que dalí era impossível avistar.

A planura das Avenidas-novas, que o vulto avermelhado da praça de touros coroa de torreões pontegudos, desli-

sou num relâmpago, e, seguindo-a de perto, singravam velozmente as alturas de Monsanto e Campolide por onde o Aqueducto se estendia como uma centopeia interminavel. O desconforme combro da Estrêla avançava logo após num chouto pesado e vagaroso de gigantesco elefante que transportasse na cernelha o palanquim lavrado do Zimbório. E turbilhonando, numa ondulação de ressaca, rolaram por fim as eminências de S. Pedro de Alcantara, das Chagas e do Carmo, o Tejo claro e rutilante, a longa ourela ardente do Atêrro e os alinhados boqueirões da Baixa pombalina. Toda Lisbôa, rodopiando num galope infernal, era um imenso carrocel de feira, garrido, empavezado, espaventoso, a girar, a girar rapidamente.

Ourado e delirante, José Venâncio voltou costas ao panorama da cidade e poisou na esplanada do Jardim o seu olhar mortiço e fatigado.

ANTONIO ALVES



JUDAS Iscariotes, ó mais desgraçado dos homens, eu te saúdo!

Sobre ti pesa a **maldição** de vinte seculos, o teu nome é apodo de traidores, infames e vendidos; mas eu te compreendo e absolvo.

Compreendo a **Duvida** que te roia o espirito.

Discipulo do **Homem-Deus**, tu o seguias na ansia de alcançar a **Verdade**.

Ouvias o **Verbo**, mas a **Duvida** ficava: **Homem** ou **Deus**?

A' luz clara do sol, entre a **multidão** que acorria ao ensinamento do **Enviado**, comun-gavas no fluido magnetico dos crentes. A força de persuasão que nimbava os cabelos loiros do **Mestre** duma aureola sobre-humana, dissipava a treva do teu anseio... Se eram tantos os que acreditavam nêle!

Se os doentes saravam á sua passagem!

Mas, na noite, no remanso do albergue, a **Duvida** surgia escrita em letras de fogo, na treva... Tu; bem sabias que os homens são fracos e os doentes ainda mais; tu, bem sabias que os homens se deixam suggestionar pelas miragens do **irreal**.

Homem ou **Deus**?

Vejo-te, arrastando-te por entre os Discipulos adormecidos, até junto d'**Ele**, para prescrutares no rosto do **Mestre** a centelha divina.

Vejo-te inclinado sobre **Ele**, longamente, procurares na face palida do asceta a **Prova** sobrenatural, e sempre, sempre, ante os teus olhos ardentes, aparecia, unicamente, o rosto do **Homem** em repouso.

Foram os inimigos que te levaram a **Tentação**, na proposta covarde. Entregal-o às suas mãos era experimentar o seu **Poder**. O **Filho de Deus** não poderia sucumbir como um vulgar ladrão!

E quando te entregaram os trinta di-



(Desenho de Adolfo Haussmann).

Judas Escariotes

nheiros, a ansiedade fez-te tremer, de cubiça, julgaram os homens!... Ias, finalmente, saber!... e mais uma vez, procuraste no rosto exangue do profeta o divino presagio da tua traição... Mas, **Ele** estava sereno e discorria com os discipulos.

Chegou a **Noite**... No horto estavam todos reunidos... Deste-lhe o beijo, e o **Homem** não estremeceu...

Seguistel-o, escondido na turba, e com inquietação contempestaste o sangue que lhe jorrava das feridas, sangue rubro, como o dos homens... E, encoberto com a cóta dum centurião, ousaste fital-o nos olhos, olhos dilatados pela **Dor**, em cujo fundo brilhava uma luz tão intensa, que te fez renascer a **Duvida**, mais dilacerante, no intimo da tua alma de companheiro.

Mas, já, sem forças, verga ao peso da cruz, na sua face banhada em sangue e em suor, ha, somente, a infinita angustia do homem que sofre.

E com desprezo desviaste os olhos

do **Homem** que não era **Deus**... Esperas, ainda; talvez que no ultimo momento... Eil-o na **cruz**, entre dois ladrões que ester-toram... E o **Homem** morreu, seu corpo martirisado pendeu do lenho como um farrapo da **Dor**... E a terra não estremeceu e o sol não se apagou!

Impostor! Não eras **Deus!** Tudo mentira!

E recuaste assombrado pelo vacuo da tua alma... Esvaira-se a illusória esperança da outra vida... Tudo mentira! A bema-venturança eterna... **Utopia!**... Da **Ilusão**, apenas, restava um corpo mutilado e um traidor inutil. E procuraste a morte [como um lenitivo para o teu desespero.

.....
.....
E se a terra tre-meu sob o seu man-to de trevas, se do alto do lenho irra-

diou a **Centelha** vivissima da divindade?

Que culpa tiveste, misero mortal, mes-quinho instrumento do que estava escrito?!

Que culpa tiveste, grão d'areia, neces-sário para a consumação do sacrificio?!

Se o **Filho de Deus** devia morrer para redimir os homens, que culpa tiveste que os **fados** te marcassem para a obra divina?!

Que culpa teve o teu barro inerte nas mãos do **Creator**?!

Judas Iscariotes, vitima expiatória da exacração humana, oiço nos tempos uma voz que grita piedade: é S. Vicente Ferrer, que ha seis seculos se ergueu em tua defeza.

A multidão que rodeava o **Mestre**, disse ele, não te deixou aproximar em busca do perdão, mas o teu arrependi-mento e a tua morte foram salutaes, e no ceu encontraste a remissão do teu crime.

Piedade infinita do Santo, que o in-quisidor Eymeriech premiou com a per-seguição tenaz do Santo officio!

Foi alguma vez conhecido o segrêdo de fazer ouro?

Plus de quarante fourneaux alchimiques sont à present allumés en France et dans le Hanovre, dans la Baviere, les adeptes sont plus nombreux encore.

HUYSMANS

HOJE que o principio alquimico da identidade da materia é universalmente aceite e que as experiencias de J. J. Thomson e W. Ramsay acabam de demonstrar a possibilidade duma transmutação, parece-nos curioso lançar um golpe de vista sobre o que foi a luta do homem para a conquista do maravilhoso poder de produzir ouro.

Atravez de todos os sacrificios, e de todas as privações, queimada a carne pelos acidos, consumidos pelo ar mefitico dos fornos, sacrificando fortuna e posição para que sob as retortas não faltasse o combustivel, os alquimistas combinaram, durante anos, os ingredientes mais diversos afim de obterem aquella substancia, ao contacto da qual os metais vis se tornariam em ouro e o homem ganharia saude eterna; e chamaram-lhe *pedra filosofal, pó filosofal, grande magisterio, grande elixir, tintura* ou *quinta essencia*, na sua ansia de darem corpo ao sonho. Convencidos da sua existencia, procuraram-na em todos os corpos; no ar, na terra, nas aguas, nos animais, na urina, nas fezes, e em... tantos outros, porque as aberrações humanas não conhecem limites!

Atribuiram os alquimistas a sua sciencia a *Hermes Trismegistico*, que os antigos egipcios elevaram á categoria de Deus, considerando-o inventor de todas as artes uteis; e na sua Historia da Quimica tentou o dr. Hoefler demonstrar que as pesquisas relativas á transmutação dos metais remontam aos tempos mais recuados, e que as mesmas faziam parte do conjunto de conhecimentos designado pelo nome de *arte sagrada*, que dizem ter sido cultivados desde os tempos historicos, no misterio dos templos egipcios.

Contudo, os mais

antigos documentos escritos da Alquimia não vão alem do IV seculo da era cristan e são obra de autores byzantinos.

Mais provavel parece, pois, que na capital do Imperio do Oriente, onde as artes e as sciencias atingiram um tão elevado grau de desenvolvimento, tivesse tambem nascido a Alquimia.

Em virtude das relações existentes entre os gregos e a escola de Alexandria, foi a nova sciencia cultivada, quasi simultaneamente, na Grecia e no Egipto.

Interrompida algum tempo, no VII seculo, pela invasão dos Arabes, em breve contagia os dominadores, que se entregam com ardor á pesquisa da pedra filosofal, introduzindo a Alquimia nos paises submetidos pelas suas armas.

Só, porem, no seculo XIV a Alquimia começou a tomar importancia na Europa.

Os escritos de Alberto o Grande e de Raimundo Lulle, compostos no seculo anterior, tinham lançado no mundo sabio os primeiros principios da alquimia. Durante o seculo seguinte as riquezas de Nicolas Flamel, atribuidas pelo vulgo a uma origem hermetica, tinham espalhado, em França, as mesmas crenças no espirito do povo.

Enfim, no seculo XVI os numerosos discipulos de Paracelso popularisaram com os seus discursos e escritos as mesmas ideas em todo o Occidente.

*

*

*

Foram bases da doutrina hermetica a teoria da composição dos metais e a da sua geração no seio do globo.

Consideravam os alquimistas, os metais como corpos compostos e admitiam que a sua composição era uniforme.

Segundo eles, todas as substancias que apresentam o caracter metalico eram constituídas pela união de dois elementos comuns, o enxofre e o mercurio; sendo as diferentes propriedades dos metais o resultado das diversas proporções em que esses dois elementos se encontravam combinados. Assim, o ouro seria formado por uma elevada percentagem de mercurio, muito puro, unido a uma pequena quantidade de enxofre, tambem muito puro.

Devemos, porem, advertir o leitor de que este mercurio e este enxofre não são os elementos a que a Quimica dá as mesmas designações.

O *mercurius* dos alquimistas representava o

elemento proprio dos metais, a causa do seu brilho, da sua ductilidade, etc., e o *sulphur* o elemento combustivel. Compreende-se assim a possibilidade da transmutação, ou seja a transformação de um metal em outro, para o que bastaria alterar as proporções de combinação dos elementos em cada metal.

Em paralelo com a geração organica, a filosofia hermetica estabelecia a geração dos metais no seio da terra, afirmando que a natureza tende, só, a produzir ouro e que o aparecimento



Alquimistas trabalhando — segundo uma gravura antiga

Europa

dos metais vis era o resultado dum desvio na marcha genesica, o mesmo que o aborto na geração organica.

*

* *

São características marcantes dos escritos hermeticos a incoerencia, a confusão do estilo e o emprego de nomes estranhos para designar as substancias.

A maior parte dos escritores tem o cuidado de advertir que as suas descrições foram complicadas, propositadamente, com enigmas, contradições e equívocos.

Como exemplo, traduzimos do *Livro das doze portas* de G. Ripley, a maneira de preparar a pedra filosofal:

«Deve-se começar ao sol posto, quando o Marido Vermelho e a esposa Branca se unem no espirito da vida para viverem no amor e na tranquilidade, na proporção exacta da agua e da terra. Do Ocidente caminha por entre as trevas, para o Septentrião, altera e dissolve o marido e a mulher entre o inverno e a primavera; transforma a agua n'uma terra negra e eleva-te atravez das varias cores para o Oriente onde se mostra a lua cheia. Depois do purgatorio aparece o sol branco e radioso; é o verão apoz o inverno, o dia apoz a noite. A terra e a agua transformaram-se em ar, as trevas dispersaram-se, e a luz fez-se, o Ocidente é o inicio da pratica e o Oriente o inicio da teoria; o principio da destruição está compreendido entre o Oriente e o Ocidente.»

—O leitor não compreendeu, certamente, mas não se desgoste, que a nós nos sucede o mesmo—.

Não menos obscuros e impenetraveis são os titulos das obras: *O apocalipse quimico* de Bazilio Valentino, *O espelho dos segredos* de Roger Bacon, *A clavicula* de Raimundo Lulle, *A Flor das Flores* de Villeneuve, *O verdadeiro tesouro da vida humana* de Soucy, *O tumulto de Smiramis aberto aos sabios* de Philalete, *O crede mihi* de Th. Norton, etc., etc.

*

* *

Em pleno seculo XVII aparece na Europa um pequeno numero de adeptos que afirmavam ter realizado a obra da transmutação, e foram tais as provas prestadas por esses alquimistas que o professor Schmieder da Universidade de Halle não hesita em afirmar na sua *Historia da Alquimia* que, a menos de se recusar em todos os casos a autoridade do testemunho humano, se tem que admitir que nos seculos XVII e XVIII se achou o segrêdo de fazer ouro.

Paykül, Richthauseu, Philalete, Böttlicher, Alexandre Sethon e alguns outros, possuiram a pedra filosofal, segundo o testemunho de altas mentalidades da epoca.

Vamos em breves linhas narrar ao leitor a



Roger Bacon

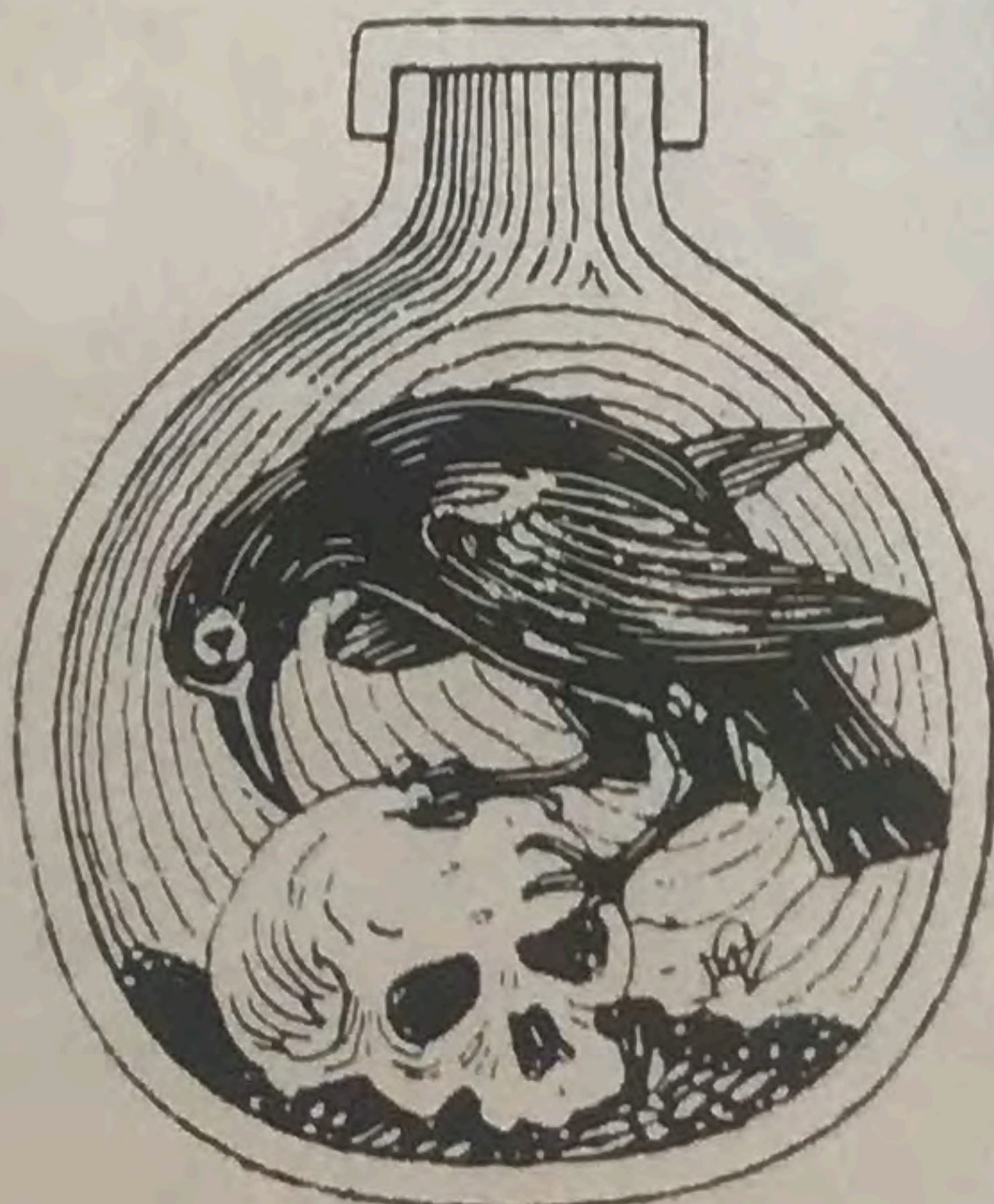
vida de Sethon, cujos factos autenticamente historicos são de natureza a impressionar o critico mais prevenido.

Alexandre Sethon, conhecido pelo Cosmopolita, aparece na Holanda no inicio do seculo XVII, ai, em casa do seu amigo Jacob Hausen, transforma um bocado de chumbo n'um pedaço de ouro do mesmo peso.

Na Suissa, em Bale, realiza outra transmutação perante o medico e professor Jacob Zwinger, afim de o convencer da verdade das doutrinas hermeticas.

Na Alemanha, em Strassburg, realiza novas projeções, dando ao ourives Gustenhover um pó vermelho, com que o mesmo realiza publicamente algumas transmutações.

Em Colonia entra numa farmacia onde ouve os seus frequentadores escarnecerem da Alquimia; então, a pretexto de experimentar a qualidade dum vidro de antimónio, que pretendia adquirir, pede que o conduzam a um local onde possa submeter o vidro a um fogo violento. Para esse fim, o boticario envia-o acom-



panhado por seu filho, a casa do ourives João Lohndorf. Depois do ourives ter colocado o vidro sobre a fornalha, Sethon entrega-lhe uma pequena porção dum pó, que tirára dum papel, e diz-lhe que o deite no cadinho; quando ao fim de alguns instantes se retira este do lume, no fundo do vaso encontra-se um belo globulo de ouro.

Porem, mestre Lohndorf que não era facil de convencer, propõe ao alquimista uma nova experiencia, em que se substituisse o vidro de antimónio por chumbo, e subrepticamente, introduz no cadinho um pedaço de zinco, metal que torna o ouro quebradiço e dificil de trabalhar... Mas, com grande espanto seu, da nova experiencia resulta um pedaço de ouro maleavel e ductil.

A sua fama alastra e sobre ele convergem a atenção e a cubiça dos soberanos.

Em 1603, Cristiano II, eleitor de Saxe convida-o a ir á sua corte fazer uma projeção. Sethon acede ao convite e realisa uma transmutação perante o soberano, oferecendo-lhe uma pequena porção da pedra filosofal. Mas isso não basta á avidez do Eleitor que tenta amigavelmente obter o segrêdo da sua preparação.

E como Sethon recusa terminantemente fazer essa revelação, o cruel soberano com uma furia que a febre do oiro estimula, recorre á tortura.

Atravessado com ferros candentes, queimado com chumbo derretido, chicoteado, retalhadas as carnes e impregnadas as chagas com sal, o filosofo persiste heroicamente na sua negativa.

Receando vel-o morrer na tortura, Cristiano resolve encerral-o numa masmorra sombria, cuja entrada é guardada dia e noite.

Surge então o quimico Michael Sendivogius, que propõe ao Eleitor vizitar o prisioneiro, afim de lhe arrancar o segrêdo pela persuasão.

Tendo conquistado a confiança do alquimista e burlando a promessa que fizera ao Eleitor, Sendivogius foge uma noite levando nos braços o prisioneiro, que a tortura impossibilitava de andar.

Em Cracovia o salvador intima o alquimista a confiar-lhe o segrêdo como paga do seu salvamento, mas o Cosmopolita que resistira ás mais horriveis torturas, tambem não cede ante o reconhecimento.

Pouco tempo depois, vitimado pelos sofrimentos infligidos pelo Eleitor de Saxonia, Sethon morre, legando ao seu salvador a sua provisão de pedra filosofal, sem contudo, lhe revelar o segrêdo da sua preparação...

Absolutamente historicos, os factos que acabamos de relatar abalam profundamente a hipotese d'uma fraude. O proselitismo de Sethon, a sua coragem indomavel, a fidalguia do seu procedimento não são, precisamente, apnagios dum burlão!

A P I N T U R A N A B E L G I C A



Um grupo de pintores e escultores belgas afim de melhor poder fazer vingar a sua orientação artistica resolveu fundar uma agremiação sob a característica denominação de "Grupo Querer".

O seu vibrante manifesto que nos foi gentilmente cedido pelo pintor Albert Jourdain, representante do Groupe Vouloir entre nós, é o que segue:

Alguns pintores e escultores novos, conscientes da desorientação crescente em que se debatem os artistas deste paiz, e das inumeras dificuldades materiais contra as quais tem de lutar, resolveram reunir num grupo compacto as suas energias dispersas até hoje.

Diferindo, quanto possivel, as nossas personalidades, apresentam, contudo, um traço comum que as levou a procurarem-se e a unirem-se: a **vontade** de sobrelevar a impotencia e o relaxamento em que sossobramos.

*

* *

Respeitando todas as tendencias, todos os esforços, todas as tentativas, encarando com interesse todas as pesquisas e todas as experiencias, *nós queremos* mais do que pesquisas, ensaios ou experiencias... *Nós queremos realizar* obras completas, vivas, onde a harmonia do pensamento, dos sentimentos e das sensações crie um conjunto verdadeiramente humano, acessivel a todos, ou sejam *obras belas*.

Dirigindo-nos a todos, não hesitare-

mos em empregar a linguagem, unica, que todos possam compreender, a da realidade viva. Convictos de que é pelo mundo real, unico que os olhos alcançam, que as artes plasticas se devem exprimir, pretendemos jamais perder o contacto com esse mundo, mesmo para exprimir o irreal. E' d'esse contacto estreito, perpetuo, que *nós queremos*, como Anteu do da terra, receber toda a nossa força: não falaremos nunca por enigmas.

Esta linguagem clara das cores e das formas foi pelos homens aperfeiçoada atravez dos seculos: seria ilusorio querer exprimir-se por meio d'ela, sem lhe respeitar as necessidades organicas.

Afirmamos que é por, demasiadamente, se ter despresado essas necessidades, por uma exigencia excessiva de individualismo, e tambem por medo do esforço e por pressa de vencer, que se atingiu esta desorganização total, esta anarquia sem limites, que viciam, na sua génese, a maior parte das obras modernas e seduzem tantos ingenuos com a miragem de um retulo de «artista». Em face d'isto *nós queremos* uma disciplina, uma organização. Existe no trabalho mental uma hierarquia: não peçamos, pois, á sensação pura aquilo que só o pensamento nos pode dar. Ao individualismo feroz, ao egocentrismo destruidor oporemos a necessidade do esforço coordenado, a excelencia da razão e tambem o respeito pelas indefectíveis exigencias materiais, que são a base do oficio: queremos reintegrar a pintura e a escultura na sua dignidade

de oficio, de belo oficio, que se tem que aprender, laboriosamente.

Não mendigaremos a aprovação dos «snobs», basta-nos a da nossa consciencia, e ela nos trará a das pessoas sinceras. Com elas *nós queremos* viver á luz clara do sol, longe das torres de marfim hermeticas, das capelinhas, mais ou menos viciosas, onde prevalecem as formulas arbitrarías e as teorias preconcebidas. Para nós um quadro é um quadro, uma estatua é uma estatua; e não se fazem á força de formulas, mais ou menos literarias, mas com realidades fundamentas sentidas. Fóra com as abstrações e quintessencias arquitetadas por essas teorias pedantes, unicamente no *intuito* de sustentar produções infimas; fóra com as discussões no vacuo, fóra com o opio, a cocaina e as nevroses contemporaneas! Respeitando a velha cultura, nós declaramos guerra a todas as indegestões cerebrais que triunfam nos centros de meia cultura.

De resto, não temos nenhuma consideração pelas modas e pelos Mestres que elas impõem. As escolhas dos valores consagrados não tem curso entre nós. O que obedece a um momento não pode ser mais do que bonito, interessante, recreativo, engenhoso; mas, recuando um pouco nele se não descortinam mais do que monstros... nele se não encontra o Belo!... Não querendo singularisar-nos, não cortaremos a cauda ao nosso cão.

Nós queremos ser da nossa epoca: rica de toda a sciencia que penetra, cada vez mais, nas coisas, rica de todo o passado que, cada dia, lhe ensina a conhecer me-

lhor; época que não pode contentar-se com uma arte inorgânica, caótica, embrionária. Ser-nos-hia impossível criar, inteiramente, a sensibilidade de primitivos com a qual se pretendeu reagir contra aquilo que é o próprio alicerce do nosso século.

Nós queremos a obra de arte organizada como um ser, obedecendo, como tudo que existe, a uma simetria, a um plano, a uma lógica irrefragável. Para atingir essa finalidade, *nós queremos* permanecer homens completos, com um pouco mais que «uma massa encefálica na caixa craneana», e não julgaremos rebaixar-nos ao permitir que a nossa ra-

ção vigie e dirija os movimentos desordenados do nosso subconsciente.

*
* *
*

Para poder realizar, *nós queremos* permanecer livres. Para esse fim uniremos todas as nossas forças. Oxalá, nós possamos desse modo, libertar-nos das contingências que, na vida moderna, tendem a agrilhoar o artista e a escravizá-lo às exigências do momento.

Responderemos à «comercialização» e ao capitalismo feroz por este outro princípio da época, a cooperação.

Grupo homogêneo de artistas flamengos, *nós queremos* fazer uma chamada dos melhores elementos d'entre nós, sem nos contentarmos, unicamente, com os nomes consagrados nem com as tendências em moda.

Oxalá, o nosso esforço mereça a simpatia d'aqueles que veem, ainda, na arte uma virtude social indispensável e não um simples passa-tempo dos espíritos complicados. Pouco nos importam os outros...

O Grupo Querer

Bruxelas, Janeiro de 1925.



O pintor Albert Jourdain, no seu atelier, com sua esposa e filhos

VICTOR GONÇALVES, L.^{DA}

CHANGEURS - CAMBISTA - CHANGERS

RUA AUREA, 152 - LISBOA



POR mais que nos queiram convencer de que todos as personagens da novela ou do folhetim, que com tanta habilidade ou sugestão nos emocionaram, não são mais que frutos da fantasia literaria dos seus autores, fica-nos sempre a intima impressão de que esses heróis foram inspirados na vida real e tiveram corpo e alma, lutando e sofrendo como os restantes mortais.

Que os escritores no momento de contar ao publico a vida dessas criaturas excepcionais lhes tenham dado um colorido mais brilhante e as tenham colocado em um plano de teatralidade, reservando os *trucs* para os fins de cada capitulo e as scenas angustiosas para as ultimas paginas de cada volume, é evidente. O que, porém, nunca diremos é que todos a que les conflitos,

que todas essas personagens sejam criações exclusivas da fantasia exuberante dos escritores.

Quem ha que não tenha ouvido falar em Lord Lister (a) John Raffles, tipo ideal de aventureiro romantico, que os franceses qualificaram de «*Cambrioleur pour le bon motif*»? As façanhas do lord-ladrão, contadas pelo popular novelista E. W. Hornung conquistaram milhões de leitores na Europa e na America.

Raffles diferenciava-se de todos os ladrões

da novela folhetinesca aparecida até então. O seu avô, *Rocambole*, ficava a perder de vista a seu lado, pela inferioridade de imaginação e elegancia. Raffles iniciou a quadrilha dos heróis do roubo, que vestidos de *frak*, usando monoculo e ostentando uma crquidea vermelha na boteira, atravessarão uma sociedade poderosa e depravada, castigando-a, assustando-a e dominando-a até arrancar-lhe á força o dinheiro que, de modo inconfessavel, fôra extorquido aos desamparados da fortuna.

Ante a figura de Raffles, a serenida-

de e a força dos *policimens* e dos *detectives* de *Scotland Yard* chocam-se como uma bala de revólver contra o casco dum couraçado.

Raffles foi o primeiro ladrão simpatico que se ofereceu ao publico.

Até essa data, os novelistas, temendo a intransigencia dos leitores, colocavam invariavel e monotonamente a vitoria ao lado da policia, como unica defensora da virtude. Foi E. W. Hornung o primeiro escritor inglês que remeteu contra este costume.

Hornung escreveu, primeiramente, uma novela de trezentas paginas, que tinha por titulo o nome do seu heroi, *Raffles*, e era uma obra literaria, mescla de novela de amor e de aventuras, com bastante acção

e com certo ar literario, mas que, como quasi todas as narrações daquela epoca, termi-

nava com o classico casamento. O autor tentou vender a obra, mas todos os *magazines* se negaram terminantemente a publicar nas suas paginas um tão completo elogio dum ladrão e critica tão acerba á sociedade. Só em 1898 o novelista inglês conseguiu ver publicada a sua obra por um editor arrojado Tomás Crawon.

A publicação de *Raffles* produziu um verdadeiro escandalo; mas o rigido e intransigente leitor inglês acabou pos simpatisar com aquele endiabrado aventureiro que, apesar de

A verdade acerca de Raffles

por Reinaldo Ferreira

tudo, respeitava as normas sagradas do romantismo literario, combatendo o crime e recompensando a virtude.

O historiador de Raffles, chamemos assim a Hornung, afirma desde o primeiro numero que as suas relações pessoais e intimas com o celebre aventureiro não eram um mito.

Essas afirmações não mereciam aos jornalistas e investigadores uma confiança muito solida; mas, em 1906, n'uma entrevista concedida a Marcel Marx, Hornung afirmou categoricamente a existencia de Raffles.

Inutil é descrever o exito que Marcel Marx alcançou com esta entrevista.

Houve um momento de especção; depois começaram a chover cartas dos milhares de leitores de lord Lister, inquirindo a verdade. Hornung, acediado largamente, acabou por ceder, publicando no *Sun Magazine* de Chicago as confidencias e memorias de Raffles.

A primeira declaração que E. W. Hornung fez, no seu artigo inicial, foi a de que Lord Lister na vida real foi o aventureiro que nos fins do seculo passado aterrorizou Londres com as suas façanhas, e que a policia e os jornais designaram com o nome de *Spectrus*.

Ao leitor português que, naturalmente, não está ao corrente de quem foi *Spectrus*, devemos as seguintes aclaarações. Ainda hoje o nome de *Spectrus* é citado com certo espanto, apesar das vagas informações que a seu respeito correram.

Sabia-se, por exemplo, que varios banqueiros desapareciam, misteriosamente, dos seus domicilios e que ao reaparecerem diziam, iracundos, que tinham sido vitimas de *Spectrus*; mas na maioria dos casos negavam-se terminantemente a prestar declarações á policia; sabia-se tambem que durante alguns bailes dados nos palacios dos grandes plutocratas ingleses, uma mão misteriosa retirava, suavemente, os valiosos colares das gargantas femininas. Acusava-se *Spectrus*, mas nada se declarava á policia. Assim das extraordinarias aventuras de *Spectrus* nada ou quasi nada chegava aos ouvidos das outras classes.

Pode afirmar-se que os elementos da alta sociedade, vitimas de *Spectrus*, tinham o maximo cuidado em ocultar as suas proprias desgraças com receio de cair em outras piores.

Spectrus, ou seja Raffles, quando abandonou a sua verdadeira personalidade para lançar-se na vida absurda e arbitraria que foi a sua, mescla de aventureiro e sacerdote, de ladrão e

juiz, apenas tinha vinte e quatro anos. Aos dezoito doutorara-se em direito e até então seguira com monotonia a existencia tranquilamente egoista de quasi todos os filhos das familias nobres.

Como era Raffles? Nem as vitimas, nem a policia, nem mesmo os seus protegidos o sabiam. Poucos eram os que lhe tinham falado, sem que as trevas ou, pelo menos, a penumbra lhe impedissem a visão do seu rosto. E quando aparecia á luz, sempre uma mascara negra lhe dissimulava as feições. Só as suas mãos eram conhecidas: umas mãos muito finas e aristocraticas, com as veias azuis á flôr da pele e uns dedos delgados. Conheciam-se as suas mãos, porque uns as tinham sentido sobre si, e outros delas tinham recebido auxilio em momentos de terrivel angustia.

Eis como o autor das aventuras de Raffles o descreve:

—Raffles tinha o rosto anguloso, o perfil estreito, o cabelo negro meridional e brilhante, olhos complexos de uma côr estranha, indefinida, transparente; as suas feições em conjunto apresentavam um ar simultaneamente sereno e cheio de expressão, violento de energia e vontade e iluminado por uma grande bondade.

Uma vez — continua E. W. Hornung num dos seus artigos — surpreendi Raffles contemplando uma fotografia em que uma encantadora mulher se apoiava no seu braço.

A fotografia representava a princesa W... Que significaria aquele retrato? Que especie de relações teriam existido entre Raffles e a princesa, para que esta se deixasse fotografar com o famoso aventureiro, numa pose tão idilica?

Raffles explicou-me:

—Creio já lhe ter dito que o governo inglês me enviou nos ultimos tempos da minha breve carreira diplomatica a um dos países balcanicos, para realizar determinada missão. No meu caminho tropecei com esta mulher que me atirou para a vida irregular que levo. A aristocracia e a plutocracia do país que percorri, receando que eu contasse ao governo a tirania economica com que tinham sujeito o povo, encarregaram a princesa W... de conseguir com as suas falsas promessas de amor, aquilo que sabiam não poder alcançar por meio de dinheiro. E foi tão completa comediante que cheguei a enamorar-me... Um dia compreendi o logro. Mas a minha derrota não pode ser proclamada durante muito tempo, porque pouco depois essa mulher voltava para mim, disposta a servir-me fielmente...

Muita gente imagina que a minha obra sobre Raffles, continua narrando Hornung, corresponde na totalidade, e em cada um dos seus episodios á verdade integra, e que a minha tarefa se limitou a reproduzir o que ouvi contar. Não é assim.

— Raffles negou-se sempre a contar inteiramente qualquer das suas aventuras, contentando-se em reproduzir algum detalhe gracioso ou momento de perigo.

O fim duma vida de aventuras — Vivia em Londres uma jovem polaca, que estudava medicina numa clinica de Richmond. Algumas vezes Raffles flirteou com ela nos largos passeios que davam nas aleas socegadas de *Hyde Park*.

Numa das suas lutas, o aventureiro foi gravemente ferido e receando que a sua ferida fôsse uma pista que descobrisse a sua verdadeira personalidade, ocultou-se e apelou para a unica pessoa que lhe merecia confiança. E á joven doutora contou a verdade.

A jovem tratou-o como um irmão, e concluida a cura, Raffles, loucamente enamorado, pediu-lhe para ficar junto dele, para sempre. A jovem, porém, impoz como condição suprema o abandono da vida de aventuras.

Casaram em Maio de 1884 e, em Dezembro do mesmo ano, Raffles, com a sua verdadeira personalidade, regressou das supostas viagens pela Asia e voltou á sua antiga vida de sociedade.

O GRAN DOUTOR PSICOSE DO FAUSTO

TRAGI-FARÇA EM I PRO-
LOGO E CINCO JORNADAS
ANDADAS EM COIMBRA

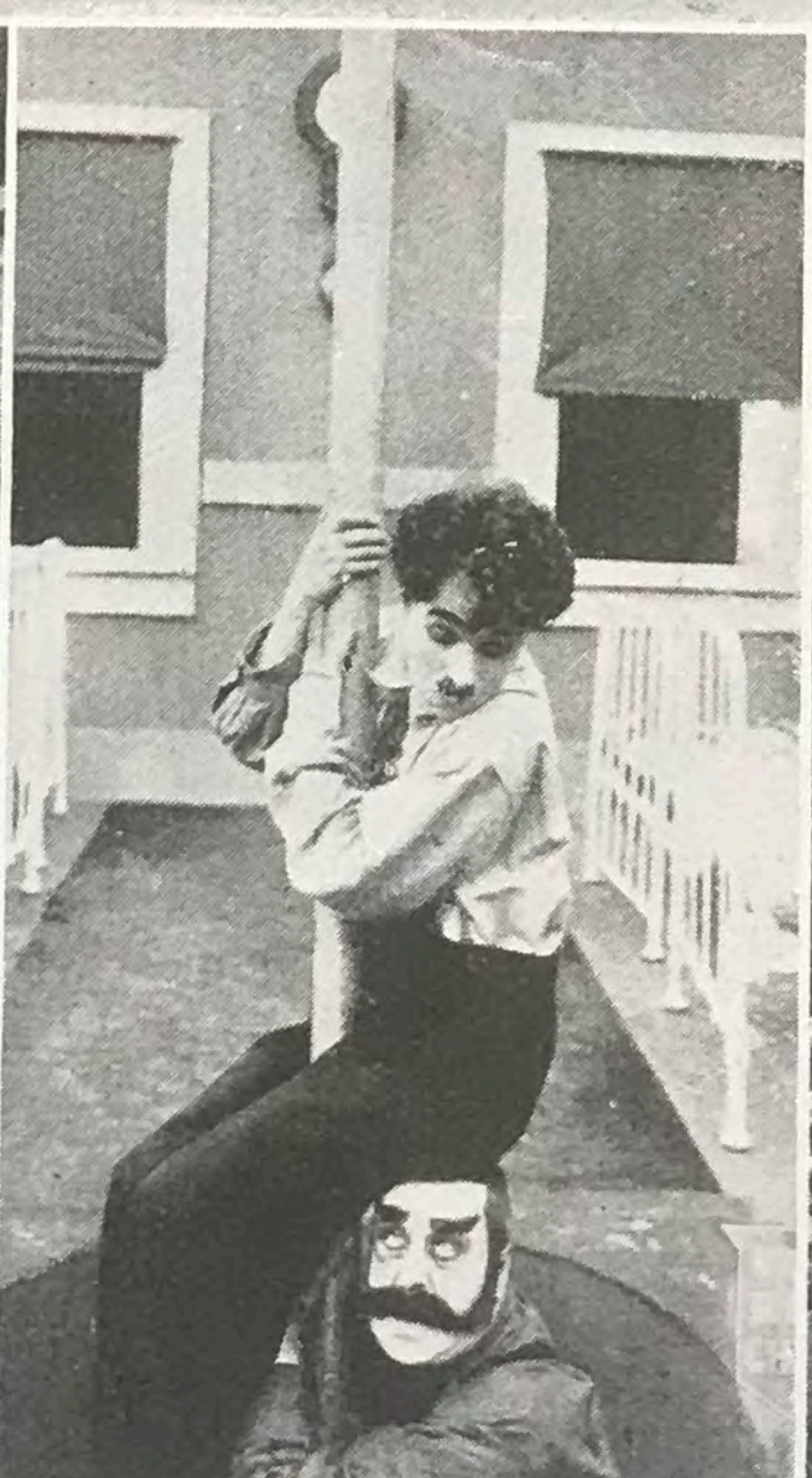
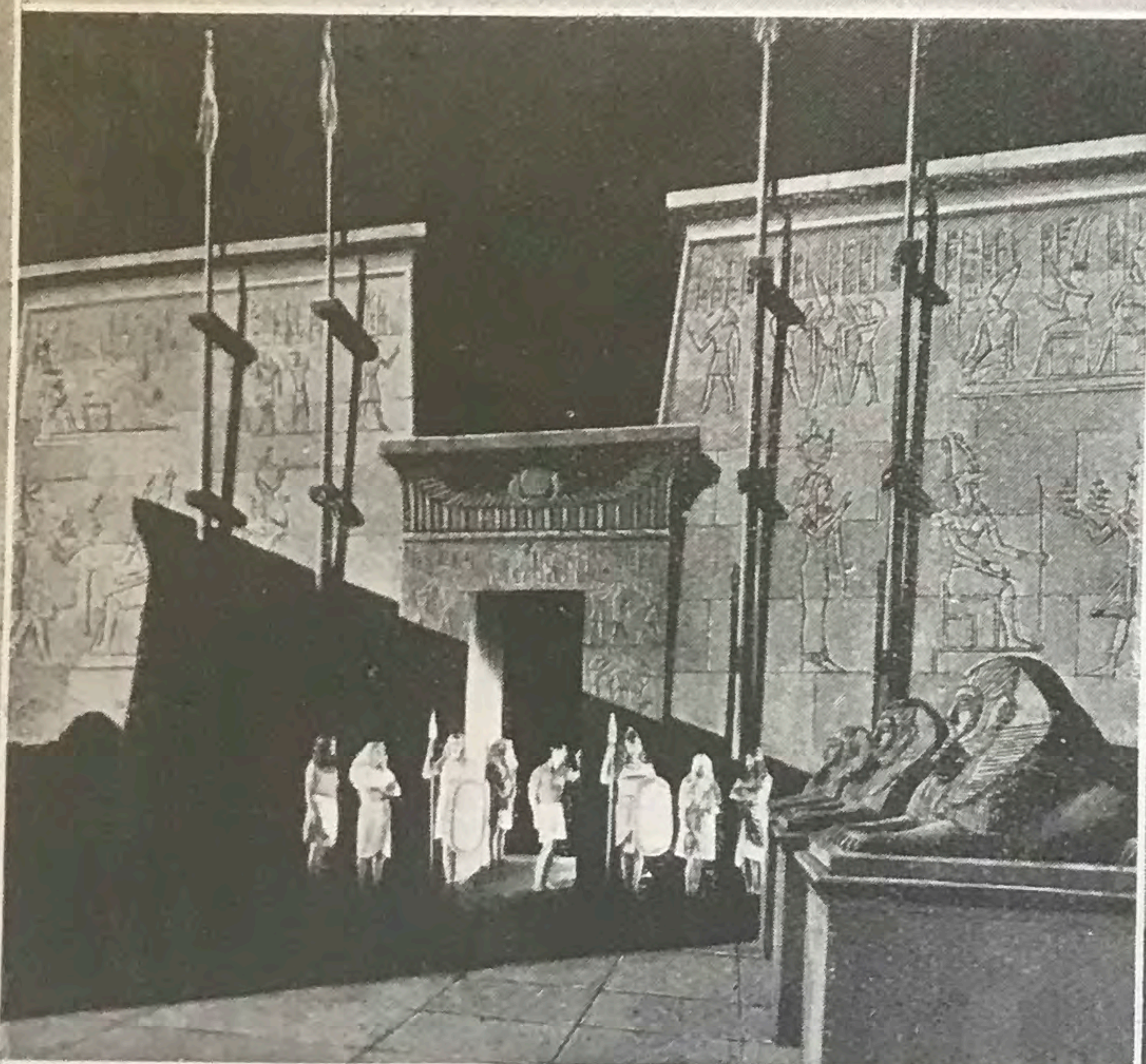
POR COELHO
DE CARVALHO

A SAÍR BREVEMENTE

films



Um idolo hindú - criação do film Savitri - Sativan.



Uma criação de Elianor Boardman — Charlot bombeiro — Mae Busch — Duas curiosas scenas do «Fim do Duque Ferrante» — Dois aspetos da «Dansarina do Nilo» creada pelo metteur-en-scene portuguez — Xavier Machado e uma criação de Chaplin.

O DESPIDO

NO

CINEMA



A espaços largos, surge na baila das discussões e polémicas de maduros ou vadios, a coceguinta questão do *nú* no teatro, do *nú* na arte, do *nú* na literatura. Asnos e tolos esverrumam o cerebro em busca de argumentos, seja a bem da ficticia e tansa moral dominante, seja a pousar para a galeria de satanistas, reprobos e devassos d'orgia barata de café e bagaço. Uns e outros, são patetas. Os primeiros porque enchem as bocarras idiotas com as revistas do «Palace» do «Casino de Paris» e «Concert Mayol» que já viram numa ilustração emprestada e queriam á força ter aqui ao pé, economicamente, aquelas cantaridas para o seu gasto temperamento de viciosos precoces, outros porque julgam possível taxar a beléza pagã das cousas, aprisionar o ritmo vencedor da carne nas pautas do bom senso ou nas linhas secas e insonsas duma bula, ambos porque clamam contra o *nú*, quando só os obseca o *despido*.

Efectivamente, o que atafulha as montras dos livreiros de *boulevard*, o que farfulha nos palcos das revistas mirabolantes da idade do Jazz, o que cabriola em todos os decoradores modernos, em guinchos de côr, em fugas de luz é, não aquele sereno e magestático *nú* academico, superior na sua divina beleza ao desejo e á excitação, mas sim o «despido» sabio de contrastes, de perversidades, de incitamentos ao pecado. E pode dizer-se sem exagero que hoje já não pode haver *nú* porque tudo, almas e corpos, mente e be-

leza, anda despido, perversamente, incitadamente despido.

*

* *

Aquilo que no teatro se discute, se reprova ou se defende com a mesma loucura, admite-o o *cinema* essa suprema expressão da vida d'hoje, com naturalidade, com desenfado, com frescura. Parece, á primeira vista que assim não devia ser pois que o teatro, tendo por complementos da plastica das mulheres despidas, a côr garrida dos trajes, a policromia desnorteadora das decorações, o zumbir gritante desta musica enervadora, de fatalidade, que hoje inunda a vida, a palavra divina duma grande artista, ou a voz de encanto duma grande cantora, devia tornar mais apagada a impressão luxuriosa, provocadora, excitante, perversa, da estatua impudica, velada por gazes, sexo envolto em malhas douradas in-

discretas como confissões, pernas nuas maquiadas como faces, labios obscenamente rubros numa sugestão cantaridante. E não é assim. Na penumbra do cinema, penumbra propicia ao pecado, sem distrações extrínsecas, os sentidos todos convergindo num só, dando á vista uma nova acuidade mais perfeita, o mesmo homem que rugiu no music-hall, a uma distancia dos artistas que exclue qualquer intenção de contacto imediato, assiste impassível, dominado, domado mesmo, ao desfile inebriante das formas da mulher.

Respeita aquela beleza como respeitaria no palco uma excelsa comediante que, deante dum areopago de figuração, arrojasse singelamente o manto longe do maravilhoso galbo do seu corpo, deixando-o severamente, completamente nú como um marmore animado pela fantasia sublime da vida. E' que o teatro é d'ontem, da época do nú, enquanto que o cinema é de hoje e d'amanhã destas divinas e destrambelhadas eras do «despido», das «parrures» excitantes, das malhas de seda afrodisiacas, dos estudos complicados do contraste da carne com a rouparia, em que a atitude natural da mulher parece ser aquele escorço gracioso, fragil, dengue do momento excelso

em que o vestido enrugado lhe envolveu os pésitos arqueados como um pedestal perverso de Tanagra extra-moderna.

*
* *

O despido, é modernamente um dos grandes elementos decorativos dum *metteur-en-scene*. Assim, depois que os italianos desenharam em todos os escorços serpentinos o galbo de raça e a carnadura mâte de Bertini e de Menichelli, depois da maravilha de pecado de Pola Negri na Alemanha, esculpida pelas mãos de Lubitsch ou José May, vêem as modernissimas concepções, Rina de Liguoro, matronil, estatuaria, emprestando a «Messalina» a mais perturbante das seducções, erguendo orações a Brahma em «Savitri-Sativan» numa oferta sublime dos seus seios perfeitos e nus como duas magnolias beijadas, fazendo do seu corpo unico, a argila perfeita em que Guazzoni esculpiu a sua celebridade, Antonietta Calderari, dando em bacanaes da Renascença a prodiga visão do seu corpo harmonioso, Henri Fescourt, Pierre Giles e outros francezes da ultima camada, apreendendo dos russos de Albatrós, Tourjanski, Volkoff, Mousjoukine, a trabalhar com

as carnações admiraveis das mulheres belas, como com novos «sunlights», produzindo belas bacanaes do seculo XVIII, encanto perfumado dos Trianons, «fumeries d'opium» imaginadas pela divina Collette, «brasseries» de Garçones, superiores á prosa insonsa de Margueritte.

E o publico de todos os continentes vê os seus corpos despidos, sabiamente despídos e não protesta como os puritanos ante o «Concert Mayol». As mesmas familias que recusariam a entrada em suas casas a um numero do *Paris-Plaisir* ou a um volume de Felicien Champsaur, veem á noute, no écran metálico um desfilar provocante de *girls* de Mack Sennett, de Gorham ou de Fox, cingidas nos seus indiscretos maillots, muito despidas em vaporosas combinações e não se ofendem, não gritam moralidades absurdas, porque a beleza que o cinema empresta a tudo, junto com a saúde que tudo exala nessa arte excelsa desta hora jazz-bandesca que passa, domina as paixões baixas e põe a beleza *despida* d'hoje no lugar de destaque que tinha o nú sereno e augusto nos grandes palacios de marmore de outras épocas grandiosas e austéras.

ECRAN



JACKIE Coogan, o garoto de Charlot, veio á Europa trazer aos orfãos armenios um milhão de *dollars*, brinquedos e vestidos.

O minuscuro do *écran* foi exibido em Londres, Paris, Roma, Viena e Budapesth, por uma multidão em delirio.

A recepção que obteve em Paris só encontra termo de comparação nos dias triunfais da visita do Presidente Wilson, escreveu Jean Vignaud, no *Excelsior*. Nos arredores da gare do Norte aglomerava-se a enorme massa dos espectadores que não conseguira alcançar a estação, onde se acotovelavam os jornalistas, os representantes do mundo cinematografico, os fotografos, etc.

Quando, no dia seguinte, Jackie entrou em Notre-Dame, a multidão invadiu o templo, derrubando cadeiras, interrompendo o officio divino para... contemplar um garoto de nove anos.

* * *

A fabulosa fortuna alcançada por Jackie é fruto duma educação cuidada e dum ensinamento moral, de que os pais do artista teem dado um belo exemplo.

Artistas comicos, os pais de Jackie percorriam a America de lés a lés, levando consigo o filhito, porque deixá-lo em Los Angeles com uma ama, representava uma despesa incompativel com o limitado orçamento do casal. Enquanto os pais representavam, o futuro rei do cinema dormia no camarim num pequeno berço improvisado.

Uma noite, porém, no Music-Hall de Riverside, Jackie acorda, vê-se sosinho, chama pela mãe e como ninguem lhe responde, vá de saltar o baluarte de cadeiras e partir em busca do colo materno... um corredor, um camarim, outro corredor... Jackie chora já, quando no dedalo sombrio dos bastidores lhe surge o



Jackie Coogan

O Garoto Inimitavel

fio salvador: a voz materna. *Mistress* Lilian Coogan cantava em scena um dueto com o marido. E como um foguete, o petiz arrastando a camisita de dormir, atravessa o palco e vai agarrar-se ás pernas da artista.

Uma gargalhada do publico acolheu a interrupção do numero; os Corgan, confusos, calam-se um momento, mas o pai tem uma ideia salvadora: ergue o filho nos braços e pede-lhe que recite a ultima fabula que aprendera.

Jackie recita, com tanta naturalidade e encanto que a sala inteira se ergue numa estrondosa ovação ao minuscuro actor, em camisa.

No dia seguinte, Jackie, com dois anos e meio de idade, assina a rogo o seu primeiro contrato.

* * *

O exito alcançado pelo filho alarmou o espirito equilibrado de Lilian Coogan.

Não lhe iriam as palmas e os bravos transformar Jackie num vaidoso insuportavel?

Era preciso destruir qualquer orgulho precoce, qualquer inclinação irreflectida. E, carinhosamente, a mãe applicou as admiraveis

qualidades de intelligencia da criança na compreensão do Bem e do Bom.

* * *

Só assim se compreende que, quando Charlie Chaplin pede a um garoto de cinco anos que exprima sentimentos profundos e humanos, resulte a obra extraordinaria que se chama *The Kid*.

* * *

Raymond de Maratray, o biografo de Jackie, conta-nos como se deu o encontro entre os dois azes do cinema:

Charlot procurava uma criança para realizar o seu *Kid*, quando alguém lhe falou no actorsito de Riverside. Charlot viu Jackie, e este

agradou-lhe. Durante um mês o garoto frequentou o estudio de Hollywood, para se familiarizar com a arte do silencio.

E uma noite, quando Jackie se ia deitar, apeou-se dum magnifico automovel, Chaplin envergando o fato celebre, calçando as botas enormes e com o seu minuscuro chapéu; e sentando-se á cabeceira do garoto, contou-lhe, para o ajudar a dormir, o *scenario* do *Kid*.

E inteligentemente, sem forçar o cerebro da criança, o genial comico ensinou o papel ao companheiro, contando-lhe a historia comovente do garoto abandonado.

The million dollars boy.—O garoto do milhão de *dollars*, é o valioso cognome de Jackie. O pequeno Coogan ganha actualmente 500:000 *dollars* por ano, ou seja 10.500 contos da nossa moeda.

Jackie já não trabalha com Charlot, os acasos da vida artistica e talvez, um pouco, as exigencias brutais do lucro, afastaram-no do Rei do Riso.

Jackie será homem, Charlot excedido por outros terá abandonado o *écran*, mas estamos certos que no coração de Jackie ocupará sempre um lugar de honra a figura grotesca e boa do homem que lhe abriu o caminho da vida com chave de ouro.

Europa

SALÃO D'OUTONO



Quadro de Milly Possoz



PRISIONEIRA DA VIDA

Novela por JOSÉ ADOLFO COELHO

Ilustrações de EDUARDO MALTA

A neve, lentamente, numa queda silenciosa de flocos brancos, atapetava a encosta gelada. Uma calma impressionante reinava sobre as forças adormecidas da natureza, e a lua, reflectindo-se na neve eterna, emprestava á montanha uma irização apoteótica.

Como um grito de audacia, a obra do homem, lançada a meio da encosta, quebrava com a sua silhueta luminosa a brancura monotona do declive gelado. Em torno, como sentinelas vergando ao peso da responsabilidade, os pinheiros dobravam-se sob o capuz branco da neve. Perdido na solidão da montanha o Hotel de Altitude regorgitava duma multidão cosmopolita, encasacada, decotada, redopiando nos passos complicados do ultimo *fox-trot* ou flirteando, tão naturalmente como em Hyde-Parek ou no Luxemburgo.

As janelas, cuidadosamente fechadas e a *chaufage* sabiamente distribuida, ofereciam aos hospedes do Hotel uma temperatura amena de primavera, que permitia o *decolleté* audacioso das mulheres.

Terminara o jantar e uma onda variegada precipitara-se para as salas de baile, de leitura e de jogo. Todas as raças, todas as profissões se acotovelavam, livremente, naquele meio acolhedor. Simples turistas, indistintos, moldados pelo Baedecker, doentes a quem o sanatorio assustava, diplomatas da vizinha conferencia de Ginebra, aventureiros, banqueiros, buscavam no

grande *caravanserail* uma distracção, um aspecto novo, o ar da montanha ou uma protecção contra as indiscrições da policia.

Mil intrigas se esboçavam, conhecimentos de um dia, amizades e odios debatiam-se sob a etiqueta igualitaria do *smocking* e da casaca.

A um lado *Monsieur* Hubert, o caquetico segundo secretario perpetuo do conselho da Liga das Nações, degladiava-se com a mulher, parisiense viciosa, que muda de amante, quando muda de hotel!

— Não tiraste os olhos dele durante todo o jantar!

Madame Hubert, mordendo os labios, avivados a *baton*, retorquiu furiosa:

— Que estupidez! Um *boxeur*!

Mas Hubert, concededor do temperamento da esposa, insistiu:

— Por isso mesmo, agradou-te o brutamontes.

O brutamontes em questão era o celebre *boxeur* Noël, duas vezes campeão do mundo.

Antigo magarefe do Matadouro Municipal de Paris, o *boxeur* da moda, espartilhado num fato do melhor alfaiate parisiense, não conseguia esconder a forma simiesca dos braços tortuosos, terminados pelas mãos enormes, duras como maçãs, que eram a sua fortuna.

Por seu lado, *mistress* Smithson, viuva do rei do petroleo, a quem não passara despercebido o *flirt* de *madame* Hubert com Noël beliscava com as unhas rosadas o *biceps* petreo do amante, afirmando entre dentes:

— Estiveste sempre a olhar para ela, que eu bem vi!

Noël, incapaz de argumentar, sem ser a sôco, encolheu os ombros.

Mistress Smithson passava já dos quarenta anos, mas o bem estar que lhe proporcionava a fortuna colossal do falecido rei do petroleo, poupava-a das injurias do tempo, permitindo-lhe ostentar uma beleza um tanto vulgar, mas atraente. Ia longe o tempo em que um encontro fortuito a lançara nos braços do vigoroso *docker*, que era então *mister* Smithson. Um *bar* explorado de sociedade acabara por os unir pelo matrimonio. Mas o espirito audacioso do futuro milionario, descontente com o magro rendimento do *gin*, do *whisky* e da cerveja, levava-o a empregar as economias do casal na aquisição dum terreno pedregoso, perdido nos confins dum estado desertico, onde *mister* Smithson queria cultivar laranjas.

Ao fim de um ano as laranjeiras tinham morrido todas, mas um *prospector* descobria um rico jazigo de petroleo no terreno pedregoso de *mister* Smithson. Tempos depois o *ex-barmann* recebia a agradável alcunha do *Rei do Petroleo*.

Uma apoplexia fulminante libertara, havia um ano, *mistress* Smithson da tutela agressiva do esposo, permitindo-lhe gosar a vida a seu talante. Era Noël o seu *beguin* actual, razão porque, com um movimento brusco dum braço que rolara os barris de *gin*, no *East new-yorquino*, arrastou o *boxeur* para o jardim de inverno, onde,

furiosa, viu o seu lugar predilecto occupado por Maria Helena, a portuguesa morenita, que ria, interessada pelas bizarras declarações do fúnebre lord Fenimore.

O inglês, maniaco, protestava:

— Mas não é crueldade, minha senhora. Eu busco, simplesmente, o vislumbre de grandeza do homem que se defronta com a morte. Apesar duma civilização milenaria lhe ter embotado as qualidades viris, que lhe permitam lutar, peito a peito, com as feras; ha momentos em que o homem, habituado a dormir em colchões de penas, a transportar-se em commodos automoveis, a dominar a dôr com a morfina; sente em face da morte um ressurgimento de todas as suas energias ancestrais. A moleza cede, então, o lugar á coragem, o estúpido torna-se inteligente, o fraco sente-se forte. Eu vi em Espanha matadores, bossais e torpes, que na arena, em frente do touro, desenvolviam prodigios de elegancia e inteligencia.

Os olhos, negros, de Maria Helena fitaram-se inquietos no rosto, cuidadosamente escañoado, de lord Fenimore. Ao seu temperamento de meridional repugnava a crueldade fria daquele inglês, que encontrava todo o seu prazer nas convulsões dos moribundos.

— Mas, desta vez, lord escolheu mal o seu país. Não me parece que esta tranquila Suíça lhe ofereça grande numero de espectaculos de *frisson*.

— Está em erro, minha senhora — protestou o inglês.

— A Suíça tem as avalanches, as ascensões mortais, as geleiras e os abismos. Vou tentar a ascensão da Jungfrau com um guia prometedor. E' Hans, o montanhês que acompanhou lord Douglas, que morreu numa geleira do Monte Cervin. Foi tambem guiado por ele que os irmãos Zenot encontraram a morte no Weterhorn, e foi ainda com ele ..

— Basta, interrompeu Maria Helena, esse homem é um verdadeiro chamariz da morte...

— E' um precioso auxiliar, confirmou o maniaco.

Eram duas figuras curiosas as que sustentavam este dialogo num recanto aquecido do magnifico jardim de inverno do Hotel.

Maria Helena representava, na sua mais bela expressão, o tipo da mulher peninsular. Alta, forte, duma silhueta elegante, sem exagero de curvas. Apresentava uma tês morena, em que o *maquillage* natural dum sangue rico, punha um carminado discreto. Os cabelos negros e brilhantes emolduravam-lhe artisticamente a oval, regular, dum rosto expressivo.

Maria Helena divergia completamente do genero femenino, a que se convencionou chamar moderno, dessa criação exotica de formas androginas, de cabelos cortados e rostos *fardês* de bonecas. Era a mulher portuguesa, suma essencia da mulher peninsular, correcção estilizada da andalusa.

Maria Helena fôra educada em casa da madrinha, velha fidalga, a quem a carreira diplomatica do marido, arrastara por todas as capitais civilizadas, num arejamento salutar de preconceitos, sem, contudo, destruir o nucleo moral do catolicismo; Maria Helena, recebera d'ela

uma cultura solida, um pouco puritana, que engrinaldara a sua personalidade forte de plebeia com um brilho aristocratico.

Os pais de Maria Helena, pequenos comerciantes da provincia, amontoavam num trabalho lento de formigas o dote da filha unica, vivendo longe dela, na sua ambição de a verem tal qual uma fidalga.

Calma decorrera a existencia de Maria Helena, junto da condessa de Remil, no velho casarão apalaçado, do Campo Grande, até ao dia em que a fidalga, aos primeiros rebates da morte, se sentira invadida pela saudade avassaladora da vida de outrora, do bulicio das grandes cidades, da confusão babelica dos centros por onde acompanhara o conde nos seus brilhantes exitos de diplomata.



Com um salto brusco, Maurel barrou-lhe o caminho da porta

E sob o pretexto, mentiroso, de que Maria Helena necessitava viajar e conhecer o mundo, fizeram-se as malas com precipitação, e febrilmente com medo de não chegar a tempo, partiram para Paris, apenas acompanhadas pelo velho Manuel, que servira com o senhor Conde.

Na Cidade Luz, ante o movimento opresso dos «boulevards», o buzinar incessante dos automoveis e o relampaguear estonteante das «afiches» luminosas, a condessa de Remil sentira-se renascer. E à noite, no Hotel, serviu-se pela primeira vez, havia trinta anos, dum «baton de rouge», que comprára dissimuladamente, no Lubin.

Maria Helena comovida, assistiu à metamorfose, delirante, da velha fidalga, apoiada na sua juventude forte e bela.

E depois, Berlin, a cidade cinzenta, com a sua alegria dolorosa do post-guerra, Viena Roma,

onde o espirito culto da condessa de Remil lançara tesouros de luz no pensamento da sua companheira.....

...E um dia, a Suíça, branca e verde, com os seus pinheirais escuros que deixavam no coração de Maria Helena a saúdade das cores vivas do seu Portugal.....

O Dr. Maurel, director do sanatorio para tuberculosos, que se erguia quasi no alto da montanha, entrou no jardim de inverno.

Orçava pelos trinta anos, alto, forte, a fronte rasgada e inteligente. Era um bellissimo exemplar do cientista moderno. O rosto glabro rosado pelo ar frio da montanha, deixava adivinhar os musculos voluntariosos duma organiação combativa.

Ao ver Maria Helena um fugitivo relampago iluminou-lhe o olhar. Tinham se encontrado dias antes, e a formosura meridional de Maria Helena impressionára-o fortemente.

Galantemente beijou-lhe a mão e saudou Lord Fenimore, que discreto, pediu licença para se retirar.

Maria Helena procurou a condessa de Remil com o olhar e tendo-a visto pelo braço de monsieur Hubert, abandonou-se ao prazer do tête-a-tête. A fidalga portuguesa, para quem os diplomatas representavam o escol da humanidade, encetára uma longa conversa com o segundo secretario do Conselho da Liga das Nações, na qual se tratava da politica astuta do Chanceler de Ferro, de Sua Magestade o Imperador da França e da boa imperatriz Eugenia, gloriosas sombras que continuavam vivendo na memoria da boa senhora. E Monsieur Hubert, furioso por não poder vigiar os «flirts» de madame, metia os pés pelas mãos; acabando por declarar que a diplomacia do Imperio nunca fora o seu forte.

Deve dizer-se, em abono da verdade, que tampouco era forte na diplomacia da República.

Entretanto Madame Hubert livre do marido, conversava, animada com o boxeur.....

— Reccei que não viesse esta noite. Disse Maria Helena.

— Porquê? perguntou Maurel, com interesse.

— Minha madrinha resolveu partir amanhã, e desejava despedir-me.

Se os olhos de Maria Helena estivessem pousados no seu interlocutor, teria ficado assombrada com a alteração subita que o rosto de Maurel experimentára.

Empalidecera mortalmente, os seus olhos claros tinham-se escurecido, raiando-se de sangue, um tremor convulso, agitava-lhe, por momentos, os labios descorados.

— Minha senhora!

O som estranho daquela voz, interior, profunda, quasi tremula, fez com que Maria Helena fittasse o companheiro.

— Minha senhora. Hesitei em dizer-lho .. mas a sua partida, brusca, não me deixa o tempo necessário para a preparar, gradualmente... a simpatia que me inspira... e a necessidade...

O director do sanatorio deteve-se, como que exausto.

Maria Helena pousando a mão sobre o pulso gelado de Maurel, inquiriu assustada:

— Que quiere dizer, doutor? Não o compreendo.

Com a voz metálica, sem inflexão, o médico continuou:

— A senhora não deve sair da Suíça.

— Mas porquê, doutor?

— Necessita deste clima de neves para viver.

— Fôra daqui, a sua vida periga.

Maria Helena levantou-se, rígida, como se subitamente todo o seu calor se tivesse concentrado no coração. Pareceu-lhe que grandes chamas vermelhas a rodeavam.

— Então, estou tuberculosa?

— Perigosamente. Mas, nesta região pode curar-se.

Como dois jorros potentes duma caldeira solteiramente lançados, as artérias lançaram-lhe no cérebro o sangue longamente contido, e os acordes da orquestra fizeram-lhe vibrar os ouvidos como janelas duma casa abandonada, batidas pelo vento.

II

Como que acordando dum pezadelo horrível, Maria Helena olhou em torno de si.

Encontrava-se num quarto vasto, em que o «parquet» reluzente fazia ressaltar os moveis brancos dum vago estilo de casa de boneca, que a olhavam com o brilho agressivo da última camada de tinta.

A um canto, baixo, alongado como um sarcófago, encontrava-se o divan, apropriado às longas vigílias dos tuberculosos. E tudo branco, muito pintado, numa preocupação higiénica, que era a recordação viva da doença.

Um longo soluço agitou-lhe o peito. Mais agradável parecia ao preso a cela nua e gradeada do que aquele quarto bem mobiliado, com quadros nas paredes, e flores nas jarras.

Ao preso restava, sempre, a esperança da fuga, da liberdade. As grades serram-se e os carcereiros compram-se ou matam-se. Mas, ali na gehena branca, não ha grades; mas ha um carcereiro invencível, a tuberculose.

... Pela primeira vez, Maria Helena sentiu uma dor aguda cortar-lhe a respiração, e como um dobre a finados, ecoaram-lhe no cérebro as palavras de Maurel.

Levantou-se dum salto. Então aquilo era um sanatório. Era aquela a prisão onde teria de esperar a morte. E estava só, abandonada, ante a inimiga terrível...

A condessa voltara para Portugal, muito velha, desde que lhe faltara o apoio da sua juventude forte. Apressadamente, aniquilada pela dor de perder a sua querida Maria Helena, a fidalga de fugira, com medo de não chegar a tempo de morrer no velho casarão do Campo Grande.

E como uma ironia, o «baton de rouge» comprado dissimuladamente no Lubin, ficara esquecido no «toilette» do Hotel.....
Maria Helena via-a, agora, na viagem, muito triste, apoiada ao braço respeitoso do velho Ma-

nuel, mudando de comboio, numa fuga apressada; e depois Lisboa, a casaria apinhada, com muito sol, um sol muito claro, como não ha em mais parte alguma do mundo.

Vinha-lhe uma recordação suave da cêrca socegada do velho casarão do Campo Grande. Lá ao fundo, escondida pela ramaria das tilias, a fonte cantante, muito fresca. E o semi-circulo de bancos de pedra, em torno do filete cristalino, que saia dos labios da carranca, que o artista não quizera fazer maldosa e que sorria um pouco atravez das suas palpebras de pedra. E atraz de cada banco um painel de azulejos, muito azul, com a lenda encantadora, que lhe embalara a imaginação:

No primeiro, o principe garboso, montado no

torce os braços, invocando o auxilio do ceu sobre o cavaleiro salvador.

No seguinte: a luta furiosa, faiscando as espadas no embate do ferro contra o ferro. E era tal a verdade do quadro, que Maria Helena sempre, receara ver saltar aos pedaços os azulejos contundidos pela espada dos combatentes. E quando vencedor, o cavaleiro erguia um agradecimento às nuvens azuis do painel, era ainda a incognita dum buraco do azulejo que encimava o corpo do herói.

Que sanha odienta levaria o misterioso destruidor a aniquilar, sistematicamente, as feições, sem duvida, belas do principe da lenda?

E no último quadro, os labios da dama, libertada beijavam tambem o vazio do destruido

rosto, enquanto, estendido por terra, com um braço decepado, o gigante vencido, sorria estranhamente, contemplando o par.

Sempre Maria Helena se indignara com aquele sorriso, fructo, sem duvida, dum capricho inexplicavel do artista. Um dia o conde de Remil explicara-lhe rindo, que naturalmente, aquele sorriso queria dizer que o cavaleiro ao abraçar a dama abria por suas proprias mãos o caminho dum longo purgatorio; vingança essa, que fazia sorrir o gigante vencido..

Maria Helena chorou amargamente, a mesma mão que picara, impiedosa o rosto do principe viera agora, apagar-lhe o traço radioso da esperança.

Apavorada, correu à varanda larga para onde se abria a janela; separada das outras por uma parede vidrada, atraz da qual se ouvia por vezes a tosse cavernosa dalgum doente mais perigoso, a *Privatliegehalle* como lhe chamavam os prospectos, constituia um cantinho solitário, em contacto com o panorama radioso da montanha. Com um capacete gelado a visão soberba condensou o turbilhonar incandescente dos seus pensamentos.

Ao longe os picos nevados rasgavam o azul, num atropelo de titans apressados, a radiação solar beijando as arestas tingia-as duma coloração rosada, enquanto nos concavos, o escuro sombrio se concen-

trava em manchas pesadas. Depois, lentamente, o sol foi descendo, coloriu uma última vez a neve eterna e a sombra gigantesca, alargou-se, apagando a brancura da neve, baixou sobre a linha dos pinheirais, atravessou o vale, diluindo tudo no seu manto triste, e galgou a encosta ao assalto do sanatório, trepando à varanda, numa vaga pesada de treva e espanto. Maria Helena, fôra recuando, cedendo o terreno à Sombra, que invadia já o quarto, acinsentando os moveis brancos; e como uma creança, cheia de medo, escondeu o rosto no divan, chorando.

III

Rollier entrou, sem bater, no gabinete de Ma-



... ficou plenamente nua, em face do grande espelho...

seu corcel de batalha, brandia uma espada muito grande, na mão direita que o artista deformara para poder segurar na bizarma; e a armadura com as suas complicadas articulações, emprestava-lhe a vaga semelhança dum anelidido tornado homem.

Altivo, o guerreiro prescrutava o horizonte, na ancia de descortinar o inimigo temeroso.

E certamente o seu olhar se se deveria incendiar de coragem ao enxergar o castelo do último azulejo. Mas aí! Um vandalo picara, pacientemente, as feições do principe.

No segundo painel, a mesma mão maldosa destruiu o rosto do herói, poupando a carranca gorgonica do gigante, que do castelo desce, enquanto sobre as ameias a princesa cativa es-

rel. Este, que escrevia uma carta, levantou os olhos e fixou-os no seu auxiliar.

Silenciosamente, Rollier fitou no amigo um olhar de espanto e angustia.

Um rictus nervoso erguia-lhe as commissuras dos labios secos, e um ligeiro tremor agitava-lhe os dedos sensiveis, de clinico. Apoiou-se na secretaria para encarar, melhor, Maurel, e curvado, numa attitude de expectativa torturante, parecia inclinar-se sobre o poço donde sairia a verdade.

Maurel, pesquisado pelo olhar ancioso de Rollier, empalideceu, e os seus olhos tornaram-se duros e opacos, como na expectativa dum combate; as suas mãos fortes premiram o bordo da secretaria e com um movimento brusco fez recuar a cadeira.

Humedecendo os labios, Rollier conseguiu articular:

— Maurel!

Havia na sua voz uma duvida dolorosa, uma queixa imprecisa.

Rapido, incisivo, como para atacar, Maurel, indagou:

— Que queres ?

A aspereza de Maurel acabrunhou mais Rollier:

— Maurel!

Receoso, agora, não querendo adivinhar, o director do sanatorio desviou o olhar, e repetiu, tentando tornar indifferente a voz:

— Que queres ?

— Acabo de examinar a doente que entrou, ontem... Maria Helena, a portuguesa... examinei-a cuidadosamente... Ouvei dos seus labios o teu diagnostico condenatorio... tornei a auscultal-a...

— E então ?

— Essa mulher não é uma tuberculosa! Essa mulher não é uma doente! Essa mulher não deve estar aqui!

Accelerando, pouco a pouco, as palavras, febril, sentindo a asa negra do crime tocar-lhe a fronte, Rollier acabou a frase num grito.

— Sei tudo isso.

Maurel respondeu com calma, fitando o seu olhar magnetico no companheiro.

— Tu sabes que Maria Helena não é uma doente?

— E diagnosticaste uma tuberculose fatal, fora dum clima de neves?... Mas, então ?

— Cometi um crime. Bem sei!

— Mas é impossivel! Tu, Maurel, és incapaz disso... Ha, certamente, um engano tragico, que é preciso desfazer... E' impossivel que a alma nobre que tu és, que o homem forte, que eu, sempre conheci...

— Rollier, eu cometi esse crime cobarde. Vali-me da minha opinião, respeitada, de medico para enganar uma mulher, condenando-a, obrigando-a, pelo pavor da morte, a viver num sanatorio de tuberculosos.

Num impulso violento, o companheiro fraco, o protegido, lançou as mãos aos ombros de Maurel, e, fitando-o nos olhos, perguntou, com os dentes cerrados:

— Mas porque fizeste tu isso ?

— Porque a amo!

— Desgraçado! E Rollier recuou, assombrado, vendo, pela primeira vez, uma brecha na couraça forte do amigo.

Numa visão rapida recordou toda a sua vida anterior. A luta travada na escola, contra a miseria, as lições mesquinamente pagas, as longas noites de estudo, no quarto sem aquecimento, a inveja surda dos camaradas por causa dos brilhantes exitos alcançados nos exames; e, sempre ele vira Maurel, forte, energico e nobre.

Fôra ele quem o amparara com os seus conselhos e com o seu auxilio, quando pensara em desistir, vencido pelas dificuldades. E mais tarde fôra ainda ele que, tendo alcançado a direcção do sanatorio, o chamara para junto de si...

— Maurel, é preciso desfazer esta mentira, é preciso evitar este crime.

Mas o outro, friamente, como se tratasse de uma causa julgada, continuou:

— E' impossivel!

A colera animou a face palida de Rollier e a indignação emprestou-lhe uma audacia maior.

— E' preciso! Não quero ser teu cumplice. Hei-de salvar-te deste passo, seja como fôr. Vou dizer a essa mulher...

Com um salto brusco, Maurel barrou-lhe o caminho da porta.

— Não dirás nada!

E, pela primeira vez, olharam-se como dois inimigos.

— Maurel! murmurou Rollier. Tu endoideceste. Não te reconheço. Peço-te, em nome da nossa amizade, que vejas claro, que olhes para o caminho que já percorremos. Não podes, num momento de alucinação, aniquilar toda uma carreira de honra!

— Não, é impossivel, amo-a!

Como louco, Rollier lançou-se sobre o amigo, tentando deslocar-o da porta. Mas o seu impulso aniquilou-se ante a fôrça superior de Maurel, que lhe tomou os pulsos, immobilizando-o.

— Covarde!

Como uma chicotada, o insulto atingiu Maurel, que deixou cair os braços, abatido, domado, e como uma máquina a que, subitamente, deixassem de fornecer energia, caiu numa cadeira.

— Podes dizer-lhe tudo, mas quando saires d'aqui farei saltar os miolos.

Rollier deteve-se, e uma luz de piedade iluminou-lhe o olhar.

Conhecia bem o amigo, a sua ameaça seria seguida da execução.

Vou contar-te, Rollier, como isto foi. Encontrei-a no Hotel. Interessou-me ao principio, depois... Ah! Rollier, se tu a conhecesses como eu! Que temperamento de mulher, uma sensibilidade feminina a temperar uma energia masculina. Analisei-a, como quem estuda um caso clinico. Arranjei-lhe armadilhas para a experimentar, mas sempre com identico resultado. Não é uma mulher, é a Mulher!

— Conheces a minha carreira. Sabes bem que tenho atravessado a vida liberto da acção das mulheres. Mas esta... e no dia precisamente em que eu começara a compreendê-la; no dia em que me pareceu, até, que lhe não era indifferente, a fatalidade afastava-a de mim para sempre!

— Compreendes, Rollier, ia partir. Pensei em segui-la, mas era impossivel, não sou rico. Tinha que a perder, tinha que apagar a sua imagem radiosa... Então, meio louco, sem reflectir, prendi-a, liguei-a a mim para sempre, com essa mentira infame.

Condenei o seu corpo, são, ao exilio dum sanatorio, arrastei-a inocente para esta gehena.

— Que horror, Maurel! murmurou Rollier esmagado por aquela confissão atroz.

Como numa justificação, o medico continuou:

— E tenho-a junto de mim, respiro o ar que ela respira, rodeio-a de carinhos, faço-lhe sentir o meu amor.

E a um gesto indignado do companheiro acrescentou, numa supplica:

— Não me denuncies, Rollier! Deixa-ma.

Lembra-te como pago caro este prazer. Lembra-te de que o remorso me dilacera a alma. Não tornes inutil o meu sacrificio... Sacrifiquei tudo: consciencia, honra, dignidade. Rollier, paguei tudo isto para a ter junto de mim, não ma roubes!

Rollier, sem se atrever a encarar o amigo, saiu do gabinete, deixando rolar as lagrimas pelas faces desmaiadas.

E Maurel sosinho escutou, com anciedade, os seus passos que se afastavam em sentido oposto ao do quarto de Maria Helena.

IV

Nessa noite a atmosfera pesada actuava dolorosamente sobre os nervos de Maria Helena.

O sopro glacial da montanha vinha carregado

de efluvios magneticos, e a neve eterna tinha uma reverberação mais luminosa, do que era habitual. Por vezes uma rapida sarabanda agitava as nuvensitas do cume.

Maria Helena veio encostar-se á varanda da sua *Privatliegehalle* e deixou vaguear o olhar pela neve azulada.

Uma onda amarga subiu-lhe aos labios...

Condenada... Prisioneira da planura branca. Prisioneira da vida que lhe oferece aquele canto de gelo, perdido dos homens... Um suspiro dilatou-lhe o peito. Uma rajada, precursora d'

tempestade, veio até ella.

Um desespero tragico, uma raiva impotente fez-lhe soltar um grito... Morrer, sem ter

sado a vida! Morrer sem ter vivido!...

um estremecimento sensual, crispou-lhe os nervos; a sua carne virgem despertara, subitamente

te

Maria Helena nunca amara. A educação, um pouco monastica, que recebera, o isolamento do velho palacete, onde sempre vivera, tinham contribuido para lhe adormecer o instinto. Mais tarde, a analyse cientista das coisas tinha-a levado a considerar o contacto do homem como uma manifestação de animalidade. Mas a passagem pelos grandes centros, o turbilhão das paixões, o combate dos sexos, patentes aos seus olhos, tinham-lhe deixado uma perturbação vaga e uma duvida inexpressa...

Talvez o amor não fosse bem o que ella, imaginara, talvez houvesse mais. Não soubera viver... E de novo a caricia da brisa gelada lhe envolveu o corpo, crispando-lhe os nervos numa contração dolorosa, num inteiramento involuntário, que lhe fazia levantar a blusa sob a pressão dos seios rigidos. O olhar tornou-se-lhe mais humido e, erguendo os braços, apoiou a nuca nas mãos, entrelaçadas, oferecendo-se plenamente à reverberação da neve.

Uma onda de pequenos estremecimentos percorreu-lhe o corpo inteiriçado.

Uma pancada, discreta, na porta arrancou-a do extase.

Era Maurel que vinha fazer-lhe a sua visita costumada.

Com admiração o medico fitou-a, impressionado pela mudança que se realisara em Maria Helena; e a mão que levou aos labios estava muito quente e humida.

Era habito de Maurel sentar-se no divan, junto dela, mas naquela noite os habitos estavam mudados, e o medico, conservando nas suas a mão de Maria Helena, dirigiu-se à janela.

— Vamos ter tempestade. Disse Maria Helena com a voz abafada.

A pressão que inadvertidamente, o medico exercia na mão que lhe abandonara, fazia-a experimentar uma sensação rara, uma onda de frio percorria-lhe o dorso, para momentos depois ceder o logar a um calor subito que lhe afogueava o rosto. Uma pressão brutal apertava-lhe a garganta, impedindo-lhe as palavras. Os nervos ora tensos, ora lassos, espalhavam-lhe por todo o corpo uma indecisão vaga. Um desejo incoerente acelerava-lhe o ritmo das arterias. Erguendo o peito, tentou readquirir a calma com uma inspiração profunda, mas a corrente sensual que a prendia a Maurel, tornou-se mais intensa, e a sua carne virgem palpitou, fortemente, ao contacto do macho. E dominada, subitamente, pelo impulso atavico, mantenedor da especie, desejou fortemente uma posse, avassaladora, que a iniciasse no amor.

Reagindo a custo, numa última defeza dos preconceitos e do pudor, Maria Helena soltou a mão das de Maurel e apoiou-se na balaustrada.

Mas a voz do medico restabeleceu o encanto, voz opressa, que parecia magnetizada pelo ambiente da tempestade, voz que sibilava por entre os labios contraidos pelo desejo.

— Minha senhora, precisa recolher-se, a tempestade não tarda.

Novamente, as nuvensitas do cume redopiaram no prenuncio certo da tormenta, e, num contacto fuidico, a tempestade da montanha rugiu dentro dos seres.

Audacioso, Maurel fitou-a tomando-lhe as mãos, agora, geladas.

— Maria Helena, amo-a!

Com um fremito de prazer, Maria Helena deixou passar a frase que a acariciava como um beijo.

Lá, em baixo na linha verde escura do vale, onde começava o mundo, também aquela hora, outros homens repetiriam a mesma frase de promessa, criação dourada da fantasia humana para enlevar o imperativo irresistível da criação.

Um sentimento de orgulho animou Maria Helena. Também na zona perdida da vida, também entre os condenados era possível a radiosa promessa. Ainda se não acabara tudo, ainda era possível desvendar a incognita dolorosa, tornar em realidade o devaneio inconsciente que lhe crispava as carnes.

Lentamente, no ritual eterno, que não precisa de ser estudado, os seus lábios aproximaram-se da boca de Maurel, e o primeiro beijo, embalado pela brisa da montanha, teve um sabor estranho de essencia florestal, halito humano e de exalação gelada.

— Maurel!

A sua carne vibrava, agora, delirando sob a iniciação daquêlê beijo exaustivo, sucção prolongada, contacto intimo de duas essencias. Maurel tomara-lhe a cabeça nas mãos macias de clínico e pela preciosa anfora, inclinada, bebia-lhe o alento, seguindo-lhe nos olhos diafanizados, a sensualidade crescente.

Aniquilado o pudor na ancia da iniciação, deixou-se acariciar numa oferta de vitima perfumada, e pouco a pouco as carnes brancas, entumescidas pelo desejo, surgiram dentre as rendas.

Maria Helena entregou-se, sem resistencia, dominada, ansiosa de esclarecer a duvida, comunicando apressada no sacrificio eterno da carne; enquanto a tempestade, desencadeada, fustigava as janelas com um bramido potente, dobrando os pinheiros e fazendo-lhes cuspir os carapuços brancos, como cosinheiros ebrios.

V

Maria Helena habituara-se, pouco a pouco, á vida triste do sanatorio. Aplacada, um tanto, a angustia do desterro pelo amor de Maurel, sentia-se rodeada das mil pequenas atenções que um homem apaixonado sabe inventar. O seu temperamento de meridional despertara ao contacto da paixão de Maurel, e toda a sua carne se entregava num prazer intenso, forte, no supremo impudor da mulher iniciada.

Nos últimos tempos, porém, um mal estar, subito, invadia-a, por vezes, deixando-a numa prostração dolorosa, que lhe banhava o corpo num suor frio, trazendo-lhe um medo muito grande da morte. E nesses dias, aninhada no peito forte do amante chorava baixinho a sua angustia, enquanto ele lhe beijava a nuca morena, um beijo sensual que lhe dissipava o terror. E sem consultar o coração, Maria Helena era daquele homem, cujos amplexos a defendiam da Inimiga.

Cada vez mais raras, as cartas da condessa de Remil vinham como fragmentos dilacerados duma alma prestes a desprender-se.

— Maria Helena, recorda-se de Lord Feny more?

A voz de miss Robson, a novelista inglesa que o ar insalubre de Londres afugentara para o Sanatorio, arrancou Maria Helena á sua meditação.

— Sim, conversei com ele no Hotel. E' um gentleman original.

— Não está mau gentleman! Li hoje no

Times. E' um ladrão que fugiu com cincoenta mil libras. Contou-lhe, naturalmente, que buscava emoções fortes, que ia tentar a ascensão das mais difíceis montanhas?

— Sim, exactamente.

— Tudo mentira. Foi o ardil de que se serviu para atravessar a fronteira italiana, que estava vigiada pela policia.

— E' engraçado!

— E' novelesco! Confirmou a inglesa.

Um grande silencio envolvera lentamente o vasto sanatorio. No corredor alcatifado, sentiam-se apenas os passos cautelosos das enfermeiras de serviço. A espaços, agrandada pelo silencio do ambiente, uma tosse cavernosa vinha recordar o elo que unia os habitantes da mansão.

— E' tarde, disse a inglesa, ganha pela sonolencia, até amanhã.

Maria Helena acompanhou-a até á porta, e deixando-a encostada, veio sentar-se no divan, esperando o amante num vago devaneio, que lhe coloria as faces dum rubor subito.

E fechando os olhos, via-o no gabinete de trabalho, interrompendo o estudo para fitar o pesado relógio de carvalho; ou para escutar os passos de algum doente mais amigo do gabinete de leitura.

Como uma sombra, Maurel atravessou o longo corredor e entrou no quarto de Maria Helena, fechando a porta atrás de si.

— Maria Helena!

Sofregamente os seus lábios procuraram-se, enquanto as mãos muito brancas e diafanizadas de Maria Helena se enclavinhavam nos ombros de Maurel. Perdida a noção da realidade, caindo lentamente no abismo do extase, Maria Helena sentiu uma dôr atroz atravessar-lhe o seio como um ferro candente; os nervos distendidos, atingiram o limite da ruptura e uma golfada de sangue jorrou-lhe dos lábios, manchando-lhe o peito nu, carminando-lhe a rigidez dos seios, cujos mamilos erectos se arroxavam mais no contraste do sangue derramado.

Aniquilado o impulso genesico no horror da revelação, Maurel, estreitando nos braços o corpo desmaiado de Maria Helena, contemplou perdidamente o rosto da amante, em que os estigmas da tuberculose lhe apareciam agora num diagnostico facil de debutante.

Maria Helena, contaminada pela convivencia do sanatório, estava tuberculosa!

O remorso do seu crime agora irremediavel estreitou-lhe a garganta num soluço de estertor, e sôbre a carne morena da amante, onde palpitava ainda um fremito sensual, deixou pender o rosto, num medo muito grande da sua falta.

VI

Maurel sentia-se vencido. Num gesto de desanimo deixou-se cair no divan contemplando o fogo que tingia de vermelho o gabinete sem luz.

Desde aquela noite em que uma hemoptise brutal lhe revelara o estado de Maria Helena, jamais tivera um momento de calma.

Aguilhado pelo remorso, travára uma luta surda contra o terrível mal. Empregára toda a sua sciencia, toda a sua experiencia, em erguer uma barreira contra a morte.

Ajudado por Rollier recorrera a todos os processos, experimentara todos os tratamentos; mas em vão!

De momento para momento o organismo de Maria Helena despedaçava-se na marcha avassaladora da doença.

Com raiva irreprimivel Maurel quebrou o tubo onde se aglutinava o sôro improficuo.

Ele que curara tanta gente, tanto desconhecido, tanto indiferente, a troco duns francos diários, não conseguia, agora debelar o mal na creatura por quem daria a vida!

E pela primeira vez o raio luminoso da divindade refletiu-se na sua alma de septico.

Castigo de Deus?..

A duvida tremenda perturbou-lhe o animo.

Castigo de Deus?..

Castigo injusto que feria uma inocente! Maurel riu nervosamente. Deus, a eterna ilusão humana! Apenas a fatalidade, o acaso duma natureza predisposta.. Contudo, aquela impossibilidade em dominar a doença fazia-lhe mal, dava-lhe a impressão duma força estranha contrariando a acção da sciencia. E Maurel olhou longamente a muralha impenetravel do Ignoto.

Maria Helena fitou na escuridão os olhos dilatados pela febre, era-lhe impossivel repousar no divan, onde se deitara, fugindo ao leito que lhe lembrava um sarcófago branco.

A doença que lhe dilacerava o peito, roubava-lhe o sono em visões alucinantes.

Maria Helena levantou-se e acendendo todas as lampadas, deteve-se, espectro branco, plenamente iluminada, numa aparição sonambulesca.

Uma duvida lhe oprimia o cerebro...

Maurel, afastara-se gradualmente, dominado pelo remorso, incapaz de fitar um olhar cubitoso na carne febricitante da sua vitima. E Maria Helena num alvoroço de todo o seu ser, na ultima ilusão da doença, agarrava-se-lhe desesperada julgando ver fugir o seu amor.

Deixou cair o penteador e ficou plenamente nua em face do grande espelho, prescrutando na sua imagem palida a razão do retraimento de Maurel.

A sua carnação morena diafanisara-se um pouco, as ancas menos tersas, alongavam numa forma androgina o ventre polido, e o seio emagrecido parecia sangrar pelos mamilos arroxeados.

Teria o seu corpo perdido todo o encanto? ou Maurel recearia o contacto?..

Pela fronte encandecida escorreu-lhe um suor frio e com um estremecimento lançou sobre os ombros uma capa de veludo negro.

Saber! Arrancar dos lábios de Maurel a confissão plena!..

Numa excitação crescente sentiu a onda de fogo queimar-lhe o peito e estorceu-se sob a violencia desgarradora da tosse.

Livida, com os lábios arroxeados, brilhando-lhe nos olhos uma decisão indomavel, dirigiu-se ao gabinete do medico...

— Maurel!

Maria Helena recuou ante o olhar apavorado do amante, e, iludindo-se, viu nele uma repulsa que lhe fez frio no coração.

— Maria Helena, que loucura, saires do quarto a esta hora!

Sem responder, ela lançou-lhe os braços ao pescoço e como dantes os seus lábios procuraram os de Maurel, e ao vê-lo desviar o rosto, a duvida amarga tornou-se em convicção.

Maurel receava o seu contacto, Maurel já a não amava!

E tentando reavel-o, numa ultima caricia, deixou cair a capa negra, oferecendo-lhe o corpo nú, que a ardencia da febre coloria de vida.

Mas como Maurel, carinhoso, cobrisse a carne nua com o manto suave do veludo, gritou, ebria de angustia, numa convulsão tragica:

— Tu já me não queres! Não me amas! Tens medo de mim!

Imobilizado pela surpresa, ele fitou-a longamente, e viu clara no fundo da alma perdida em dor, a duvida clamorosa..

— Não, não me amas! Foges de mim! Receias a doença, covarde!

— Eu não te amo!? murmurou o medico.

— Se me queres, ainda, da-me uma prova!

— Maria Helena, tu queres uma prova do meu amor?

— Sim, que destrua a suspeita que me mata.

— Uma prova muito grande, Maria Helena?

E conchegando-lhe a capa negra sobre o peito nu, apertando-lhe as mãos febris, com os olhos baixos, como no confessionario, o amante con-

Europa

tou-lhe aquele amor tão grande, que o levava ao crime.....

Erguendo-se a toda a altura, como a sombra negra da tragedia, Maria Helena olhou o homem ajoelhado a seus pés.

— Então, quando entrei nesta casa, não estava doente ?

— Não...

— Ah! Como te odeio... Julgas que te amei porque me possuiste? Enganaste... O meu co-

ração não te pertenceu. O meu coração odeia-te com todas as forças... Covarde... Nunca te amei, nunca, ouviste?!... Fizeste-me vibrar a carne, como qualquer outro o teria feito!

— Maria Helena, gemeu Maurel, aniquilado pela revelação atroz, perdoame! Dize-me que não falas verdade.

— Deixa-me!

Quero ser livre. Já não sou tua. Deixa-me!

— Maria Helena, perdão!

— Maldito, maldito!

Correndo Maria Helena atravessou o atrio e pela porta de serviço lançou-se na p'anura gelada.

Miriades de estrelas brilhavam no firmamento muito azul.

Que frio!... Maria Helena embrulhou-se mais na capa, e os pés nus, dentro das chi-

nelas bordadas, arroxearam-se ao contacto da neve...

Correu mais... Lá em baixo naquela linha verde escura começava o mundo... Era preciso fugir até lá... Que frio! As chinelas caíram, já, presas na neve... Que calor!... Deteve-se afrontada, e para poder respirar melhor, ofereceu o peito nú á carícia da brisa gelada... E' preciso chegar lá abaixo... Mais depressa... Em cima, no sanatorio brilham umas lusitas...

Vão perseguil-a... Mais depressa... Ah! Um ator atroz queima-lhe o peito, o firmamento azul, sobe, sobe, cada vez mais alto, e Maria Helena deixando-se cair, numa ultima golfada, tingiu de vermelho a neve muito branca; e pouco a pouco o calor do seu corpo nú foi-se perdendo no manto frio da montanha...



COLARES BURJACAS

O VINHO DE MEZA
PREFERIDO

RUA NOVA DA TRINDADE, 126-132

LISBOA

Telefone N. 5435

Como morreu Edgard Poë

PELE:—branca. Mãos delicadas e suaves, como as de uma mulher, tolhidas por uma grande sensibilidade, tocadas de palido pela morte.

Dentição admiravel. Olhos—cinzento aço. Peso: 72,5 quilogramas.

Foram estas as ultimas palavras com que o illustre cirurgião J. J. Moran, médico-chefe do *Washington Hospital College*, que assistiu aos ultimos momentos do genial e tenebroso escritor Edgar Poë, terminou o seu relatório no dia 7 de outubro de 1849. O relógio da torre do hospital badalava nesse instante doze horas—as ultimas doze horas da vida, inquieta e atribulada, do maior dos escritores americanos.

De que morreu? Durante muito tempo, as memórias compiladas por Wilmot Griswold, o grande inimigo de Poë, espalharam falsamente que o alcoolismo tinha sido a causa imediata da morte do grande escritor americano, cuja tortura intima o fazia pedir no instante final:

—*Mon meilleur ami serait celui que me ferait sauter la cervelle d'un coup de pistolet.*

Ha duas mulheres na vida de Poë, que lhe modificaram a estrutura intima do seu temperamento, uma das quais Virginia Clemm, foi decisiva na sua vida de artista boémio e na sua obra. Origem da sua miséria, do seu mau humor, do tédio que lhe envolvia todo o seu sistema nervoso, de todo o ódio que lhe nasceu no peito e o tornou um isolado, Virginia, foi na vida de Poë a morte, a sombra da morte, o terror da morte! Virginia foi sua primeira paixão e quiz o destino que a segunda e última entrasse definitivamente dentro dele, quando mal obscuro e incógnito o minava, a dois dias do seu ultimo dia.

Poë, teve um unico amigo, confidente de todas as horas e de todas as amarguras; que sabia dos seus minutos mais intimos, que conhecia o outro *eu* de Poë, o *eu* misterioso, o tal Griswold, que envolvido pela sombra misteriosa da noite esperou o bater das doze badaladas fatidicas, para conceber a idéa macabra da publicação das memórias do escritor—o maior dos escandalos—o ultimo escandalo que envolveu de mistério e de lama a memória de Poë.

Nasceu Edgard Poë, o mais romantico dos escritores americanos, aquele que melhor compreendeu a melancolia negra da luz do sol, numa pequena cidade americana, junto de New-York e parte da sua vida a passou em Baltimore, onde cursou a escola militar de West-Point.

E' em Baltimore que Griswold o fez morrer, intoxicado pelo alcool, vencido pelo «delirium tremens», numa noite de eleições, s-pecto tão particular da vida americana, em que as cidades sobressaltadas pela luta, atin-gem instantes de loucura.

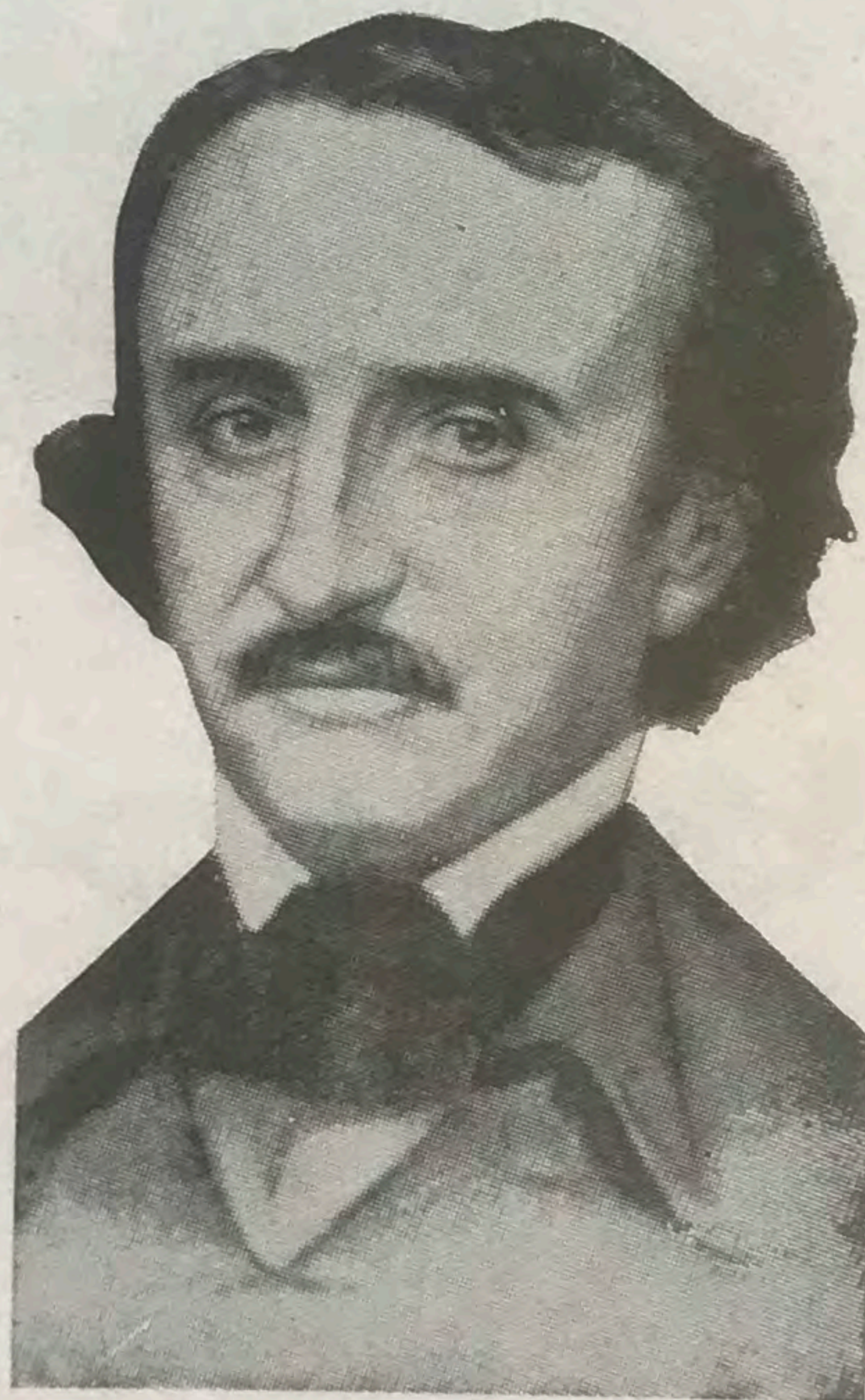
Diz Griswold que um grupo de antigos camaradas de Poë o encontrou adormecido num banco duma rua isolada e que um policia, depois de repetidas vezes o insultar, notou que estava junto de um homem que devia estar quasi morto ou morto definitivamente...

Na verdade, Poë, porque dormia, vencido por doença oculta, tinha o aspecto de um morto, de um cadaver abandonado sobre um ban o de uma rua isolada de Baltimore.

Nenhum sintoma o denunciava envenenado pelo alcool. O seu rosto era sereno.

Conduzido ao hospital, o médico de serviço, o dr. Moran, reconheceu imediatamente o admiravel escritor e ficou, interrogando-se, junto da cama em que Poë foi recolhido.

O dr. Moran, que relatou os ultimos instantes de Edgard Poë—numa história clinica



que ainda existe nos preciosos arquivos daquele hospital—depõe contra o autor das memórias, restabelecendo a verdade. Nem Poë, nem o dr. Moran vivem; ficou o seu relatório, que foi agora publicado, a propósito do aniversário da morte do maior escritor romantico que a America produziu e que tão grandes e averiguadas influencias teve na literatura europeia do seu tempo e da geração que o seguiu.

De que morreu Edgard Poë?

Analiseemos algumas das passagens do relatório do dr. Moran, que foi o ultimo entrevistador de Poë.

Durante uma hora, Poë, o admiravel e gigantesco Poë, ficou quieto e adormecido na sua cama, a um canto da enfermaria, sob o olhar inquieto de Moran, que esperava o minuto trágico da sua ressurreição. Quando os seus olhos se abriram, encontraram os do dr. Moran, que sondavam o mistério da doença de Poë.

—Tem sede?

—Não.

—Sofre?

—Muito. Dóe-me imenso a cabeça.

O dr. Moran fez o exame do doente e concluiu o seu diagnóstico—encefalite.

Edgard Poë estava consciente, sentindo bem o fim que se avizinhava, que vinha perto com o badalar das doze horas e uma intranquillidade enorme fazia-o tremer, envolvia-o de uma crispação nervosa, que o não deixava repousar.

Exige que o dr. Moran lhe explique a razão por que está abandonado, porque se encontra ali, longe dos seus amigos e pronuncia desordenadamente o nome de sua prima, que a morte levou ha muito, Virginia. Exige que o dr. Moran a chame, a conduza junto dele; pretende vê-la antes de morrer, vê-la perto ou longe, junto de si ou a distancia, vê-la, é todo o seu desejo nesse instante; vê-la e segredar-lhe qualquer coisa que os seus lábios múrmuram, que os seus lábios vestem de luto.

O dr. Moran insiste com o doente, tem vontade de saber da sua vida, de lhe recolher as últimas frases. Poë responde com palavras que se chocam, que são bem o epílogo da sua obra.

Delira. O dr. Moran aponta as suas últimas frases:

—*Non. Ma femme, ma douce Virginie est morte. Sa mère, elle vit encore. L'ange noir de la mort a fait son œuvre! Je suis porté dans la tempête, désespéré, sans boussole et sans fanal... Oh! Comme mon cœur sus-pire par elle!*

Depois a morte estava já tão dentro do seu peito, que serenou. O dr. Moran aproveitou a ocasião para lhe renovar o gelo que tinha sobre a cabeça.

—*Pensez à Dieu...*

—*Adieu pour l'éternité! Merci...*

Conta o dr. Moran que, quando ouviu as suas últimas palavras, voltou tão rapidamente os olhos para Deus, que só o branco-azulado ficou a vêr-se, o branco-azulado dos seus olhos, embaciado pela sombra de uma lágrima, que só teve realidade no outro mundo.

Edgard Poë, meia noite, os olhos voltados para Deus, tinha morrido.

Momentos antes, o director do hospital, sabendo que Poë estava numa das suas enfermarias, correu em procura do doente, tendo confirmado, em absoluto, o diagnóstico do dr. Moran.

Depois, quando a manhã pálida de outono, a manhã do dia 8 de outubro, entrou docemente através das janelas da enfermaria, o dr. Moran, esquecido de si, levantou-se e escreveu na papeleta que pendia á cabeceira do morto, o seu diagnóstico: encefalite.

O dr. Moran tinha absolvido a memória do mais romantico dos escritores americanos—Edgard Poë.

AUGUSTO D'ESAGUY.



P R O L O G O

Não conheces, leitora! o Ribatejo?
Da luza terra pelo sol amada,
A região onde a Côr é mais vincada
E onde a brisa que passa, vem do Tejo?

Nunca a mancha irriquieta das manadas,
Nem o amarello fulvo dos restolhos
Passou, em gigantescas pinceladas,
Pelo veludo aquoso dos teus olhos?

Jamais sentiste, nas narinas ciósas,
Como vapor's dum vinho de Carêno,
As sensuaes prelibações fogosas
Que exhala, quente, na ceara, o fêno?

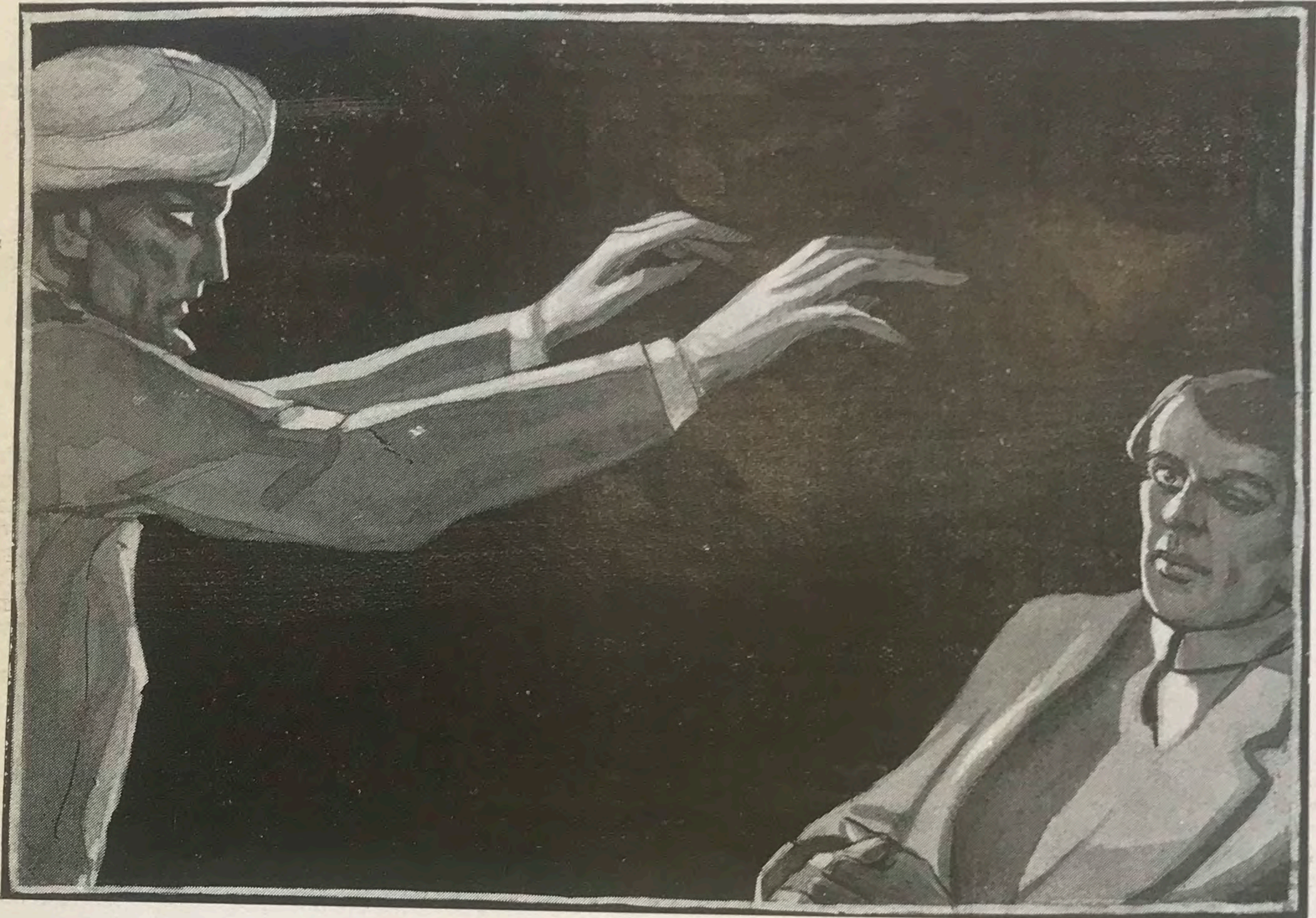
Do livro Arraial Ribatejano, a entrar no prelo.

Sequer não viste crepitar a vida,
Nesse enorme estendal de trigos loiros,
Nem na aguarella, forte e colorida,
Do campino a cavallo, com os toiros?

Não conheces as cintas encarnadas,
O character ativo dessa gente,
Oriunda das planuras insoladas,
E que ama com ardor, fogosamente?

O Ribatejo nos meus versos passa,
P'ra ti, gentil leitora: eterno engano!
Nelles te off'reço a ardencia duma raça,
No alto orgulho de ser ribatejano!

Motta Cabral



O caso do doutor Krauss

por Henrique Roldão

Ilustração de Eduardo Malta

POIS sim! Tudo isso pode ser inteiramente verdade, não quero, de maneira alguma, duvidar da palavra de honra com que o amigo garantiu a autenticidade do facto, mas não posso acreditar! Só vendo e, mesmo assim, ainda punha as minhas duvidas!

— Mas V. Ex.^a — perguntou a D. Cecília, autora irresponsável de vinte e seis livros de versos absolutamente amorosos — V. Ex.^a atreve-se a duvidar duma verdade constatada pelos maiores espíritos do mundo científico?!

— Eu não me atrevo coisa alguma! — respondeu o Sarzedas, que era major á falta de outra coisa. Digo simplesmente que não tenho estomago para engulir d'essas patacuadas!

— Patacuadas, não! — obtemperou o Simões, professor de instrução pratica no Manicomio Central da Instrução Publica. Se o senhor fôr consultar uma pessoa medianamente inteligente, verá como muda de opinião!

— Isso nunca! — respondeu o Sarzedas. Eu bem sei que sou uma besta, mas quando me dá para teimar, nem que me cortem o intestino grosso com um caco de garrafa! Não acredito e não acredito!

— Mas o Onofroff foi apreciado por altas individualidades medicas! — elucidou o Silverio,

autor de um metodo para aprender a tocar piano sem instrumento. E demais, o hipnotismo é hoje uma sciencia positiva, absolutamente estudada, ao alcance de todas as bóças!

— Bolsas quer você dizer! Porque, para mim, todo esse negocio da mulher a dormir e do homem acordado, é tudo questão de armar ao dinheirinho de cada um!

— Se me dão licença eu conto um caso! — pediu o Visconde das Caldas de Tomate, que, tendo percorrido toda a provincia, a miude, entretinha aqueles serões, descrevendo as suas caçadas na Africa Central e as suas aventuras na travessia do Industão em «sid-car». Este passou-se comigo e dou como testemunhas o meu cavalo «Lagartixa» que presenciou o caso, e o meu fato de explorador, que me tinha dentro na ocasião do acontecimento!

Fez-se um silencio em volta. Alguns dos convidados da marquesa que estavam dizendo mal dos outros, chegaram-se e e o visconde, airoso como um Bruto, principiou a narração.

— Foi na cidade de Holani que, como V. Ex.^{as} sabem, fica a cinco mil leguas submarinas para o interior do Tibét! Vinha eu de uma caçada ás onças francesas, que por ali polulam como moscas, a ponto de se ter de dormir com mosquiteiros por causa de algum ataquê nocturno, e

quando me apeava á porta do «Deserto Palace», celebre restaurante indigena, reparei num magote de gente, que a meio da praça analisava qualquer coisa estranha. Acerquei-me do ajuntamento e vi então que se tratava de um fakir hindú que fazia uma sessão de hipnotismo experimental na pessoa de uma hindú de menor idade que, pela pronuncia, me pareceu espanhola.

Pois o fakir hindú mal olhou para mim, disse-me em correctissimo marabata o meu nome e apelidos, a terra da minha naturalidade, falou-me de meu pai, a quem chamou com todo o respeito veneravel visconde, e, não só me disse quantos tostões eu tinha na algibeira, como tambem declarou a côr da minha camisola, o comprimento das fitas das ceroulas e descreveu um sinal particularissimo que uso entre a unha e o sabugo do dedo mendinho do pé direito!

— Oh! — fizeram todos os ouvintes.

— Esse oh! é justo e eu compreendo-o perfeitamente! — continuou o visconde. Tive outro igual quando o fakir me fez o relatorio que contei.

Durante semanas dei tratos á imaginação para compreender como o homem soubera aquilo tudo! Como já disse a V. Ex.^{as}, eu vinha de estar seis mezes na floresta acompanhado unicamente do meu cavalo e da minha carabina! Por tanto, de quem a inconfidencia? Do ca-

valo!? Era um amigo dedicado incapaz de uma coisa dessas! Da carabina? Muito menos porque, apesar de ser de repetição, era muito segura, e por coisa alguma deste mundo fazia fôgo sem minha ordem!

Tive pois de me curvar á evidencia e de vez acreditar que o fakir não era só um grande magico, como tambem uma pessoa que via mais a dormir do que eu acordado!

—Pois sim, mas quem lhe diz, que o fakir não teria ido espreita-lo á floresta!—perguntou o Sarzedas. — O homem não era bruxo!

—Este major é um incredulo!... — disse com desfastio a Marquesa.

—Perdão Dona Marquesa! Incredulo não! Serei uma besta se V. Ex.^a leva isso em gosto, mas incredulo, virgula! Não acredito e creio que aqui o sr. Barão, que está calado desde que entrou, é da minha opinião!

Todos olharam para o Barão que, como todos os barões inventados para arrelhar a literatura, era «vieux-regime», de monoculo, luvas cõr de palha e polainas gema «d'oeuf».

O Barão, ao ser apontado pelo major Sarzedas, sorriu, sacudiu a cinza do seu «bout-nique-lê», limpou de vagar as persianas do monoculo e, pausadamente, como quem pede desculpa de chegar mais tarde ao emprego, retorquiu:

—Meu caro major! Eu em questões de hipnotismo acredito ou não conforme a lua!

—E' um paradoxal! — comentou-se em volta entre sorrisos de admiração.

—O Oscar Wild por uma pena! — Segredou a Dona Cecilia á Marquesa.

Mas devo dizer-lhe, que já presenciei um caso que me deixou, não direi boquiaberto mas pelo menos, boquentreaberto!

—Conte! Conte!

—V. Ex.^a ordena! — disse á Marquesa o Barão que era um rapaz muito fino (quinze centímetros de diametro) e sabia estar numa sala.

Outro silencio e o Barão, sorveu um gole do licor estranho que estava bebendo, puxou da sua cigarreira de pele de andorinha branca do polo, acendeu um cigarro egipcio perfumado de sandalo, acido fenico, chifre e agua cedativa de Ophir e principiou:

—Aborrecia-me eu então junto das muralhas da Alexandria depois de uma viagem por toda a Grecia onde fôra apanhar as verdadeiras uvas do nectar sagrado de Baccho!

—Isto é que é literatura! comentou em segredo o Silvério.

— Parece

que estou a ouvir ler um livro de crônicas elegantes — respondeu-lhe a D. Cecilia pondo os olhos inteiramente em alvo.

—V. Ex.^{as} conhecem as noites de Alexandria, pelo menos de ouvido! São, para uma sensibilidade requintada como a minha, qualquer coisa de fantasticamente aborrecido!

Ora certa tarde, por casualidade, um dos meus creados, um negro gigante e apolíneo — escuro que eu trouxera da Etiopia, disse-me que em certo «Music-Hall» um Dr. Krauss atraia as atenções das gentes, com vários fenomenos de hipnotismo, magnetismo, sugestão e telepatia sem fios. Disfarcei o mais que pude o meu «spleen» e, fui ver o Dr. a fim de me parecer menor aquella noite, para mim tão dolorosa como a leitura de uma peça em 3 actos! Pois meus amigos: Fiquei assombrado! Todos os que se prestavam a ser adormecidos pelo Dr. Krauss, nem tinham tempo de dar as boas noites! O sabio possuia um poder hipnotico superior ao poder naval da Gran-Bretanha!

Várias noites frequentei o espectáculo e sempre o Dr. Krauss me assombrava com as suas experiencias, chegando eu por vezes a duvidar da minha propria razão! Os «sujeitos» faziam tudo quanto lhe ordenava. Davam vivas, davam morras, estavam quietos, pulavam gritavam...

—Tal qual como o cinco de caçapores, quando eu fui comandante de companhia! — blasfemou o Sarzedas major, atirando com a barriga para cima do Visconde das Caldas de Tomate que lhe estava á beira.

—Certa noite, porem — continuou o Barão acendendo outro cigarro electroquimico — subiu ao estrado onde o Dr. Krauss fazia as suas experiencias, um mongol enfezado, raquitico, empaludado, anemico no último grau e que tinha

uma lesão adiantadissima por causa do arteri-tismo complicado com diabetes. O Dr. Krauss fitou-o, estendeu as mãos e ordenou: Durma! — e o mongol pendeu para o lado esquerdo, completamente adormecido. Começaram então as experiencias, mas, com grande pasmo da assistência, os efeitos eram duma extravagancia única!

Sempre que o adormecido fazia qualquer coisa com o braço ou a perna esquerda, nada havia a dizer, mas o lado direito a coisa alguma se movia! Por exemplo: o Dr. Krauss furou-lhe o braço esquerdo com uma agulha de marear e o mongol suportou a dôr sem o minimo grito ou movimento! Pois quando ia a fazer o mesmo no braço direito, o mongol não só gritou, como lhe deu uma bofetada em corpo inteiro que o Dr. cambaleou!

—Oh! fizeram a um tempo os ouvintes.

—A experiencia do tiro junto do ouvido deu o mesmo resultado, e, caso extranho, enquanto o olho esquerdo estava fechado, o direito continuava fixando o Dr. Krauss, impavido e sereno como a Esfinge do Egipto na noite dos seculos. Confesso que me impressionou deveras o fenomeno e, quando finda a sessão fui procurar o Dr. Krauss, a fim de lhe ouvir a razão daquele caso, os meus nervos tinham a tensão de uma corda de viola franceza, e vibravam como nas ruinas de Pompeia os gritos lancinantes do corvo de Edgard Poë!

—Oh! senhores! Este homem tem mais imagens do que a Igreja da São Domingos! — Não pode deixar de segredar o Simões.

—E querem V. Ex.^{as} saber o que me disse o Dr. Krauss?! Que o mongol estivera apenas hipnotisado do lado esquerdo e perfeitamente normalizado do lado direito!

—Mas porquê? — perguntei-lhe:

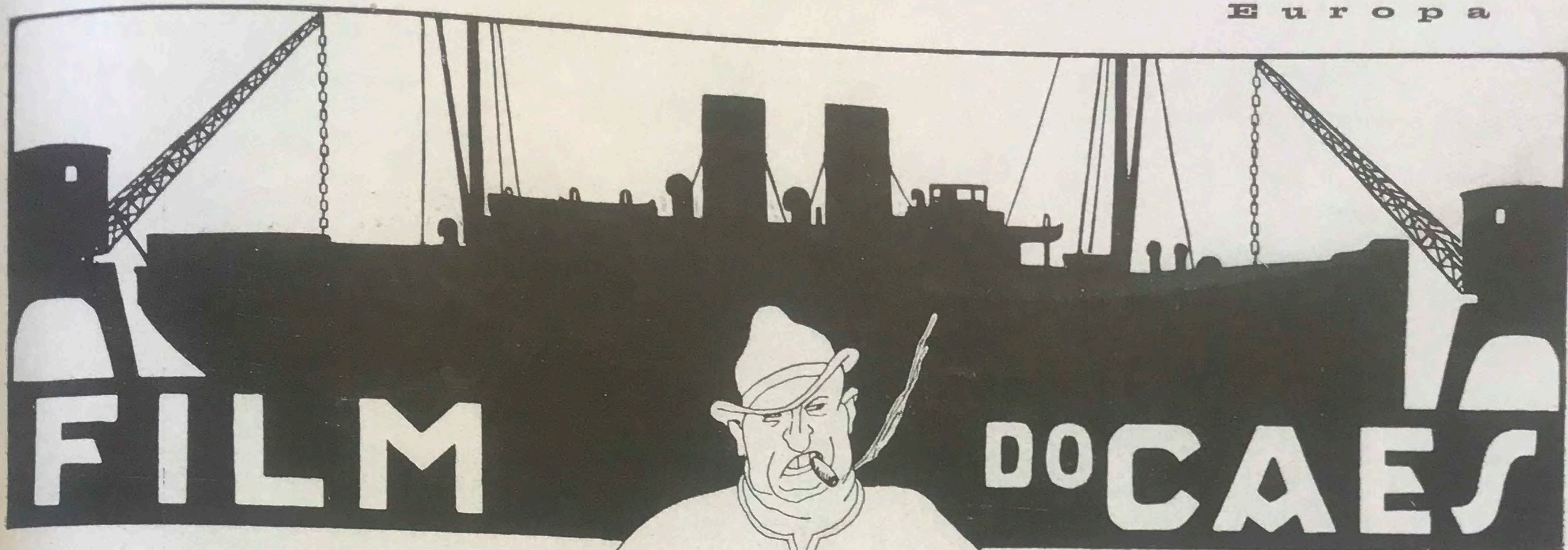
—Porquê? — respondeu-me o Dr. Krauss no mais correcto latim que tenho ouvido—porque o alma do diabo, tinha o olho direito de vidro!

Houve um Ah! admirativo por parte de todos os ouvintes. A marquezeta ficou de boca aberta, o Simões meneava a cabeça como quem diz — Ora essa! — A Dona Cecilia ciciou um interessante com grande porção de érres e só o Sarzedas major, repoltreando-se, disse num arsinho de troça:

—Tal qual como o Anacleto! Dormia com um olho fechado e outro aberto! Essa só na *Alexandrina* que, segundo dizem, é uma terra onde as mulheres andam com os olhos á vela e trazem a cara tapada com um veu... por causa das moscas!..



Maria Sophia Bourbon, a ultima rainha de Napoles — modelagem em cera de Catarina Barjansky.



NESTAS manhãs em que o nevoeiro espiritualisa as silhuetas da casaria, e nimba de cinzas a paisagem e transforma em fumo os halitos — a margem direita do Tejo, desde a foz, até á curva do Poço do Bispo, é um frizo, variado, um album de postaes, uma parede cheinha de cartazes, de cartazes feitos por artistas, de côres sobrias e dôces, de vida intensa e variada.

Ao principio são as praias, descendendo de classe, de destinação e de pretensões, á medida que se aproximam da cidade. E' Cascaes, praia destronada, praia de aspectos magníficos, praia que foi de reis e que conserva, como um velho palácio abandonado, vestígios de grandeza, pompas de tradição, gestos, cortezias, atitudes fidalgas. Logo a seguir, os tres Estoris, praias *d'après république*, praias sem política, praias cosmopolitas, com ambi-

ainda, as praias burguezas, da burguezia de pouco fôlego e facil contentamento; praias para arranjar noivos bem empregados num banco e de elegancia acaixeirada. E por fim veem as praias modestas, como Cruz-Quebrada, como Dafundo, praias que são já cidade, praias cujos frequentadores as preferiam no Campo Grande ou no Jardim da Estrela; praias plebeias como a de Algés, praias que são



ções de grandesa, esboços de grandes hotéis acumulando luxos e confortos new-yorkinos, praias que estão á espera que morra Nice, que que Biarritz caia em decadencia, que Ostende deixe de ser a favorita do Norte, para se transformarem em *rendez-vous* do mundo, com muitos inglezes, muitos *smokings*, muitos automoveis, muitos principes incognitos, mundanos-viajantes e *excrocs* de monocolo. Depois, veem as praias novas ricas, como muitos *chalets* recém-construidos que vistos em conjunto parecem de cartão, colados á terra, como essas contruções d'Epinal. E depois





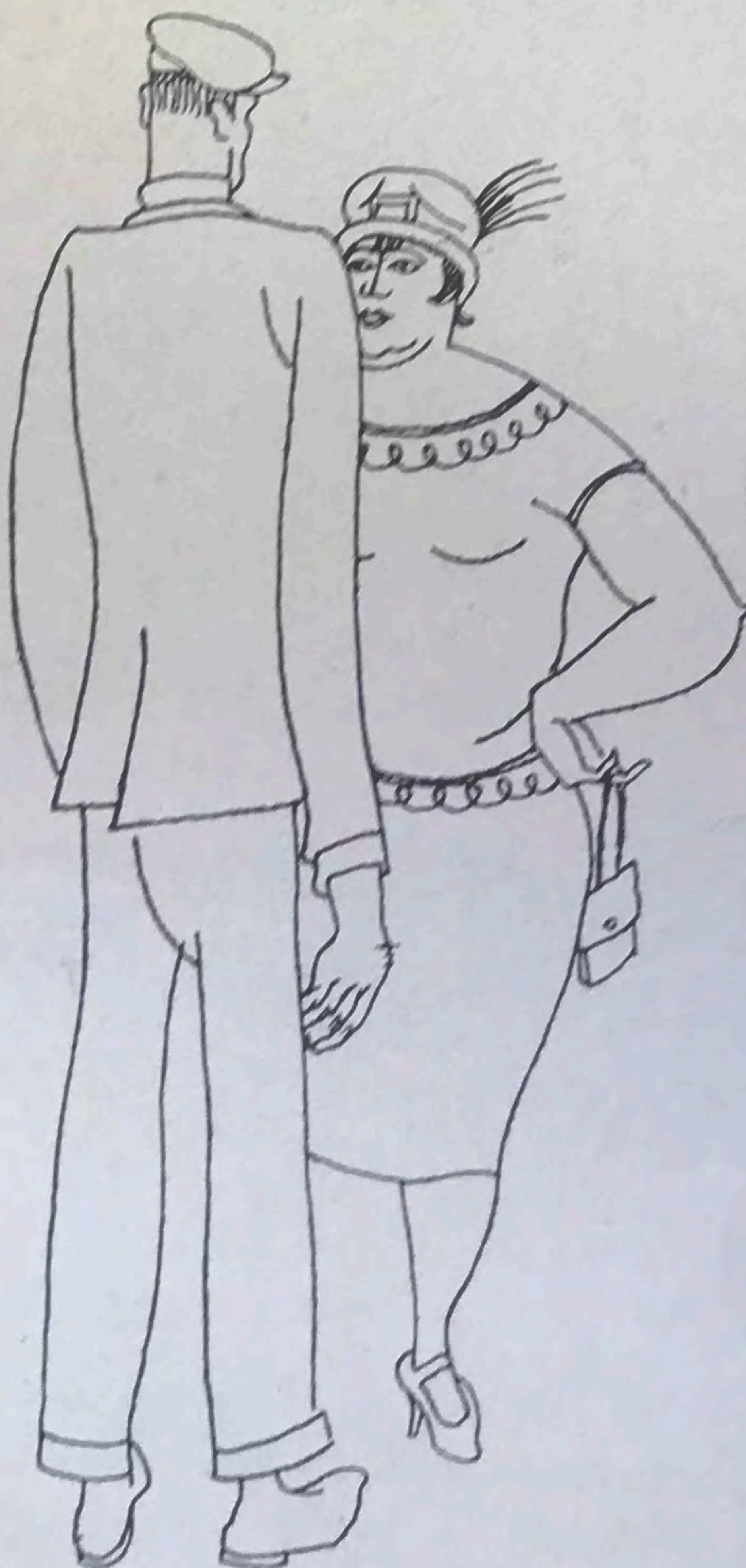
co; Já não são os silvos das maquinas, a gente das oficinas, os operarios que mourejam proximo do mar, sem pertencerem ao mar. São os amfibios do Tejo, homens de viver no mar e em terra, barqueiros, carregadores, bestas

praças publicas, grandes kiosques ao ar livre; praias em que os banhos exigem imediatamente outro banho em casa, um banho em tina, um banho de limpeza...

Mas terminadas as praias—as areias endurecem, erguem-se fortes, transformada sem muralhas. A margem do Tejo deixa de ser um leito afoufado e livre para ser um vestibulo, acolhedor, sim—mas bem defendido tambem.

Por detraz das muralhas, zig-zagueiam, como serpentes interminaveis as linhas dos ferrocarris—e mais além, como dedos de gigante, apontados para o céu, erguem-se as chaminés das fabricas, golfando nuvens de fumo. Entre a muralha e as fabricas formiga uma multidão surda, que o sol tiznou e a escravatura do trabalho blindou com uma epiderme quasi metalica.

E seguindo sempre em direcção do Este essa multidão vai-se metamorfosendo a pouco e pou-



humanas, cujos dorsos teem a capacidade dum vagão. Passarinham por entre os guindastes paquidermicos, rivais desleais dos seus musculos, em filas indianas, levando para bordo dos navios alinhados ao longo do caes, os sacos que vão para longe, para outras terras, para os outros mundos... E enquanto eles correm bufando fadigas, na tolda dos barcos, cujas bandeiras, sempre variadas, parecem engalanar o rio, como num dia de festa, os officiais de todos os paises, mas todos louros, desde o louro fulvo, ao louro acinzentado, espreguiçam a sua madraçaria, pés nus encafados em pantufas, o cachimbo fumegante encrustado na bocarra enorme...

Andando sempre chegámos ao Caes da Desinfecção, o scenario e as personagens, como numa mudança de teatro, transformaram-se de novo. Os guardas fiscaes, gebos, sonolentos, encostam-se aos casebres de tijolo rubro. Aqui, além pequenos grupos de emigran-

tes, afogeados os homens pela sua propria ousadia, com os fatos domingueiros, agitando-se ainda na luta aparvalhada pela conclusão das ultimas formalidades; enquanto as mulheres, submissas á vontade do senhor, sentadas sobre os sacos de retalhos, perdem o olhar no fundo verde do horizonte, interrogativamente, buscando adivinhar, na neblina, a silhueta daquelas Americas, onde ha ouro para todos; e as velhas, choramingam, nostalgicas, pensando nas terras vendidas, e a petizada traquina, indiferente, julgando-se sempre no mesmo patio...

Trepidando, tiroteando, aproximam-se da muralha, os «gazolinhas» com a mancha vermelha da bandeira ingleza. Veem daqueles pa-



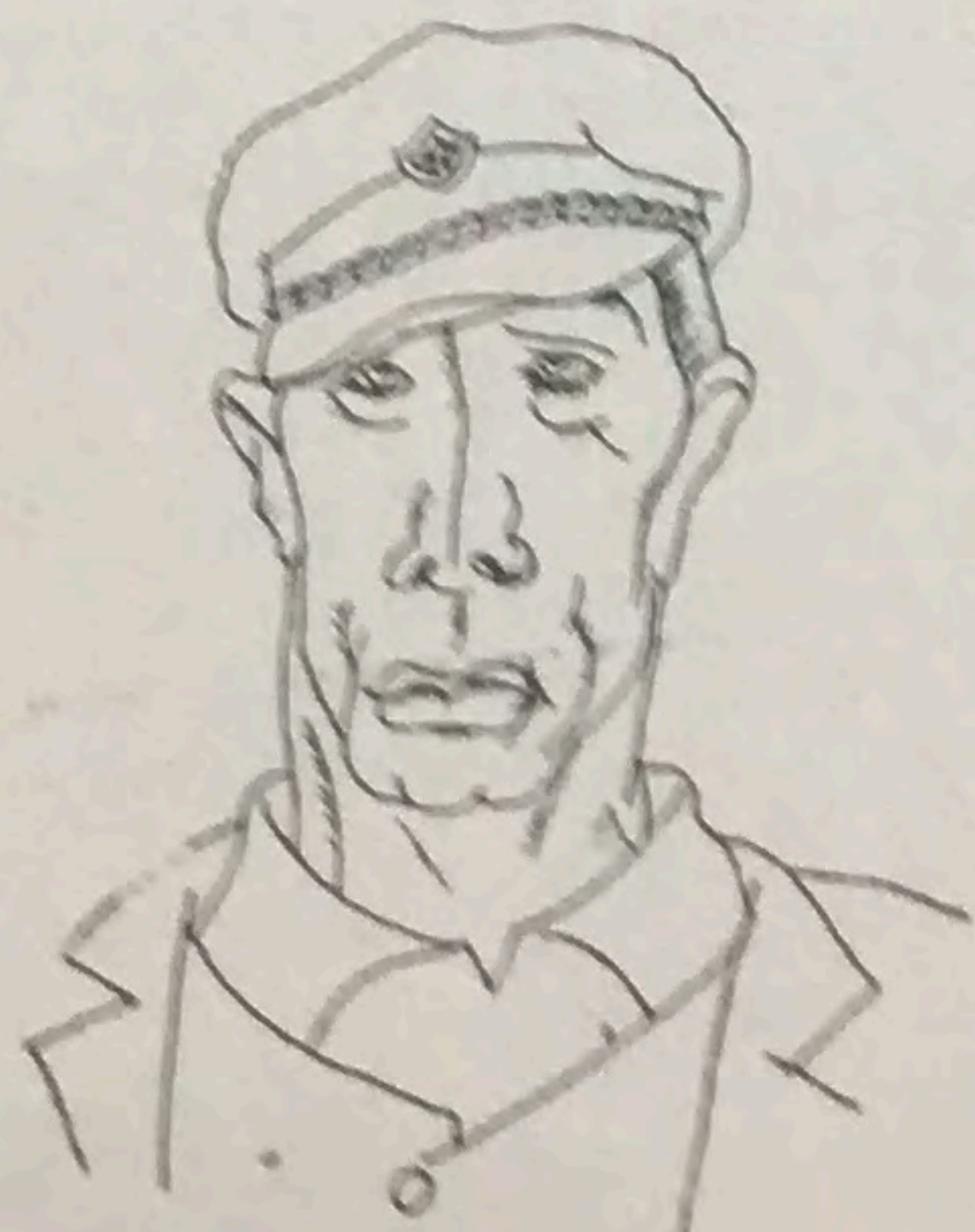
vive da estrangeirada, aguardam-nos com ansiedade. São os aventureiros do caes, poliglotas de calões, antigos maritimos com a pele rabiscada de tatuagens azues e olhos congestionados pelo alcool; outros apinocados, recrutas das agencias do turismo, mal cabendo nas gabardines passadas aos direitos, com ares de officiaes de bordo. E a inglezada arregimenta-se, como soldadesca sob o comando de generaes—e lá marcham, em autos para Cintra, para Cascaes, para a Estrela e para o Campo Grande.

E vem o Caes Sodré, ruina duma praça europeia, que nunca chegou a ser. Os floristas, os «caça-bifes»; a marinhagem de varias côres, negros e chinos; os pescadores e os ma-



lacios de magia, castelos fluctuantes que estacionam no meio do Tejo — e pouco depois despejam no caes uma multidão cosmopolita, homens escanzelados, mulheres girafescas, exercitos de kodak e binoculo, sapateiros de Londres, grandes industriaes de Liverpool, artista de music-hall e milionarios, que veem passear o seu spleen, que veem vêr terras, como se colecionassem sêlos ou postaes...

Os cicerones e os interpretes, matilha que

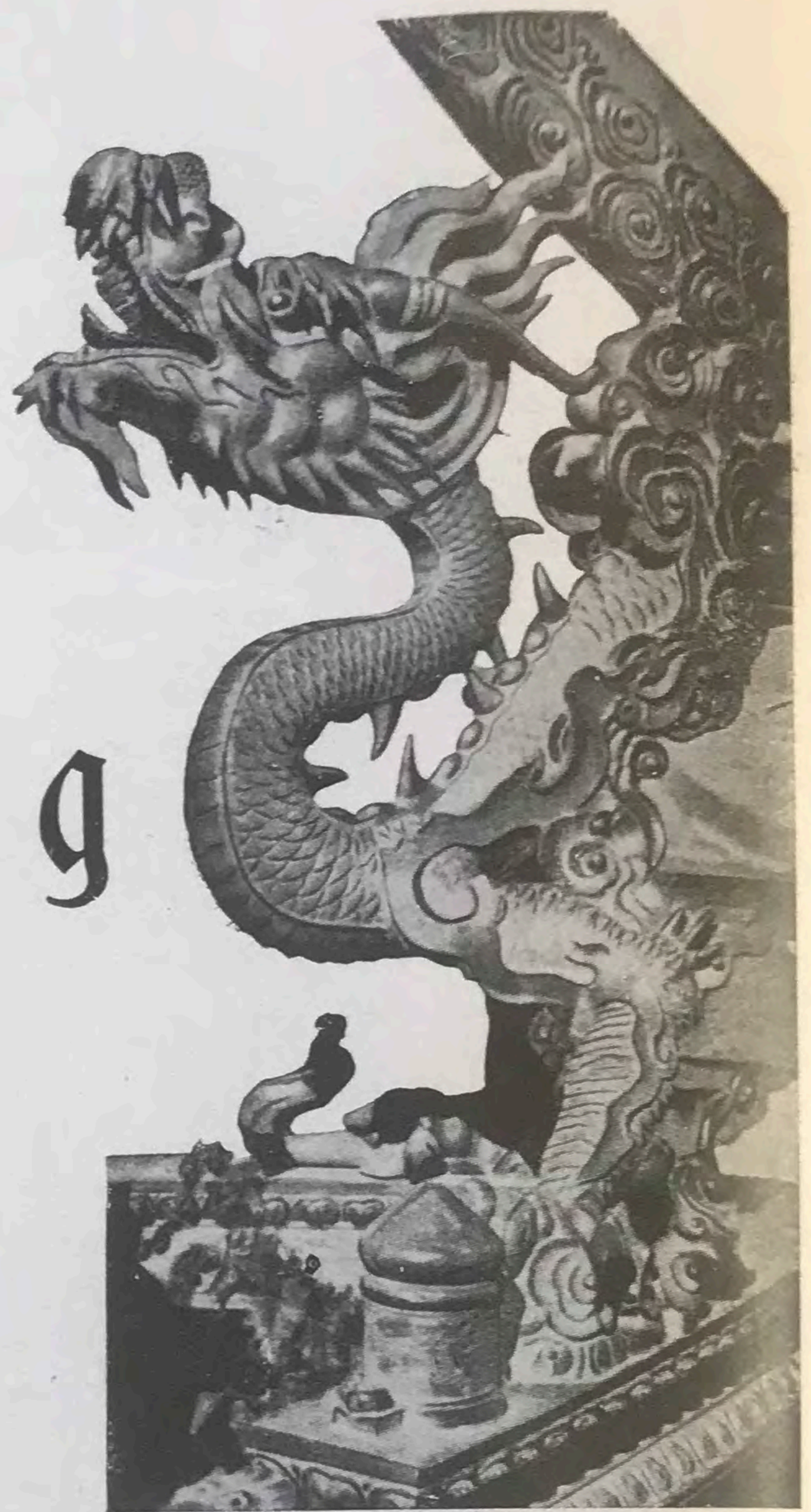


ritimos formando circulo, rondando os terraços dos cafés, sem poderem afastar-se de ali, na hipnose do mar—com medo que o mar lhe fuja na sua ausencia. E no centro, ingreme, quasi a pino, ergue-se a Rua do Alecrim: os carros electricos, rodando aos solavancos pelos rails, como se fôssem a despedaçar-se—parecem barcos de water-chut que se quizessem lançar lá em baixo—no Tejo...

Ilustrações de BERNARDO MARQUES
Clichés de MARIO NOVAIS



Mah-Jong



LONDRES, Paris, Nova-York, Madrid sofrem a febre intensa do Mah-Jong. O Mah-Jong domina, empolga, perturba os velhos hábitos, lança a moda, fazendo bordar as suas marcas bizarras nas meias das elegantes londrinas. Encontram-se á venda sombrinhas Mah-Jong, cigarros Mah-Jong, tecidos Mah-Jong, etc., etc.

— Mas, perguntará o leitor, o que é o Mah-Jong?

— Simplesmente, um jogo de dominós importado da China. A idade moderna, ciosa das conquistas realizadas no Oriente pelas suas maiores, quiz também adoptar uma chinesice, seja dito sem maldade.

Lembramos ao leitor que da China nos vieram, já, a seda para o vestuário, o chá para a alimentação, a imprensa para as artes mecánicas, o papel, a bussola para a navegação, a pólvora para a guerra, o fogo de artifício para as festas e o papagaio, precursor do avião.

Conquistas estas muito notáveis, é certo, mas de escasso valor em face do Mah-Jong... na opinião dos mah-jonguistas.

Como prova do atraso da nossa civilização temos que confessar que até a revolta dos Boxers, isto é, ha perto de trinta anos, era este jogo completamente desconhecido entre a raça branca. Foi o conselheiro inglês na Coreia quem, em 1893, enviou para a Exposição da Columbia, o primeiro Mah-Jong, que hoje se conserva no Museu da Universidade da Pensylvania.

Satisfazendo a legitima curiosidade dos nossos leitores, tentaremos explicar-lhes a significação do nome deste jogo.

E' sabido que a linguagem falada é, na China tão variada que na mesma provincia se podem encontrar dôze e mais dialectos diferentes; ao

passo que a linguagem escrita é a mesma em todo o vasto territorio da Celeste Republica.

E' obvio afirmar que o facto de cada chinês ler com uma pronuncia propria o mesmo signal ideografico da sua escrita, é uma fonte perene de confusões.

Seja dito em abono da verdade que a culpa disto não cabe aos chineses, mas sim á sua escrita; assim tendo uma porta o mesmo aspeto em todos os paises do mundo, existem segundo os tradutores da Biblia, 168 palavras diferentes que representam esse objeto.

Ora o signal ideografico com que se escreve o Mah-Jong representa um passaro canóro, uma especie de pardal, mas a a maneira como é pronunciado significa jogo de dominós.

Em Cantão e no Sul da China chamam a este jogo Ma-Cheuk; no norte e na China Central, em volta de Changai, Mah-Jong; em Pekim ou na lingua mandarim: Ma-Diao.

Como Changai é o porto do Oriente mais relacionado com a America, e como dele vieram os primeiros jogos, espalhou-se o nome de Mah-Jong.

Devemos contudo pôr o leitor ao corrente de que o congresso de professores americanos e chineses reunido em 1923 no Ritz Carlton Hotel de Nova-York, afim de organizar a Liga Americana do Mah-Jong, resolveu adoptar a designação de Mah-Chiang, por mais se assemelhar esta palavra á pronuncia chinesa.

E' desde esta reunião memoravel que se tornou um facto a «The International Mah-Chiang Players Association».

Vamos agora fazer um rapido esboço da historia do Mah-Jong, embora com isso arrisquemos a nossa humilde cabeça, a ser verdadeira a historia espalhada pelos primeiros vendedores do Mah-Jong.

Segundo eles a interpretação do Mah-Jong representava um segredo de estado só conhecido do Imperador e dos altos dignatarios, sendo punidas com a morte todas as pessoas das classes inferiores que tentassem desvendar a historia do Mah-Jong.

Segundo alguns escritores chineses a origem do Mah-Jong perde se na noite dos tempos, devendo ter sido jogado durante os quarenta dias que durou o Diluvio, porque sendo conhecido que o vento que impeliu a Arca soprava do Leste, é também essa a posição dominante no jogo.

Comtudo, R. F. Foster no seu manual do Mah-Jong, publicado em Londres, em 1924, contraria esta doutrina, porque tendo a Arca uma unica janela com um covado de altura (Genese, VI, 16) não haveria luz sufficiente, nem atmosfera propicia para um jogo tão sabio.

Quanto a nós, parece-nos mais crível a opinião de outros autores que atribuem o jogo á princesa Chang-Kue, da dinastia Tan, que com ele ocupava os ocios causados pela ausencia do principe guerreiro, seu esposo, na epoca ditosa que decorreu ha cêrca de 1:200 anos.

O Mah-Jong é formado por 144 pedras curiosamente ornadas de caractere e desenhos chineses, culos coloridos brilhantes e bizarras motivos fazem do curioso passatempo um lindo bibelot de sala.

Bambus, caracteres, circulos, dragões, ventos e estações são os nomes dos diferentes naipes do Mah-Jong.

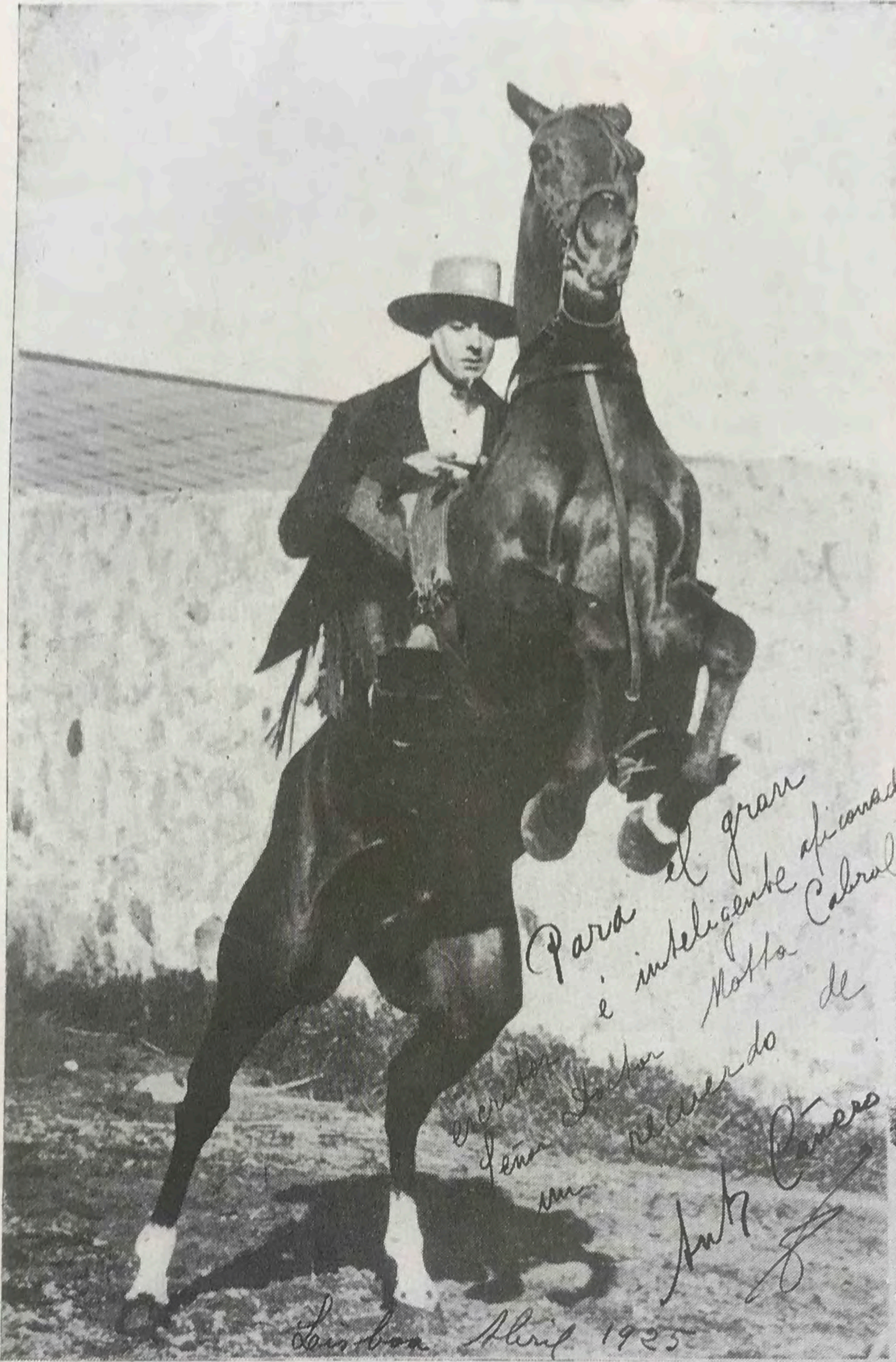
As bizarras pedras que são um lindo brinde nas mãos desmaiadas das mimosas mulheres do Oriente, ainda não ocupam os momentos de ocio das nossas elegantes, porque, a Portugal, as novidades chegam sempre tarde e a más horas.

Toiros e toiradas

Acontecimento tau-rino, inedito para a grande maioria dos portuguezes, foi a vinda a Lisboa de Antonio Cañero. Ainda (e já lá vae bem passado o tempo fallaz das novidades de sensação!) é discutida com calor a guiza de tourear do grande cavalleiro. Andaluz castiço, equitador e *caballista* notabilissimo, cahindo a cavallo como ainda outrem não vi, a sua entrada no rondel é por si só uma figuração de dominio, exalçada pela indumentaria campezina. Vejamos, debaixo das suas pernas de aço, um corcel de sangue, identificado, ao maximo, com a vontade e pericia do cavalleiro, submisso ao mando das pernas (Cañero traz, em geral, a mão leve), correndo pela cara dos toiros, em ligeireza vibratil, a preparal-os, em sahidias falsas, para o fim inevitavel da morte, em praça, e ter-se ha comprehendido o toureiro que exhibe.

Toureiro de emoções fortes — o unico que o publico hespanhol hoje mais de nunca applaude e exige — alguma coisa deixou nas nossas praças, que pouco a pouco irá apparecendo e já levemente se esboça...

Aqui, numa arena pequena, com toiros embolados, sem poder cravar rojões, tendo de, pela primeira vez, usar de ferriños de fazer cócegas, impedido pela asneira governativa de matar a féra, pre-



valor —
heroe e
gentleman !

* * *

Tambem no Campo Pequeno tem brilhado o espada Ignacio Sanches Meggias. Para o definir na exuberancia das suas faculdades, encontro uma só expressão — é um colosso!

Da qualidade das rezes bravias (em manadas portuguezas, excepção feita das ganadarias associadas que só correm em Hespanha, não ha rezes bravas!) com que ambos se defrontaram, não veio maior lustre em honra dos creadores, nem se ganhou no crédito precario da materia prima. Chega a ser indecoroso que um toureiro da cathegoria de Sanches Meggias tenha de obrigar a marrar bois de

judicou a belleza tragica da sua forma de lutar e vencer — sob os olhos dum publico amollecido e dentre o qual, raros apenas, conseguiram descortinar a verdade, atravez a mentira réles em que os toiros, neste paiz, jogam de comparas, e o homem é obrigado a actuar de comediante. Assim mesmo, caso unico em Portugal, a 2.^a corrida passou, toda ella, debaixo de chuva constante que a assistencia gramou, a pé firme, até ao ultimo trabalho de cordo-vez.

Cañero ficará na tauromachia da peninsula como um sopro de audacioso

charrua, estafando-se a procurar-lhes as querenças, para que os malessos arranquem, expondo-se ao maximo, tantas vezes em detrimento do brilho das sortes.

Com Marcial Lalanda repetiu-se a vergonha e, como a este *diestro* faltam o poder e resistencia de Meggias, apenas pode esboçar que é realmente toureiro, na monotona e enervante tarde da farçada ignobil que entre nós substitue a tragedia symbolica da galhardia peninsular...

MOTTA CABRAL



EM todas as épocas, em todas as religiões o homem, revoltando-se contra a exiguidade do percurso vital, ergueu a crença no Além, na outra vida que num mundo diferente continuasse as sensações deste vale de lágrimas.

Assim, sob a influencia desta opinião o mundo dos mortos animou-se duma vida intensa, mas, era necessario que assim fôsse, diferente daquela que atravessamos. Os poetas descreveram já essas imensas planuras dum tom de jade cuja perspectiva se esbate num horizonte dum azul purissimo. Um zefiro brando e perfumado imprime uma ondulação suave ao ambiente onde pairam translucidas formas aladas, diafanos espectros em cuja materia irreal os raios do sol arrancam, por vezes, um palido reflexo de luz que se extingue. São elas, as almas, os corpos astrais, a essencia humana, incorrutivel, efluvio do dinamismo primordial, centelha purificada da materia.

Todo o valor humano, toda a indifferença espiritual se detem timorata no pavoroso limiar da morte!

Arrepiante incognita que o homem tenta resolver desde as primeiras idades.

No misterio dos templos egipcios, nas inacessiveis criptas secretas, onde foi recolhida a extraordinaria herança da grande civilização que o Diluvio aniquilou, estranhos misterios se passaram, experiencias se tentaram, violadoras da divindade.

Adoradores do Sol, conheceram-no tambem como os astrónomos de hoje; divinizando as forças da natureza, domaram-as e utilisaram-se delas a ponto de poderem construir as montanhas de pedra, que são as piramides, por um processo que é ainda hoje uma incognita para a Sciencia.

Na sombra propicia das catacumbas, sob o poder incomensuravel dos magos, os cadaveres tomaram vida e os mortos revelaram os segredos do Além.

Na Caldea, nos labirintos das suas espantosas construções de granito, entre as horrificas esculturas, cujas pupilas de jade olham para o enigma dos seculos com aquela expressão esfingica que as civilizações desaparecidas souberam emprestar aos seus simbolos, estranhos sacerdotes interrogaram a essencia das coisas e gravaram nos

tijolos da sua escritura espantosos segredos que a humanidade de hoje ignora.

Na India, no recesso das suas florestas defendidas pela guarda das formidaveis cobras venenosas e pelos dentes agudos dos tigres, misteriosos faquires, esqueletos em que só o cerebro tem vida, seres em que toda a materia se acha comprimida, reduzida a um nucleo de espantosa sensibilidade, estudam e integressam-se nas forças ignoradas da Natureza.

Senhores da vontade alheia, cerebros que leem nos outros cerebros, condutores do destino, esses homens sabem o que nós ignoramos.

Aqui e além na marcha dos seculos um taururgo surge, com um poder formidavel de visão, guiando os povos para uma senda melhor. E, todos, todos pregam doutrina identica, anunciam a paz na outra vida, prometem fazer transpor a barreira gelada, o limiar da treva.

Sonho de loucos ou verdade de iluminados?

Decididos a resolver o problema, os homens pesquisam, investigam e na sua ousadia interrogam a propria Morte.

E ao seu chamamento audacioso, ás suas invocações insistentes alguma coisa responde. Na penumbra das salas fechadas estranhas formas se divisam, alucinantes e fugidias cristalizações de uma materia desaparecida, rostos se esboçam numa vaga luminosidade, latescente e sinais inequívocos de uma presença ignota se produzem, indubitaveis e inexplicaveis.

Mas nem sempre a doce e apagada flutuação é a comunicação do Além.

Genios formidaveis, produtos potentes duma força imaterial, manifestam-se com violencia terrifica, contundido as coisas sob formidaveis choques, tocando os vivos em embates brutais, desenvolvendo uma sonosidade de monstros.

E sempre nestes casos, em todos os espectadores tranzidos ou serenos a impressão nitida do espaço ocupado por um vulto enorme, a

sensação real de uma coisa que se move, que desloca o ar na sua passagem, qualquer coisa de informe e horroroso na sua brutal expressão de produto infimo, batendo, agredindo, esmagando. Potencias desencadeadas e cegas que o homem ousa desafiar na sua ansia de explicar o misterio, de aclarar a treva.

Do negrume gelido do Além, alguma coisa vem até nós, manifestações desconhecidas de uma grande verdade inconhecivel.

Os factos acumulam-se e como sempre as explicações sucedem-se.

Porém, como fiarmos-nos daqueles que fazem da sua explicação um dogma, uma crença, uma religião.

A era nova, que ora começa, com a realização do velho sonho dos alquimistas, com a portentosa descoberta do professor Miethe que acaba de transmutar o mercurio em ouro, promete-nos a realização de grandes descobertas.

Talvez que todas as aspirações da antiguidade que nós conhecemos, não sejam mais que vagas reminiscências de grandes conhecimentos perdidos num passado remotissimo.

Quem sabe se o nosso sobrenatural não é mais que uma verdade que nós perdemos.

PHANTASIUS

Os Enigmas do Sobrenatural

A Condessa Mathieu de Noailles

Poetisa e Romancista

por

Antonio de Certima

EU tive já ocasião de dizer algures que a minha viagem de procura mental á *ville Lumière* me havia compensado soberanamente: logrando o conhecimento e, mais que este, a amizade espiritual e deliciosa das duas seguintes e bizarras figuras que são na hora actual a aristocracia e a mocidade férrea da literatura francesa—a Condessa de Noailles e o decorador de imprevistos Jean Cocteau.

Um, irrequieto, famoso, dominando o publico pela irreverencia do seu talento maleavel e ardente como nenhum outro, gastando as forças alegres da sua juventude num jogo florido de audácias onde um capricho torrencial de arte desabrocha como um cactus vermelho e maravilhoso; outro, sereno, olimpico, bordado em lhâmas e pétalas de begonia, repetindo na lira da sua voz cheia de azul os velhos segredos e sensações musicais da terra harmoniosa da Hellade apolínea, de que descende.

E até ambos são amigos fervorosos — ambos trocam os dedos delgados e brancos da sua estima e admiração elegantes.

Um e outro eu encontrei na minha jornada de fixador do *estranho*, de bebedor obstinado do absinto perverso de *celebridades*, e a ambos coloquei no prestigio mais alto das minhas inapagaveis sensações espirituais de Paris — *la ville maudite et merveilleuse...*

Neste momento, perdendo os olhos na grafologia nervosa e aristocrática das dedicatorias amáveis que a mão gentilissima da Condessa quiz traçar para a minha amizade de toda a vida — *ex-votos* de orgulho com que a mais bela figura de mulher europeia me quiz afevorar na crença da latinidade dominadora —, eu evoco a tarde melancólica do Trocadéro em que visitei a familiar de todos os filósofos e estetas de Atenas, a irmã melodiosa das nove musas, a noiva musical dos filhos dos deuses e da brancura enebriante e fria dos acetábulos...

E como nessa tarde helênica os meus olhos cobrem-se de milagrosas e extáticas transfigurações de Beleza e de simbolos de purissima e enérgica Poesia.

No aposento em que eu conversava com a *magicienne* do «*Poème de l'Amour*», parecia ecoar a ronda de todos os versos eternos que têm acordado do silencio informe das almas, sob o céu constelado da França, desde Villon e Ronsard até ás estrofes luminosas de Ana de Noailles, e cantando todos, nesta hora inédita, sua humilde e calorosa obediencia... E na opulencia discreta e sugestiva do seu leito de gala, a poetisa fidalga, de cabeça nua e aureolada por um facho de divindade, regia o seu cortejo de mitos, todas as infinitas formas que desciam das paginas de Homero e Anacreonte, de Hesiodo e Teócrito, e vinham ajoelhar aos pés da magnifica feiticeira de todas as imagens verbais e de todos os ritmos



Madame de Noailles
Jan. 1925

sonoros de que a alma das coisas é capaz.

Ela olhava-me numa graça lânguida, a sorrir, mas com fixidez, numa penetração nervosa que vinha através do negrume quente dos seus olhos fundos de pitonisa.

Quebrando a observação em que amalgamávamos, gelados, os sentidos, eu aventurei:

—A sua casa, senhora Condessa, como as lendas órficas do velho Templo de Delfos, ensinam-nos a viver, a desejar...

—...com os meus poemas?

—Certamente, com os seus versos. Eles comportam uma substancia emocional tão eloquente e superior que chegam a concretizar-se e a tomar a forma dos objectos. Por isso todas as coisas teem aqui uma expressão de força e veemência poética exactamente como nas paginas do *Cœur Innombrable* e das *Forces Eternelles*.

—Diz bem. Eu desejo viver com o melhor e o maior impeto. Tenho posto isto nos meus livros e, talvez mesmo como o acabou de demarcar, a todas as coisas que me cercam eu tenho obrigado a darem-me esta atitude. Viver é dese-

jar com vontade, com febre; com as raias e os sonhos mais secretos da nossa consciencia. Para isso é necessario ter coragem visto que esta força de caracter é o fio de púrpura que tece os milagres da Esperança. Quantas vezes, nos abandonos mais lassos do espirito, nós sentimos o corpo sonhar como uma manhã clara de primavera! Eis porque nós precisamos de crêr, de nos subjugarmos ao idílio da Esperança, para melhor sabermos encontrar o nucleo de forças emotivas que reside em nós.

Madame de Noailles, num gesto que lhe deve ser peculiar e que lhe empresta uma graça doentia de odalisca real, brinca agora, tendo livre a tulipa heráldica da mão esquerda, com as bagas do seu colar de pérolas que, preciosas e solertes, como princezas preveras procuram com avidez a carne nua e funda do seu busto branco de estatua sagrada.

Eu volto a reconsiderá-la num longo silencio de sortilégio... O seu nome de musa latina enche toda a Eurora. Ao lado de Barrès, de quem ela é ainda doente de saudade, e do irónico Anatole, o seu genio completa a trindade gloriosa da França neste faustoso limiar do século XX.

A sua poesia, tão pura e ardente, è uma fonte de permanente claridade e o exemplo fecundo da mais nobre e encantadora inspiração de artista cujo lirismo dionisiaco e aprilinio tem muitas vezes um sabor pronunciado do misterio.

—Mas nunca ela é obscura ou mediocre.

Os sentimentos desabrocham numa torrente de luz que faz de cada palavra, de cada verso uma pequenina estatua dum marmore espelhante com suas curvas nitidas de voluptia heroica e vitoriosa cantando a alegria máscula de viver.

Mas interrompi de súbito as minhas abstrações para interrogar:

—O que explica a sua fase de romancista?

—Impossivel responder rapidamente. A poesia talvez por haver tomado uma forma demasiadamente escultural no meu pensamento, levou-me a uma ordem interior de que a inquietude do meu espirito tantas vezes zombava como uma abelha alacre. Daqui a necessidade que comecei a sentir de dar uma forma mais livre e errante ás minhas recordações e confidencias, ás sensações e segredos do coração. Tinha-me submetido bastante á verdade, isto é, no equilibrio da minha personalidade moral e estética. Logo, era natural, era mesmo *feminino* que eu me sentisse arrastada para diversas tendencias imaginativas, desdobrando-me em máscaras e sentimentos que eu desejaria em certos momentos assumir...

—E dos seus livros qual é o que a senhora Condessa mais prefere?

—Eu não sei qual dos meus sentimentos prefiro mais... Nós queremos sempre muito a

Europa

tudo aquilo que é nosso. O publico é que demarca as nossas atitudes ..

E Madame de Noailles riu com aquele riso superior e um tudo nada mordente que eu tinha já surpreendido cá fora, no salão onde esperei que ela me recebesse, através do vermelho sangue da obra de Voltaire.

— Da nossa geração francesa

qual é o nome a que mais quere? — O de um amigo que muito estimo: Cocteau. O seu talento enorme, duma essencia vernacula como nenhum outro, representa o que ha de fe-rico e subtil, de arrojado e ao mesmo tempo de limpidamente classico, no aspecto moderno da literatura francesa. A arte de Jean é uma joia aristocratica que morde todas as carnes sem perder o abrasamento dos seus raios ou o prestigio venenoso da sua elevação.

Despedi-me de Madame de Noailles — figura sortilega de genio e maravilhosas tentações. Disse-lhe, perturbado, a honra gloriosa com que ela acabava de coroar a minha mocidade, dignando-se receber o mais novo dos homens de letras do meu país. E a sua voz de harpa, maguada e doce, dentro a foresta negra dos

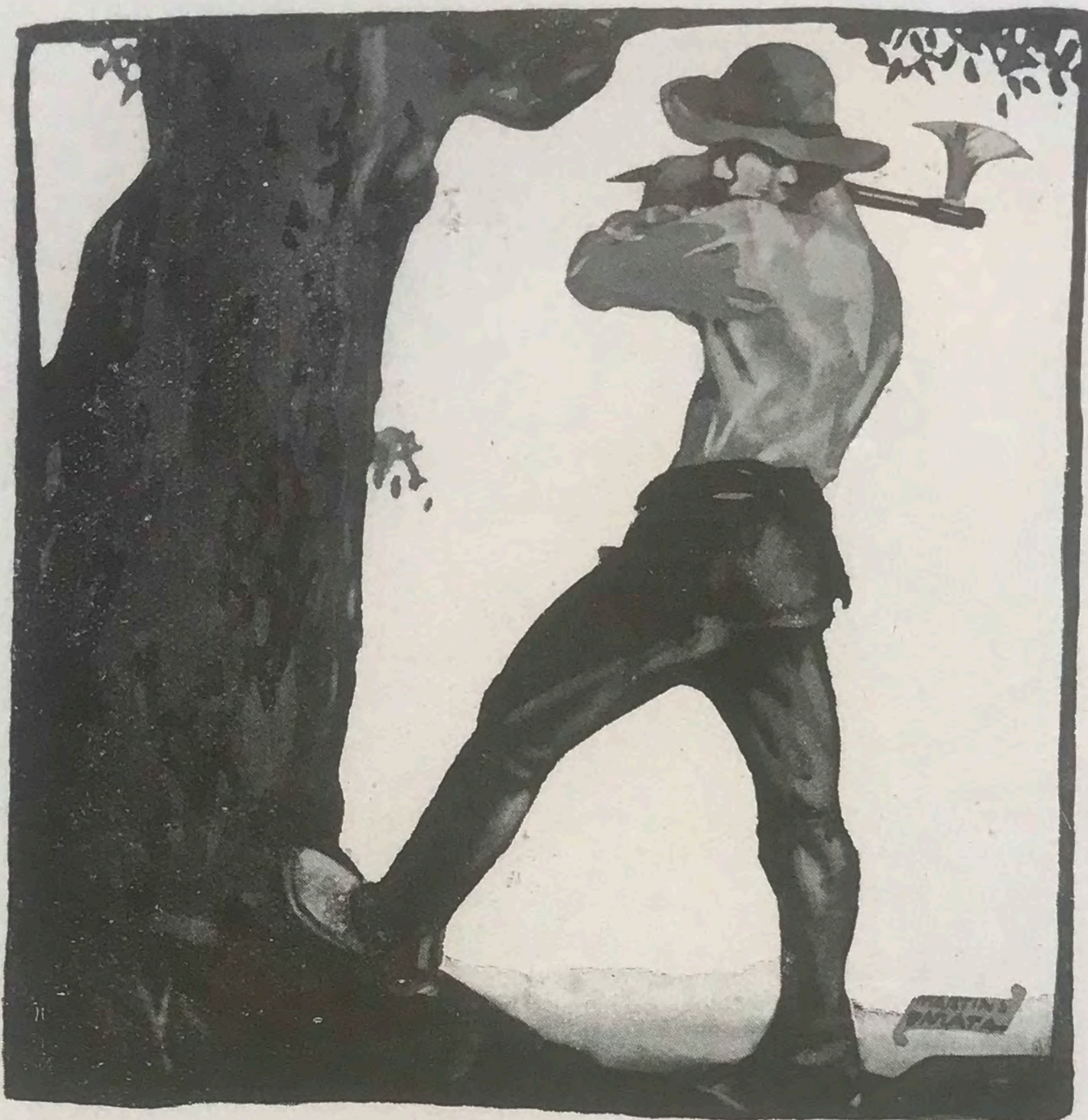
seus cabelos e defendida pelas serpentes brancas dos seus braços, pediu-me numa supplica dormite:

— Não se esqueça de levar ás mulheres de Portugal e Brasil um pouco da minha voz e dizer-lhes que eu as saúdo e as estimo — como ao meu sangue, como aos meus versos mais dilectos e apaixonados!...

Escultura de



Francisco Franco



V A L O R E S N A C I O N A I S

A C O R T I Ç A

A produção :

A cortiça é o tegumento espesso, esponjoso e elastico dos troncos do sobreiro (*Quercus suber L.*), arvore de grande porte, cujo habitat se encontra limitado á zona mediterranea, abrangendo o meio-dia da França, quasi toda a Espanha, Portugal, uma pequena parte da Italia, a Corsega, a Sardenha, a Algeria, a Tunisia e Marrocos.

De entre todos estes paizes, Portugal é o que produz maior quantidade de cortiça, avaliada em 700.000 quintais metricos anuais. Logo a seguir vem a Espanha, com uma produção anual de 300.000 quintais, depois a Algeria com 175.000 quintais, a França com 120.000, a Italia com 40.000 e por ultimo a Tunisia com 20.000. Os sobreiros, em massiços extremes, ou de mistura com a azinheira (*Quercus ilex*) formam grandes matas denominadas *montados*. Quando o sobreiro é novo denomina-se *chapparro* e os extensos arvoredos por eles formados são conhecidos por *chapparrais*.

Em Portugal a area ocupada pelos montados está calculada em 300.000 hectares, extensão muito notavel em relação ás areas cultivadas nos outros países.

O sobreiro encontra em Portugal as condi-

ções mais favoraveis para o seu desenvolvimento, onde, sobretudo no sul do país, forma extensos e bastos montados, sendo principalmente notaveis os das regiões ao sul do Tejo, de Evora, Beja, Portalegre, da serra de Grandola, e do Algarve. Tambem se cultiva em larga escala, no distrito de Castelo Branco e na provincia de Traz-os-Montes. Chega ás vezes a atingir proporções enormes, como não se encontram em qualquer outro país do mundo, principalmente pelo que respeita á grossura do tronco, que em alguns exemplares, se tem verificado chegar a 9 e 10 metros de circumferencia.

Ordinariamente um sobreiro começa a dar cortiça aos 20 anos. Essa primeira cortiça é chamada *virgem* ou *macha*.

As seguintes cortiças (*segundeiras* ou *femeas*) são arrancadas de nove em nove anos.

A industria :

A industria corticeira na sua forma inicial (industria rolheira) teve o seu berço na Catalunha.

Foi ali que primeiro o aproveitamento da cortiça tomou formas industriais e comerciais.

De importancia minima em principio, feito

da sua limitadissima utilização pratica, a industria rolheira foi progredindo paralelamente e como consequencia do desenvolvimento da industria das garrafas, da generalisação do uso das aguas minerais, bebidas fermentadas, alcoolicas, etc.

Da Catalunha irradiou para o resto da Espanha e mais nações productoras da cortiça, sendo o catalão em todas elas o seu introduztor.

Mercê do desconhecimento da materia prima e muito tambem das dificuldades dos meios de transporte, e ainda da pouca importancia do seu valor comercial e industrial, durante bastantes anos toda a industria rolheira se fixou nos locais de produção, e é facil entre nós tirar a prova desta afirmação pelo exame dos nossos montados.

São todos adultos, e muitos em decadencia já, os que se avisinham dos centros onde se sabe ter existido desde muitos anos a industria rolheira. Estão em exploração recente, pelo menos em larga percentagem, os que desses centros estavam sensivelmente afastados.

Pode dizer-se que a industria rolheira mundial deu o seu maximo de produção e consumo de 1895 a 1900, data em que as cortiças

atingiram o seu mais elevado preço para o produtor português.

Existiam nesta data em todo o país as fabricas que preparavam cortiça. Hoje esse numero eleva-se a 127, mas a maior parte d'elas apenas prepara a cortiça em pranchas e quadros.

A carta industrial do paiz apresenta-nos a industria corticeira como a principal no distrito de Evora e a ultima no distrito de Beja, onde a tiragem de cortiça é muito restrita.

Foi no Algarve que ela atingiu o maior incremento, sendo Silves o mais importante centro de produção de rolhas. Em outros pontos, como Faro, Portimão, S. Braz e Messines, ainda existem algumas fabricas mas em numero reduzido e lutando com grandes dificuldades. No distrito de Lisboa as mais importantes encontram-se no Barreiro, S. Tiago do Cacem, Grandola, Sires, Almada e Seixal.

O problema corticeiro:

Em consequencia da alta de preços da rolha nacional, consequencia logica da insuficiencia industrial, e da nefasta influencia que o excesso de intermediarios e fretes exercia sobre o preço da rolha trabalhada na industria estrangeira, surgiu então a ansia pela descoberta de sucedaneos da rolha, que, com mais ou menos exito, a substituissem no seu objetivo de obturação de garrafas continentes de liquidos.

Varias soluções foram experimentadas, tendo umas como base a borracha auxiliada por molas compressoras, outras a propria cortiça com cerceamento, porem, desta materia prima.

De exito mais que duvidoso todas, principalmente tratando-se de liquidos destinados a engarrafamentos demorados, atingiu contudo emprego vastissimo o disco, cuja adopção teve como resultado que a cortiça necessaria para uma rolha passasse a fornecer materia prima para obturadores de muitas garrafas.

Desta concorrência resultou naturalmente uma verdadeira inversão no estado do comercio da cortiça; da materia prima escassa e consequentemente cara, passou-se á superabundancia e natural depreciação.

Surge a guerra europeia. Os fretes, quando não tornados

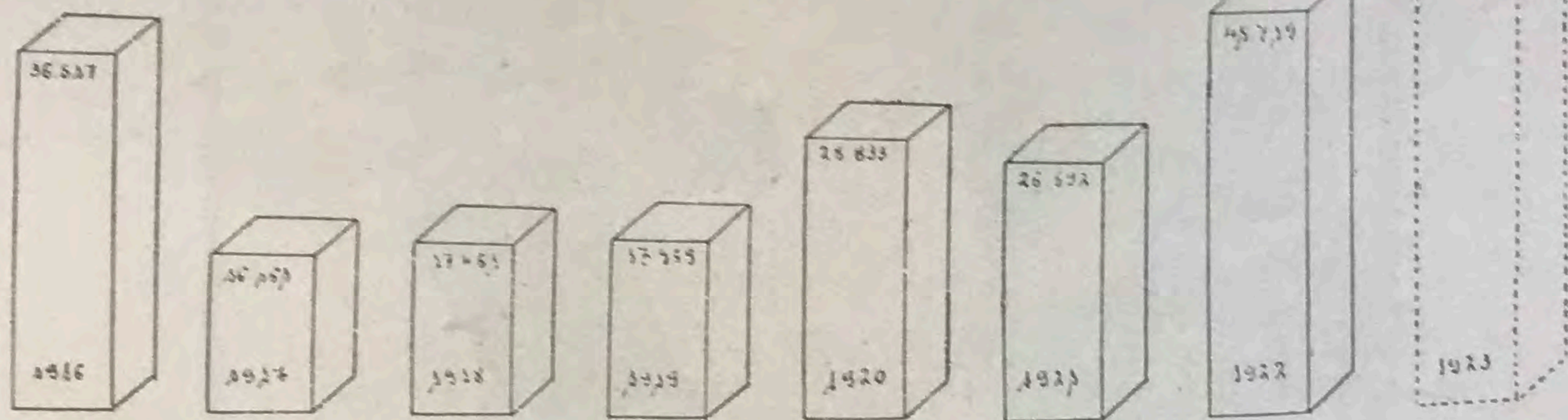


Diagrama da produção de cortiça desde 1916 a 1923 (Expresso em toneladas)

impossiveis, alcançam preços fantasticos, a beligerancia fecha grande numero dos mercados consumidores, e em todos os países se procura remediar as necessidades com a prata da casa. Todos os sucedaneos da rolha entram em uso, arranjam-se applicações novas, e a crise corticeira atinge o auge da sua intensidade.

O problema apresenta-se, pois, da seguinte maneira: proibir a exportação de cortiça em bruto e neste caso a lavoura deixa de encontrar saída para a cortiça, ou autorisar francamente a exportação e nesse caso a industria corticeira morre.

Não surgiu, contudo, esta crise como raio que subitamente ferisse a vitima desprevenida, não, desde o principio do seculo que ela se anuncia e como a bola de neve inicial da avalanche tem vindo rolando, aumentando de ano para ano.

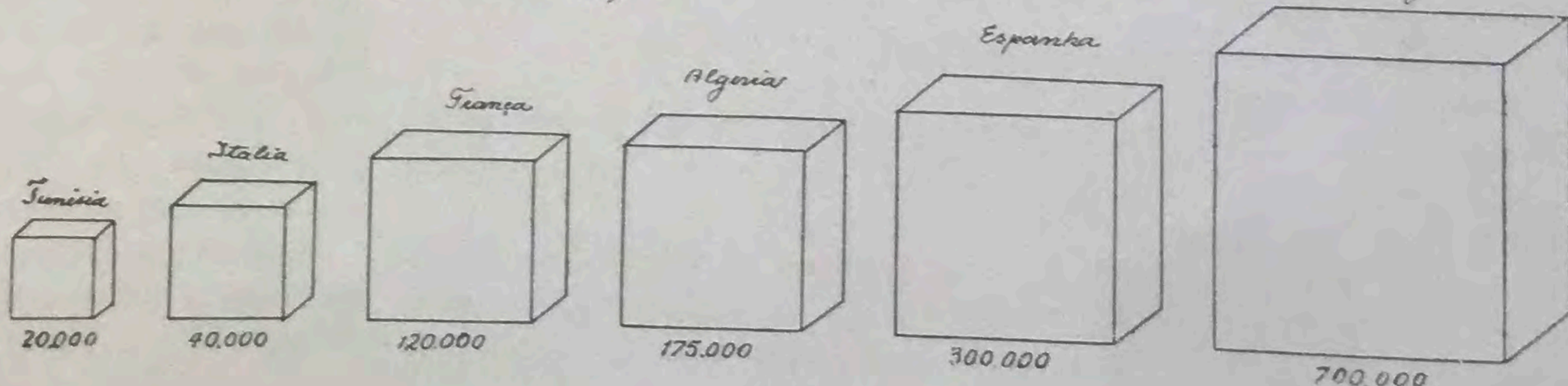
A verdade é que a industria portuguesa, sem plasticidade, sem poder ou não querer adaptar-se ás novas modalidades, continuou rotineiramente a fazer rolhas quando os mercados já não queriam essas rolhas.

Quanto a nós a solução do problema não está em estafadas portarias do «Diario do Governo», está numa applicação inteligente da nossa industria a todos os subprodutos da cortiça, está numa adaptação rapida dos nossos processos corticeiros ás exigencias actuais.

A cortiça não deixou de ser usada, apenas mudou de applicação.

E são as novas industrias corticeiras tantas que A. Funaro e N. Locajono no seu Manual *Sughero, scozze e loro applicazioni* e Martignat no seu livro intitulado *Le liège, ses produits et ses sous-produits* as declaram de difficil enumeração.

Diagrama comparado da produção mundial de cortiça. (Em quintais metricos)



Exigem estas novas applicações tanta materia prima como a das laminas de cortiça que em espessura propria se destinam a palmilhas, e mais delgadas dão o papel de cortiça, pontas de cigarros, armações de chapéus principalmente em uso para as colonias, envulcros de charutos, etc., alem de tantas outras derivadas da sua pequena condutibilidade, que brevemente tomaram conta do que a industria abandonou, e, passado pouco tempo, a procura egualou a oferta, se a não excedeu, como o indica a subida de preços e aproveitamento das cortiças bravas ou virgens.

Foi razão desta valorisação, o desenvolvimento da industria dos *Linoleos* que começando pela utilização dos desperdicios, aparas, da industria rolheira, em breve os reconheceu insuficientes, tendo então de recorrer ás existencias sem valor da cortiça virgem. Os aglomerados, a conservação ou acondicionamento de frutas, etc., são seus concorrentes no mercado, contribuindo para a maior valorisação de desperdicios, cortiças virgens e refugos.

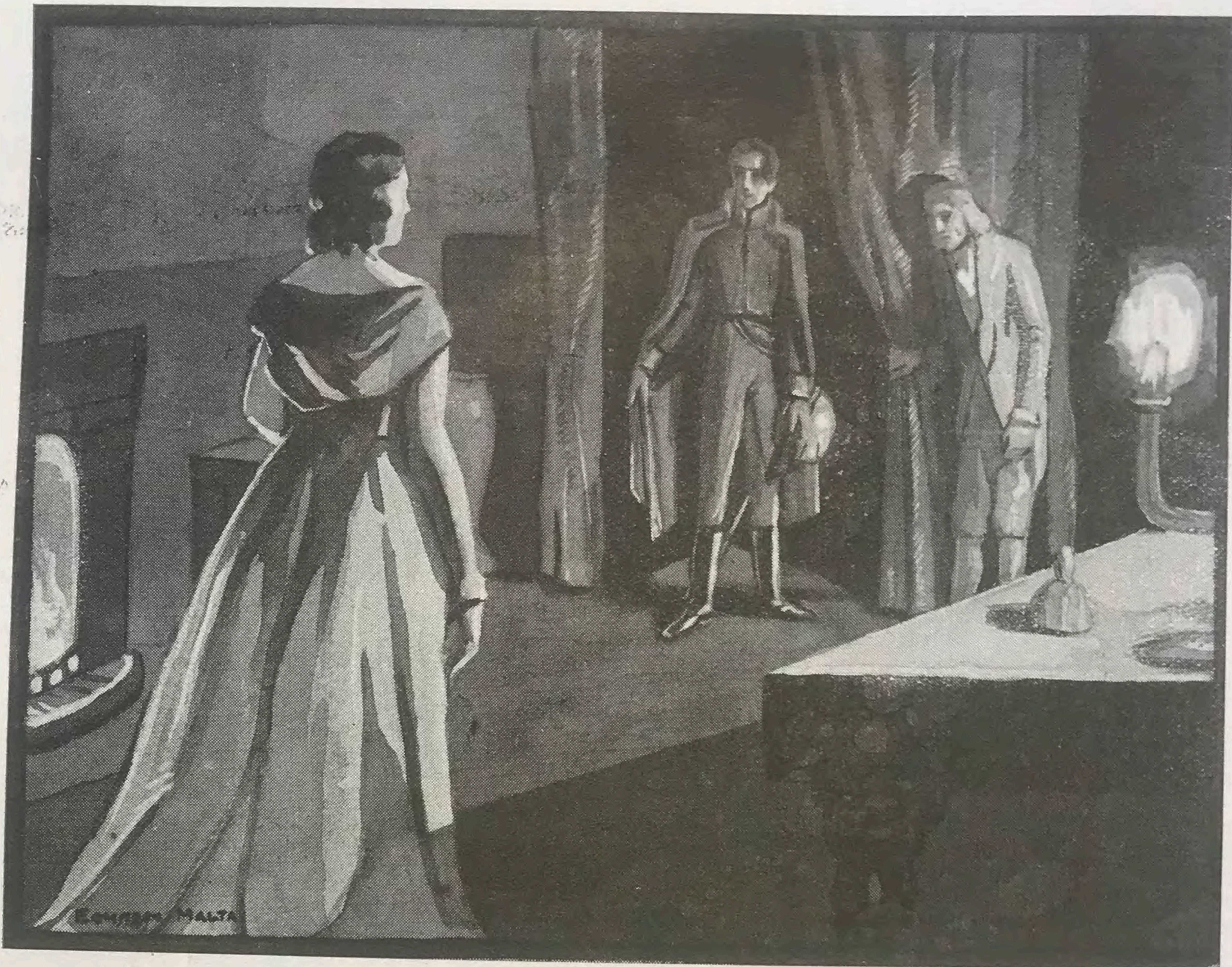
Para demonstrar o grau de importancia destas novas causas de consumo da cortiça diremos que, só para palmilhas, emprega uma fabrica americana muitos milhares de fardos de cortiça, e que destinada a forrar pontas de cigarro vendeu um dos nossos industriais toda a cortiça de marca propria, facultada pelas suas existencias, e dentro do praso de um ano, no valor de 3.000 libras.

Para demonstrar o grau de importancia destas novas causas de consumo da cortiça diremos que, só para palmilhas, emprega uma fabrica americana muitos milhares de fardos de cortiça, e que destinada a forrar pontas de cigarro vendeu um dos nossos industriais toda a cortiça de marca propria, facultada pelas suas existencias, e dentro do praso de um ano, no valor de 3.000 libras.

O comercio:

Da estatistica da exportação de cortiça, resulta a verdade das nossas afirmações: a industria rolheira permaneceu estacionaria desde o inicio do seculo, ao passo que a materia prima num crescendo continuo apenas interrompido pelo periodo da guerra é exportada em quantidades notaveis.

Assim a cortiça virgem, sem valor em 1900 em que era queimada para fertilisar os terrenos, atinge em 1914 um quantitativo de exportação de 7000 toneladas, a exportação de aparas sobe em 1923 a 44 mil toneladas, a cortiça em pranchas exportase no mesmo ano num valor de 56.000 toneladas.



O misterio do Paço de Salvaterra

por Antonio Alves

Ilustrações de Eduardo Malta

O SUMILHER correu o reposteiro de damasco carmezim e curvando-se anunciou:

— Sua Alteza Real o Infante D. Miguel.

A corrente de ar frio que entrou pela porta entreaberta fez oscilar as três luzes do candelabro de prata cinzelada e avivou por instantes o lume quasi extinto do fogão. A Rainha D. Carlota Joaquina ergueu-se em sobressalto e, aconchegando sobre o peito a mantilha espanhola, avançou vivamente ao encontro do filho.

— Miguelito! Hijo mio, que hay?

D. Miguel estacou um momento entre os umbrais da porta. Depois, desprendendo-se da grande capa militar que o sumilher recebeu com respeito, tirou o bicornio, cujas plumas a chuva amachucara e beijando a mão da Rainha respondeu num gracejo:

— Agua, Real Senhora, agua a potes como no Diluvio. Desde que sai da Bemposta não deixou de chover. Tenho de aprender a nadar se quizer voltar ao Ramalhão.

O pobre cavallo ia morrendo afogado.

E desafivitando o sabre que atirou com fragor para cima duma comoda de embutidos, o Infante atravessou a sala em direcção á chaminé, deixando estampadas no soalho as pégadas das suas botas altas encharcadas.

— Mas o lume está quasi apagado! Vossa

Magestade arrisca a sua preciosa saude com esta economia de lenha! E' preciso lembrar-se de que estamos em Fevereiro e de que o inverno em Sintra é muito rigoroso...

A Rainha não respondeu. Ficara hirta, calada, apoiada ao espaldar duma cadeira, e tirando dentro da bata de chita muito suja, olhava o filho com enlevo, D. Miguel esperou o lume com a tenaz, lançou mais duas achas na fogueira e sentando-se numa poltrona forrada de damasco côr de vinho esperou, bocejando, que elas começassem a arder. A chuva ruflava nos vidros miudos das janelas, e, no profundo silencio que pairou, ouvia-se distintamente crepitarem os morrões bruxuleantes das três velas que iluminavam o aposento. Então a Rainha interrogou de novo:

— Miguelito! Hijo mio, que hay?

D. Miguel soergueu-se na poltrona, fitou na mãe um olhar em que transparecia uma leve ponta de ironia e, lentamente, martelando as palavras, respondeu:

— Sua Magestads El-Rei D. João VI, Meu Pai e Senhor, resolveu passar o Entrudo em Salvaterra. Partiremos depois de amanhã.

Carlota Joaquina teve um sorriso quasi imperceptível e sentando-se em frente do Infante, muito embrulhada na mantilha, retorquiu com frieza:

— Já sabia.

No fogão uma das achas inflamara-se de subito, e um grande clarão avermelhado encheu a sala, reflectindo-se com intermitencias no bôjo esmaltado e luzidio das quatro talhas da China que adornavam os cantos. Muita calma, a Rainha repetiu:

— Sim, já sabia. Felizmente a minha policia é melhor que a do Intendente. Vai a Côrta toda, o ministerio... o Pamplona, o Loulé... Não tens mais nada a dizer-me?

— Vossa Magestade acha pouco? — replicou D. Miguel, levantando-se de repelão. Falei ontem com o Bernardo Doutel, de cavalaria 4. Prometeu-me sair com o regimento. O coronel Sampaio, do 23, é dos nossos, tambem... Tinha a victoria assegurada, mas esta ida para Salvaterra vem trastornar todo o plano. Alguem, certamente, avisou El Rei.

— Sim, Miguel, alguem avisou El-Rei... — confirmou Carlota Joaquina, cravando no rosto do Infante um olhar perscrutador.

— Quem?

— O mesmo que em Maio do ano passado o aconselhou a ir para Vila Franca.

— O Loulé?!

— Sim, o Loulé.

D. Miguel deixou-se cair de novo na poltrona

e, fitando as chamas que bailavam na lareira, pareceu embrenhar-se em profunda meditação. A Rainha mirava-o de soslaio, com os lábios contraidos por um sorriso enigmático. Fóra, o vento sibilava nas franças do arvoredo e sacudia nos gonzos as janelas, cujos fechos dourados tilintavam. Cabisbaixo, o Infante reflectia. De repente, como se falasse consigo próprio, murmurou:

— E' um crime a nossa desobediencia... Por que nos revoltamos contra El-Rei?

A Rainha estremeceu e erguendo-se afogueada, num assomo de orgulho, exclamou, com voz aspera, que a pronuncia espanhola tornava ainda mais colerica!

— Porque é preciso salvar o Trono e o País! El-Rei não deve ser escravo daqueles vassallos rebeldes que ousaram impôr-lhe leis! Se teu Pai não sabe castigá-los, cumpre-nos a nós defender a dignidade real contra os malvados *pedreiros-livres!*

— El-Rei é senhor das suas acções.

— Mas não tem o direito de comprometer o futuro da dinastia! Se nos revoltamos agora é para que amanhã possas reinar livremente no Trono dos teus antepassados.

— Não sou eu o primogenito, Real Senhora!

— O Pedro já não pode ser Rei em Portugal, porque já não é português. Ao proclamar a independencia do Brasil renegou a Patria, a Família e a Realeza. Não tem, não pode ter perdão!...

— Aliou-se com os clubes maçônicos para consumir a obra da separação... — acrescentou D. Miguel, melancólico. Sim, é verdade, o Pedro não pode já reinar em Portugal...

— Só tu deves ser o sucessor d'El-Rei, e é preciso que te chegue intacta a herança que Ele recebeu de Sua Mãe! E' preciso salvar a Monarquia e a Nação! e é por isso, Miguel, que a nossa revolta é sagrada.

O Infante calou-se um instante, cogitando. Depois, brandamente, num murmúrio, repetiu pensativo as palavras da Rainha:

— Salvar a Monarquia e a Nação... Na verdade, se El-Rei se encontra coacto, o mesmo succede ao país...

— O país espera o seu redemptor, — atalhou rapidamente Carlota Joaquina; e o seu redemptor és tu! Os fados hão-de cumprir-se. De nada servirá que El-Rei se refugie em Salvaterra. O nosso plano não fica inutilizado, sofre apenas um adiamento. Podes partir tranquilo, *Miguelito*... eu continuarei a conspirar.

Na lareira, o fogo ardia vivamente, espalhando em toda a sala um calor suave e confortante que convidava ao silencio. A Rainha e o Infante enterraram-se mais na fofeza das poltronas, ambos aparentemente distraídos, mas ligados no fundo de seus pensamentos pela mesma ideia dominante. O dialogo continuava agora sem palavras, transmitido apenas pela invisível vibração das suas almas inquietas. Bruscamente, D. Miguel ergueu a voz:

— Foi, então, o Loulé?

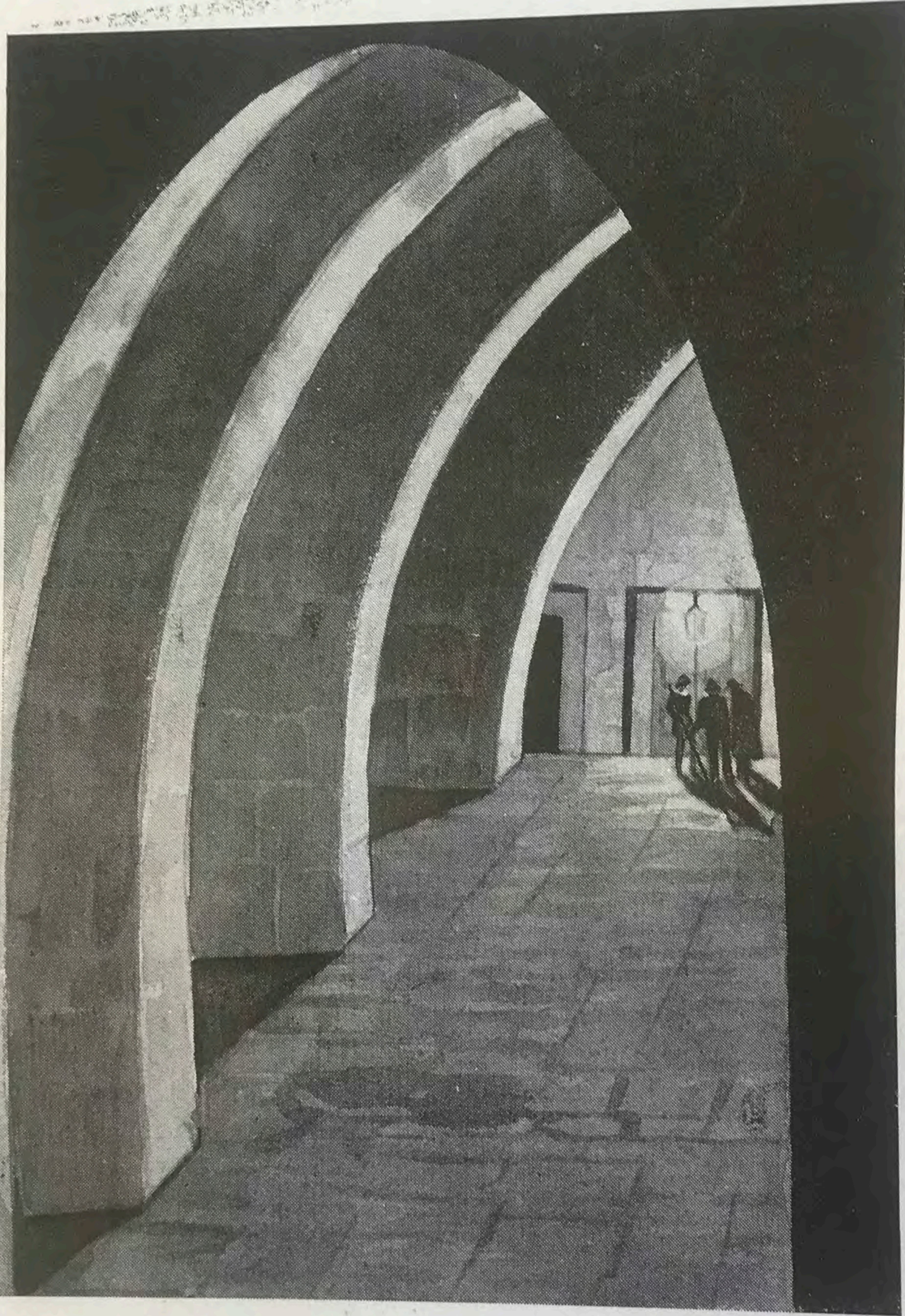
— Foi, — respondeu de pronto a Rainha, como se já esperasse a pergunta. Tem sido o nosso peor inimigo juntamente com o Subserra e o

Palmela. São eles os conselheiros d'El-Rei: dois traidores vendidos aos franceses e outro que não se vendeu porque não pode... Já que não querem arredar-se do nosso caminho, o melhor será suprimi-los!

— Suprimi-los? — disse com estranheza D. Miguel.

— Sim, *Miguelito*, mandá-los a todos trez para o inferno, se é que lá os aceitam... Estudei o caso e parece-me que algum proveito poderemos tirar da estada d'El-Rei em Salvaterra. Nada mais simples do que um desastre de caça... e a Corte vae, decerto, passar os dias a caçar.

— Repugnam-me os actos violentos, Minha Mãe. E' preferível guardar a vingança para mais tarde, quando tivermos vencido.



A abobada do tecto e as paredes resumavam uma humidade viscosa e bafienta...

— E se por causa deles não vencermos? se as tuas hesitações, os teus receios impedirem o triunfo da nossa Causa sagrada? Um tiro perdido nas lezirias de Salvaterra... e o Loulé terá deixado de existir.

— E' perigoso, Minha Senhora e Mãe, é muito perigoso!

— Tens amigos, servidores dedicados que serão capazes de o fazer e que nem a tratos dirão uma palavra!

— Não quero sacrificá-los exigindo-lhes que se tornem assassinos.

— O Loulé insultou-me, *Miguelito!* Insultou a Rainha e... ainda não morreu!

— Se ele ofendeu Vossa Magestade, eu o saberei punir quando fôr Rei.

— *Bueno! ya me lo suponía!* — replicou com desprezo Carlota Joaquina. Tenho um filho que fica impassível perante os ultrajes feitos á honra de sua Mãe. Pois já que te faltam bríos para me desafrontar, irei eu própria a Salvaterra matar, como um cão danado, esse infame Loulé!

D. Miguel ergueu-se muito palido, todo agitado por um tremor convulsivo.

— Não compreendo, Real Senhora...

Serena, cheia de magestade, num tom ao mesmo tempo doloroso e digno, a Rainha pôde, enfim, pronunciar a frase decisiva que longamente havia preparado.

— O Loulé tem menos preconceitos do que tu, Miguel. Para te perder no animo de El-Rei, não duvidou insinuar-lhe que não eras filho dele!

— Sob o peso da afronta, o Infante cambaleou. Nos seus belos olhos negros fuzilou um relampago de colera, logo reprimida. E quando, passado um instante, endireitou a esbelta figura, crispava-lhe os lábios um sorriso sardonico que contrastava singularmente com a severidade das faces desmaiadas, em que se reflectia uma resolução inabalavel. Serenamente, sem dizer palavra, a cabeça levantada sobre a gola muito alta do uniforme, tocou a campainha de prata cinzelada para chamar o criado. Depois, sempre em silencio, recolheu o sabre de cima da comoda de embutidos e afivelou-o de novo ao cinturão. Solicito, o sumilher entrou, estacando junto da porta á espera de ordens.

— A minha capa, depressa! — ordenou o Infante. E o escudeiro que traga os cavalos para o patio. Partimos imediatamente para Lisboa.

O sumilher saiu, correndo. A chuva recommençara a cair em grandes bategas, fustigando violentamente as vidraças das janelas; D. Miguel avançou então para a Rainha, que permanecia imóvel junto da lareira e curvando-se numa venia respeitosa, o bicornio entalado debaixo do braço, murmurou lentamente:

— Fique Vossa Magestade descansada. O Marquês de Loulé não voltará de Salvaterra.

*

* *

No meio da plateia, disfarçadamente. D. Miguel olhou a sala. No palco, rodeado de quatro dos interpretes, o Marquês de Loulé procedia á marcação da scena capital do terceiro acto. No camarote real, as Infantas D. Isabel Maria e D. Maria da Assunção

seguiam muito atentas as peripecias do ensaio; mas ao lado, a mais nova, a Infanta D. Ana de Jesus, sentada no parapeito, de costas voltas para a sala, conversava com o filho do Marquês, o esbelto e juvenil Nuno José, cuja loura beleza efeminada começava a trazer alvorçados os corações de todas as fidalgas e dizia-se que tambem o da princesa. D. Miguel franziu as sobrancelhas, como se o facto lhe desagradasse, mas, reprimindo o enfado, perscrutou de novo as sombras do teatro e, certo de que ninguem o estava vendo, atravessou rapidamente a plateia escapulindo-se por uma das portas laterais.

Para entreter a Côrte em Salvaterra nas longas noites de inverno, o Infante mandara ir de

Lisboa os scenarios e mais pertences necessarios para se representar uma comedia. Dirigia-os o Marquês de Loulé, antigo official da *Legião Lusitana* ao serviço de Napoleão, a quem as frequentes visitas aos bastidores dos teatros de Paris durante a sua estada em França haviam dado certos conhecimentos da *mise-en-scène*. Representavam os principais papeis, além do ensaiador e do Infante, o Marquês de Abrantes, D. José, os Condes de Vila Flôr e Povolide, as Condessas da Redinha e da Atalaia e outros fidalgos e fidalgas..

D. João VI, comido o frango assado com manteiga, recolhia invariavelmente aos aposentos para fazer em sossego a digestão, mas o resto da Côrte, com as Infantas á frente, acorria ao teatro mal terminava a ceia, satisfeita de encontrar um passatempo em que podia dissipar um pouco a tristeza das noites campesinas. Naquela

noite de 28 de fevereiro, a Côrte viera ao teatro, mais numerosa do que nunca. Chovera torrencialmente de manhã e de tarde e ninguem se atrevera a abandonar o Paço para ir caçar na lezíria inundada ou merendar debaixo duma arvore. Aborrecidos por um dia inteiro de forçada reclusão, todos os fidalgos que se encontravam em Salvaterra tinham vindo, logo em seguida á ceia, passar o serão no ensaio. Mas a noite estava fria e agreste e, pelas portas e corredores da sala já meio arruinada, o vento penetrava assobiando, trassendo os espectadores que se embrulhavam, friorentos, nos seus mantos e casacões de abafo. Todos tinham procurado um logar mais abrigado e comodo e, em pequenos grupos, muito juntos uns dos outros para mutuamente se aquecerem, conversavam baixinho enquanto o Loulé, no palco, gritando e agitando os braços, explicava aos amadores muito interessados como

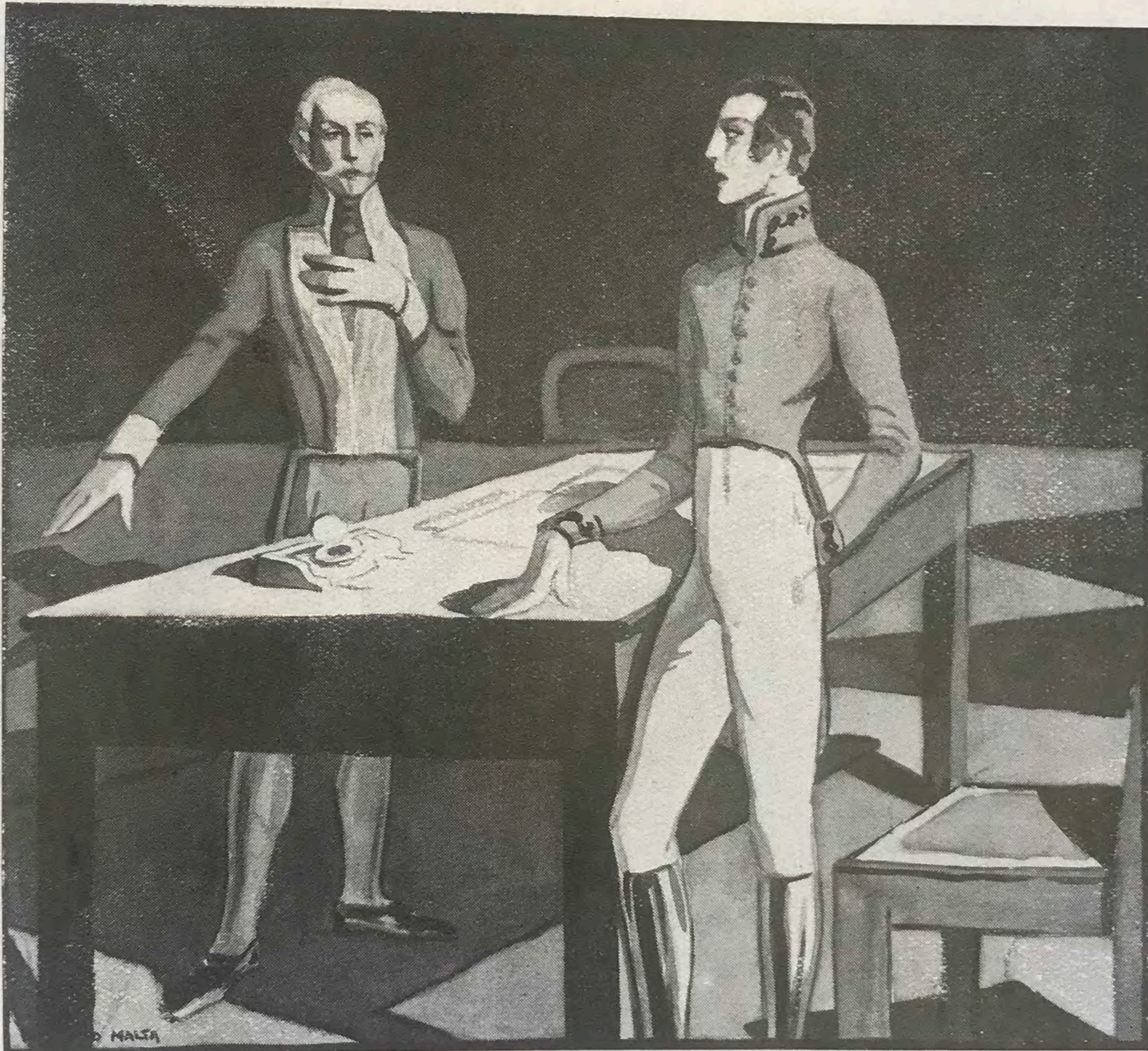
vira representar em Paris o grande Talma. D. Miguel, ao sair da sala, atravessou o atrio deserto e mal iluminado e galgou rapidamente a escada ingreme que conduzia aos camarotes. Não entrou, porém, em nenhum deles e, seguindo até ao fim do corredor, enfiou como uma sombra pela extensa e tenebrosa galeria que ligava o teatro com o Paço. A abóboda do tecto e as paredes ressumavam uma humidade viscosa e bafiente, e o lagedo carcomido repercutia longamente, como um bater de palmas, as passadas apressadas do Infante. No topo da galeria abriam-se duas largas portas sem batentes. Sobre a porta da direita bruxuleava uma candeia de latão, que o vento fazia oscilar regularmente, como um pendulo, no espigão que a suspendia da parede.

D. Miguel parou e na claridade movediça que o lampeão projectava distinguuiu com dificuldade dois vultos embuçados.

— São vocês? — perguntou.
— Somos nós, Senhor Infante, — respondeu uma voz grossa e plebeia.
— Trouxeram o que eu lhes disse?
— Trouxemos, Meu Senhor.

Os dois vultos avançaram, desembuçando-se sob a luz da candeia. Um deles, vestido de sota-bolieiro, com as pesadas botas de cano por cima de joelho, apresentou no Infante um cobrejão de papa dobrado ao modo dos campinos, enquanto o outro lhe mostrava, sorrindo, um pau de nodoso marmeleiro.

— Bem, — disse rapidamente D. Miguel. A espera faz-se aqui, que é o sitio melhor. Vou esconde-los num camarote, até que o ensaio acabe. Depois da Côrte sair, o Marquês deve ficar ainda no teatro; vocês esperam que ele saia também e quando passar aqui atiram-lhe a matar. Tu, ó Leonardo, não te esqueças de lhe tapar



... não pode ser leal vassallo quem vai caluniar a Rainha aos ouvidos d'El-Rei!

a boca com o cobertor. E' preciso que não grite. — Pode Vossa Alteza descansar, — respondeu o cocheiro. Não há-de soltar um pio.

— E tu, José Verissimo, — continuou D. Miguel, voltando-se para o outro; deves dar-lhe uma paulada que o segure. Mas só uma, comprehendes?... Nada de deixar ficar sinais!... Uma boa amolgadela na cabeça e acabou-se!

— Fica por minha conta, Meu Senhor. Tenho cá uma receita que não falha.

— Acabado o homem, atirem-no por aqui... pela janela.

E o Infante apontou num gesto largo a porta da esquerda, que devia ter outr'ora comunicado com a ala do Paço arruinada pela terramoto, mas que a derrocada de toda aquela parte do palacio havia transformado numa janela de sacada a que faltavam as grades. Atravez do buraco rectangular aberto na parede, entrevia-se

um pedaço de céu nublado e sombrio, e, debruçando-se um pouco, agarrado á ombreira, D. Miguel distinguuiu em baixo, a dez ou doze metros de profundidade, a mancha confusa e alvacentada das ruinas amontoadas.

De repente, José Verissimo, que se quedara a estudar com atenção a tipografia do local, suggeriu:

— Talvez não fosse mau mudar o lampeão para outro sitio. Quanto mais escuro isto ficar, melhor.

D. Miguel e Leonardo concordaram, mas, procurando na parede, não encontraram prego ou saliencia em que pudessem dependurar o lampeão. Já pensavam em desistir quando José Verissimo, mais astuto, descobriu sobre a porta que deitava para as ruinas um espigão em tudo semelhante ao da porta da direita donde estava suspenso o candieiro. Rapidamente, subindo aos ombros do cocheiro, effectuou a mudança;

e todos três verificaram com prazer que o recanto por onde o Marquês havia de passar ficara por completo submerso na treva.

Então o Infante, em voz surda ordenou:

— Sigam-me, e não façam barulho...

Ao chegar ao corredor do teatro, D. Miguel tirou do bolso uma chave e abriu sem ruido a porta do ultimo camarote.

— Vamos, entrem e esperem aqui. Tomem cuidado que não os vejam de baixo.

Deixem-se ficar no fundo e não falem, ouviram?

Os dois lacaios entraram, fechando de novo a porta á chave. D. Miguel olhou em volta, cauteloso, e lentamente, como tinha vindo, desceu sem ser notado á plateia onde o rumor das conversas aumentara, já nos preparativos da partida.

*
* *

O ensaio terminara. E lentamente, entre as risadas e gritinhos das senhoras, todos os assistentes se tinham retirado. Só o Marquês de Loulé ficara ainda no palco, arrumando os papeis e pondo a scena em ordem para o dia seguinte. D. Miguel, sentado no grande cadeirão do ensaiador, assobiava, de perna cruzada, uma aria de *La Donna del Lago*, que se cantara pouco antes em S. Carlos. Bruscamente, o Infante, brincando com a tampa do tinteiro de latão que estava sobre a mesa, perguntou:

— O' Loulé, quando é que a Corte volta para Lisboa?

O Marquês, estranhando a pergunta, olhou o Infante, intrigado, e só passado um momento respondeu:

— Vossa Alteza o saberá muito melhor do que eu.

— Melhor do que tu? — retorquiu ironicamente D. Miguel. Bem sabes que tenho na

Côrte um papel insignificante, tão insignificante como o papel que me distribuiste na comedia... Ao passo que tu és o confidente d'El-Rei, dizem mesmo que o seu conselheiro...

— Sua Magestade honra-me com a sua confiança, — replicou, muito digno, o Marquês; e eu procuro retribuir-lhe com a minha dedicação. Mas eu sou um simples vassalo e Vossa Alteza é... Vossa Alteza.

— Também a Rainha é Rainha, e nem por isso deixou de ser exilada para o Ramalhão! — exclamou secamente o Infante numa voz que a colera embargava. Há vassallos rebeldes e traidores que conseguem levar El-Rei a abdicar da sua dignidade de monarca... para poderem governar o país em seu proveito!

O Marquês empalideceu e, muito trémulo, reprimindo a indignação que o sufocava, protestou:

— Não sei se Vossa Alteza pretende referir-se a mim com essas palavras, mas se o quiz fazer, peço licença par lhe dizer que foi injusto e que insultou um velho inutilmente. Não sou rebelde porque nunca me revoltei contra a autoridade d'El-Rei, nem sou traidor porque sempre defendi o meu país.

— Sempre?!... — interrogou, escarninho, D. Miguel. Mesmo quando acompanhavas os franceses durante as invasões de Portugal?!...

— Mesmo nesse momento, Meu Senhor, porque salvei a vida e os bens de muitos portugueses. Foi o maior sacrificio que até hoje a Patria exigiu de mim. Mais agradável me fora, certamente, ter embarcado tambem para o Brasil...

— Ousas insinuar que El-Rei foi um cobarde?

— Não, Senhor Infante, quero apenas dizer que não me pode julgar sem injustiça quem não conhecer a situação de Portugal quando os franceses passaram a fronteira. El-Rei conhecia-a bem,

e por isso me perdoou! Nunca deixei de lhe ser leal e leal

lhe ficarei até á morte. Se Vossa Alteza não o entende assim, é porque terá da lealdade um outro conceito bem diferente!

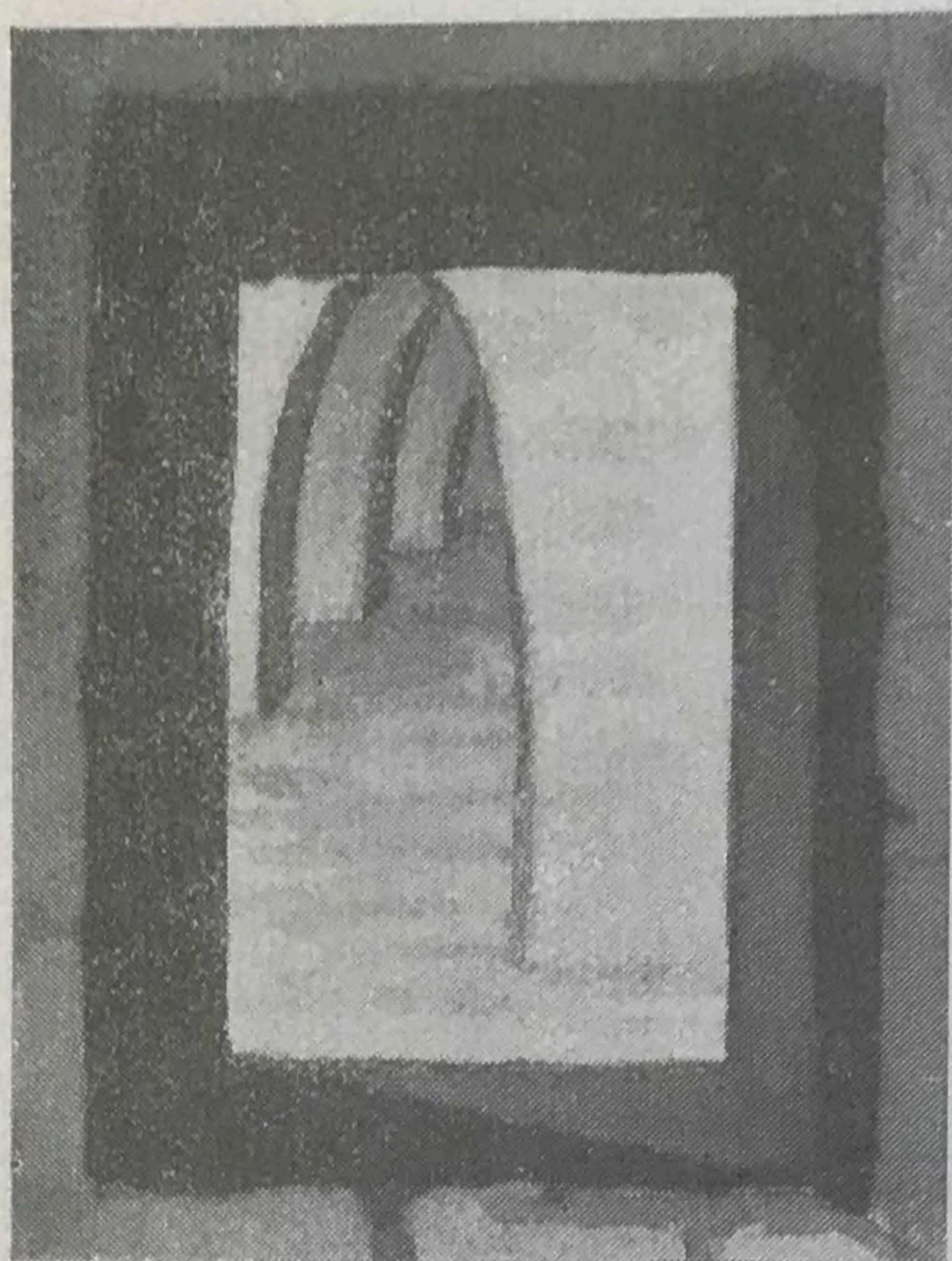
— Não é leal a El-Rei

quem se alia abertamente como tu com os inimigos da Realeza! — disse o Infante, pondo-se de pé. Não é, não pode ser leal vassallo quem vai caluniar a Rainha aos ouvidos d'El-Rei!

O Marquês levantou os braços num gesto irado e violento. Por momentos, D. Miguel teve a noção de que ele se ia lançar para o agredir e, instintivamente, recuou. Mas o Marquês estacara quasi logo e baixando a cabeça, numa voz suave e dolorida, murmurou:

— Senhor, tenho um filho a quem adoro. Pois sobre a cabeça dele juro a Vossa Altesa que, jamais, em minha vida caluniei a Rainha! Se alguém foi caluniado, na verdade, não foi Ela, mas eu, que mais não tenho feito do que servir El-Rei!

Havia tal sinceridade nas palavras do Marquês, que o Infante calou-se, impressionado. Como uma punhalada muito fina, o remorso antecipado do assassinio que ia cometer atravessou-lhe o coração e, dirigindo o olhar para o



camarote onde Leonardo e José Verissimo se acojavam, pareceu-lhe distinguir nitidamente na sombra movediça os rostos ferozes dos facinorosos prontos a descarregar sobre o Marquês os golpes que o haviam de matar. Então, tomado subitamente de um terror panico, desejoso de evitar o crime a todo o transe, o Infante precipitou-se como um louco para fora da sala e, subindo a galeria, bateu freneticamente á porta do camarote, em que os cumplices o esperavam.

— Vamos, depressa! — bradou D. Miguel. Fugamos immediatamente para o Paço! Não quero que matem o Marquês!

Mas José Verissimo, sempre cauteloso, sentiu na escada os passos indecisos do Marquês, que subia tambem; e todos três se recolheram, tremendo, na escuridão do camarote. Pouco depois, realmente o Marquês atravessou a galeria, pois, realmente o Marquês atravessou a galeria, sem chapéu, os olhos esgazeados, ainda comovido da discussão que sustentara com o Infante; e no silencio do corredor abobadado, ouviram-no perfeitamente que tartamudeava palavras incoerentes. Depois, espreitando, pela nesga da porta entreaberta, viram que ele caminhava aos tropeços como se estivera embriagado, e que ao fim da galeria, ou porque fôsse distraído, ou porque não conhecesse o caminho, ou, talvez, porque a luz do candieiro o despistasse — enfiava rapidamente para a porta da esquerda, para a porta que se escancarava na parede, sobre as ruínas do palacio.

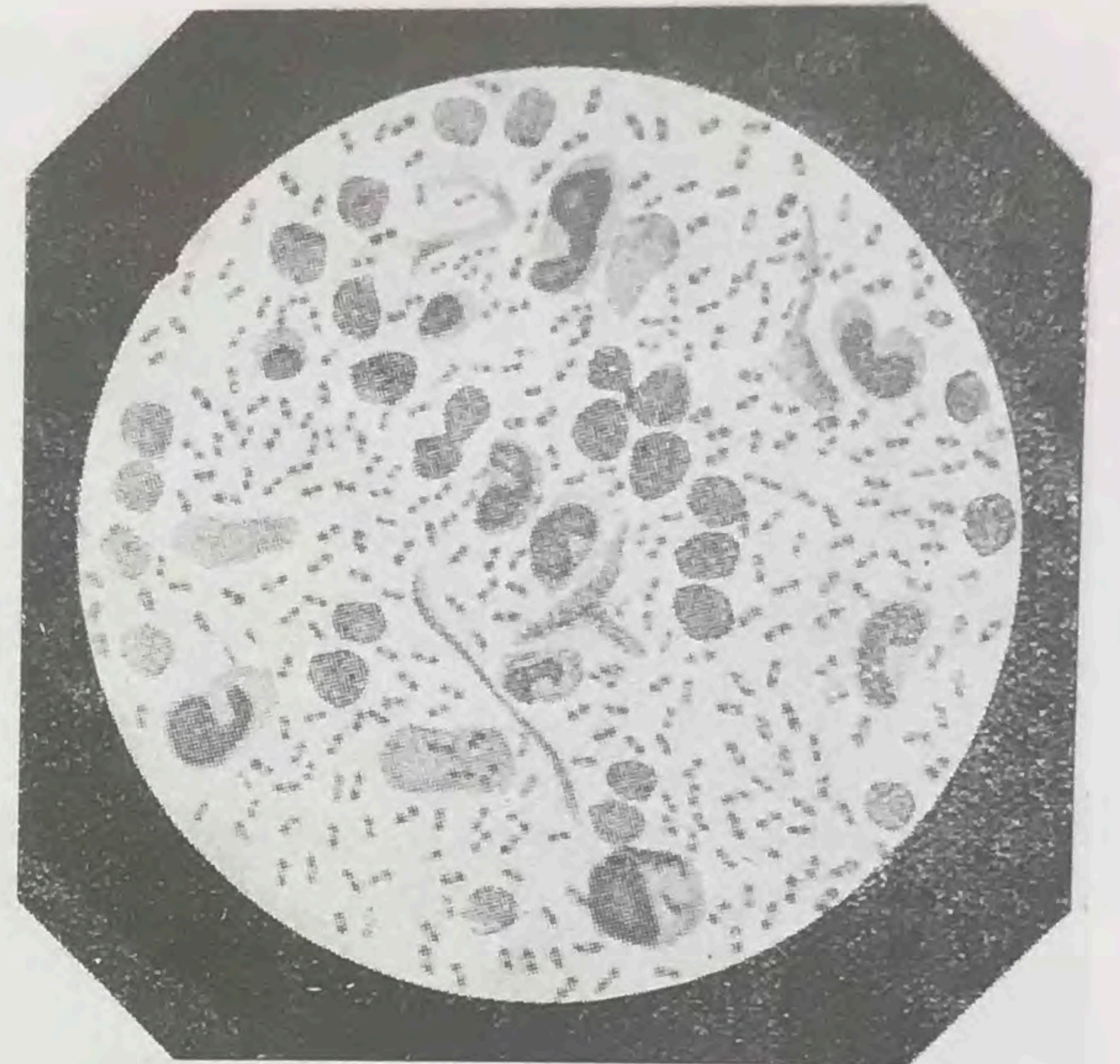
D. Miguel correu ainda, gritando. Mas era tarde. Ouviu-se apenas um grito abafado e o baque do corpo do Marquês que se estatelava em baixo, num som ôco de melancia reben-tada. Depois outra vez o silencio, que só o vento quebrantava ás vezes nos ultimos furores da tempestade.

O Infante quedou-se meditando largo tempo, sem que os outros se atrevessem a falar, e só então, tomando Leonardo pelo braço, murmurou lentamente:

— Tinha de ser. Parte imediatamente para o Ramalhão e dize á Rainha, de meu mando, que o marquês de Loulé já não existe.



OS INIMIGOS DA HUMANIDADE



O ataque dos infinitamente pequenos — toxinas e anti-toxinas —
os soros e as vacinas — o Instituto Bacteriologico Camara Pestana

ALÉM das fronteiras do mundo visível ao homem agita-se a imensa multidão dos seres microscopicos, terrível exercito sempre pronto para o ataque dos grandes seres, entrincheirado na sua invisibilidade e armado dum formidavel meio de destruição: o principio toxico que a sua celula minuscula, como uma bolsa de veneno, segrega na presa atacada.

Comensais inexpulsaveis do homem, os microbios exercem a sua acção devastadora, dominando o destino das gerações, alterando a marcha da historia, resolvendo a sorte das guerras, aniquilando a trajectoria fulgurante dos genios.

As suas vagas assinalam a sua passagem com o retrocesso da civilização. Presentidos na antiguidade por Hipocrates, que attribuia as epidemias aos miasmas da atmosfera, considerados na Idade Media como um flagelo divino, chegaram os microbios ao alvorecer da Idade Moderna, ignorados e livres da vindita do homem.

Porém, a simples applicação dum vidro convexo ia permitir descortinar nas



O snr. Dr. Luis Figueira, assistente do Instituto Bacteriologico Camara Pestana e director do Laboratorio do Hospital do Rego preparando o soro anti-rabico

gôtas limpidas da agua, nos liquidos animais, nos tecidos, nos ossos, por toda a parte, a legião inumeravel dos infinitamente pequenos.

Athanasius Kircher, Leeuwenkoeck, Bassi, Henle, foram os primeiros que, na ocular rudimentar dos seus microscopios, viram desenhar-se as pequenas formas portadoras da morte.

Pasteur abre depois novas vias ao estudo dos infinitamente pequenos com as suas pesquisas sobre as fermentações.

Introduzido no organismo, o microbio segrega um principio — toxina — cuja acção sobre o sêr parasitado reveste os mais diversos aspectos: colera, difteria, tuberculose, sífilis, tifo, etc.

Num equilibrio justo, que a natureza previdente estabeleceu, o organismo infectado segrega um contra produto, uma antitoxina, destinada a combater o microbio invasor.

Eis entabolada a luta entre as duas fôrças, na qual desgraçadamente a victoria pende bastas vezes para o lado do microbio.

Pouco a pouco, porém, numa marcha lenta de seculos, o organismo humano adapta-se à toxina com que



Desmedulando um coelho inoculado da raiva para preparar o soro anti-rabico

o acedia o atacante, adquire uma couraça contra o mal, isto é *imunisa-se*.

Assim, a atenuação actual da sífilis é um facto, não somente incontestavel, mas brilhante.

Doenças que hoje nos assaltam, sem gravidade de maior, foram no seu ataque aos povos virgens dum extraordinario poder mortifero.

Assim a coqueluche, aparecida em França em 1414, matou todos aqueles que atingiu, a variola transportada para o Mexico com os espanhois invasores, no seculo XVI, foi fatal a todos os indigenas contaminados.

A lepra, flagelo horrivel que esmagou os povos durante a Idade Media, é hoje uma doença quasi extinta ou que reveste formas tão atenuadas, que a fazem passar despercebida.

Deste modo, atravez dos seculos, a cooperação de todas as atenuações ligeiras, o sumatorio de todas as resistencias adquiridas, concluem numa imunidade natural, cada vez mais acentuada.

Contudo, a imunidade natural não chega para defender a humanidade dos assaltos traiçoeiros dos microbios, e uma vez descobertos, o bacteriologista pesquisa-os no campo do microscopio, incansavelmente, estuda-lhes os costumes, familiarisa-se com as suas predileções e as suas simpatias, afim de encontrar a substancia capaz de lhe dar o golpe de morte.

A pleiade brilhantissima dos microbiologistas dos ultimos cincoenta anos tem sustentado uma luta tenaz com o inimigo terrivel.

Lentamente, um a um, vão arrancando

tros, os corpos que possam constituir o remedio do mal.

Alguns o homem conquistou, já, antidotos poderosos, que aliviaram o sofrimento e a dor; porem grande parte ainda jazem no rol imenso das coisas desconhecidas. Uma grande descoberta se anuncia neste campo, a de um medicamento curativo da tuberculose. Oxalá a noticia seja verdadeira e a *sanocrisina* não seja, como tantos outros, um grito irrefletido dum experimentador precipitado.

Embora ignorando a personalidade de numerosos agentes patogenicos, os microbiologistas servem-se hoje na luta contra os microbios dos contravene-

do anonimato os agentes patogenicos. Conhecem-se já os microbios da tuberculose, da sífilis, do tifo, da peste, etc., mas quantos outros, dissimulados na enorme multidão das pequenas formas caprichosas, que nadam nos liquidos da lamecula, se defendem tenazmente da sciencia humana.

A medecina dos ultimos tempos não foi mais que um duelo tenaz com os agentes microbianos.

E descobri-los não é tudo, é preciso ainda achar a substancia, unica entre todas, capaz de aniquilar a virulencia do pequeno sêr.

Pacientemente, num esforço dignificante, ignorado do vulgo, os sabios gastam a vida inteira ensaiando, uns após ou-

nos, ou seja das antitoxinas segregadas pelo organismo dos animais contaminados.

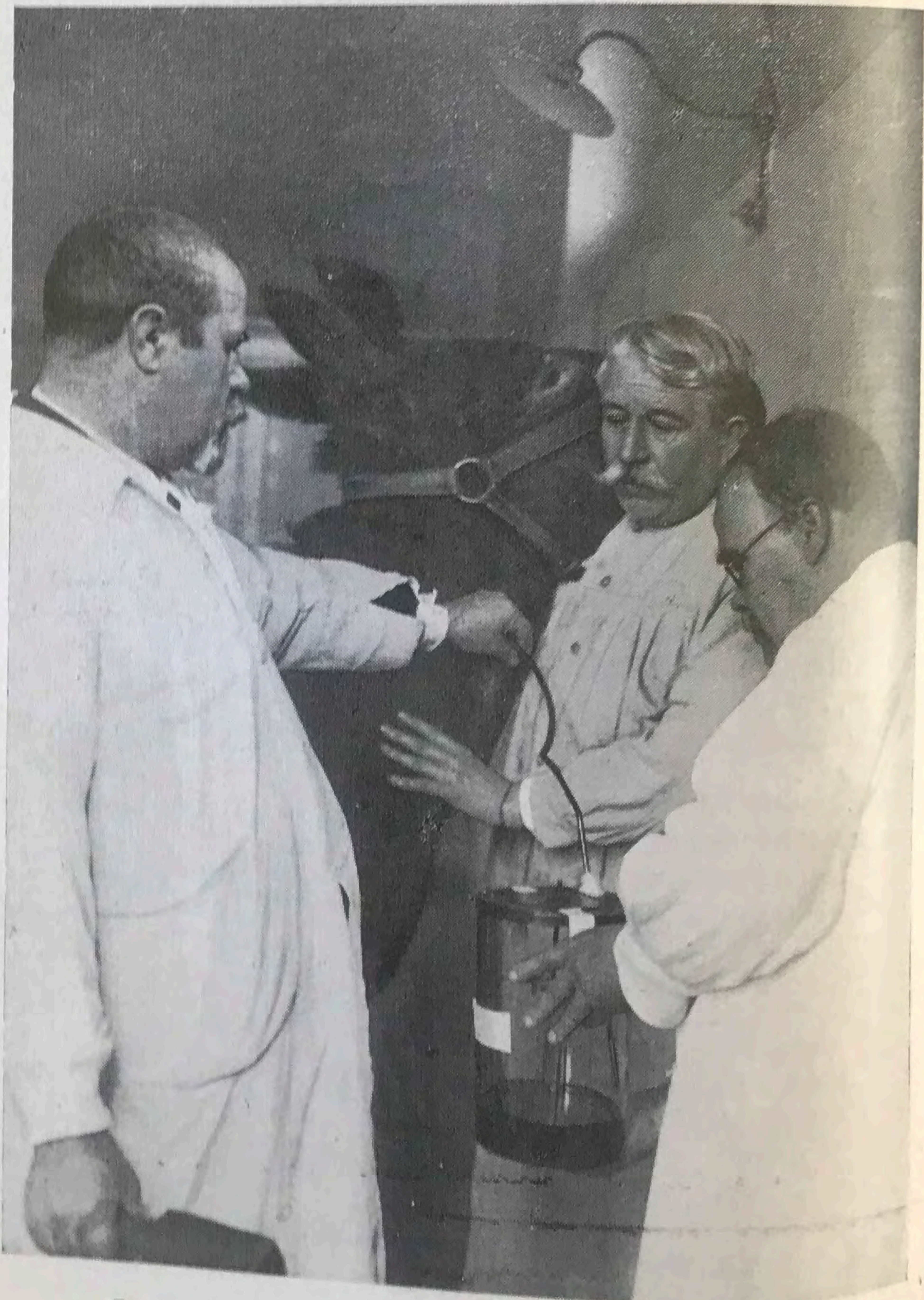
Nesta moderna terapeutica — a seroterapia — empregam-se as antitoxinas a titulo preventivo e a titulo curativo.

A vacinação, que tão difficilmente entrou na medicina, e cujos maravilhosos resultados são de todos conhecidos, tem por fim provocar no individuo vacinado uma infeção atenuada, injetando-lhe uma ligeira dose da toxina microbiana, para que as antitoxinas produzidas pelo organismo constituam uma defesa contra futuras contaminações.

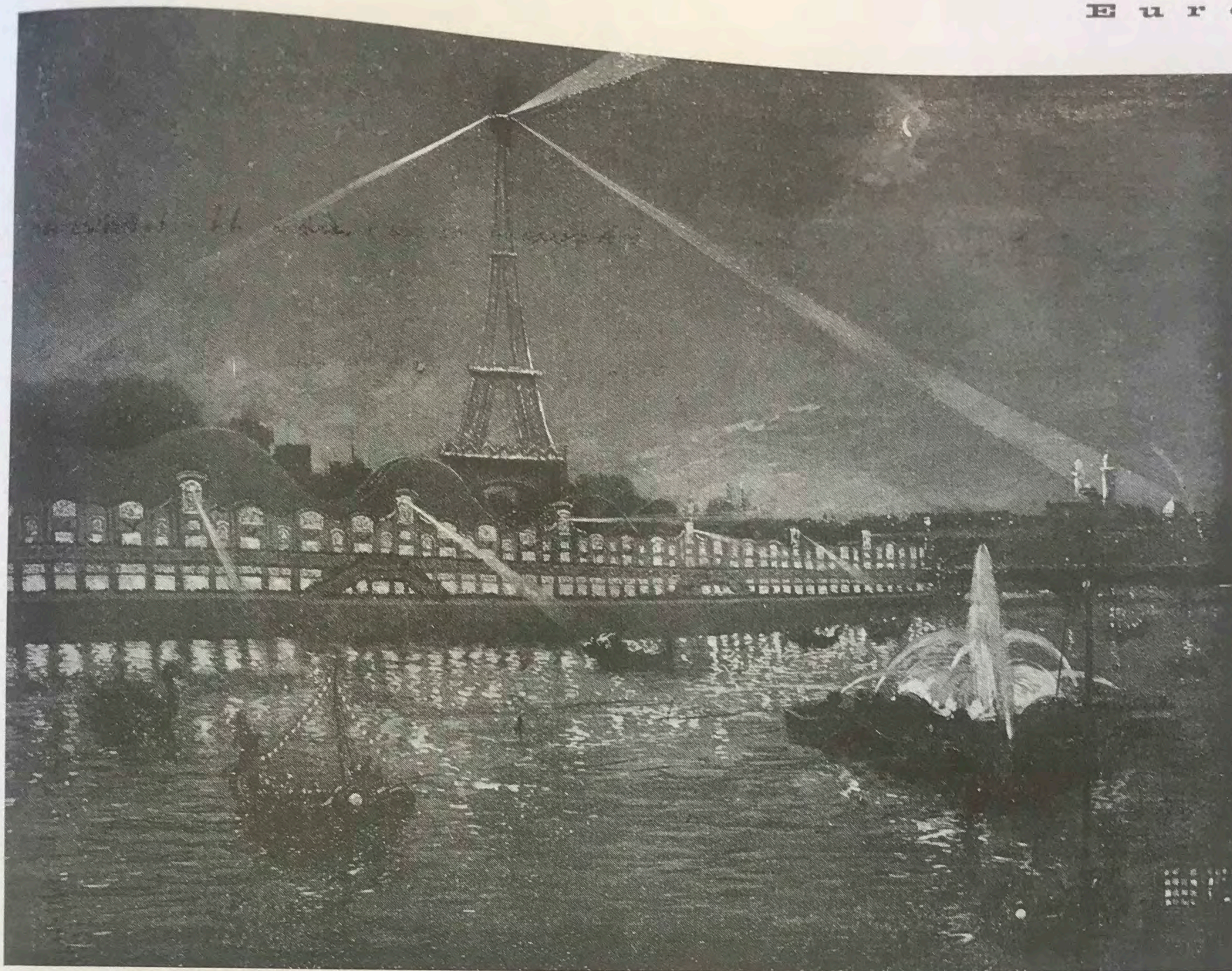
Entre nós, é o Instituto Bacteriologico Camara Pestana, que com a dedicação incansavel do seu pessoal clinico e auxiliar, sustenta a luta contra a multidão microbiana.

Os soros anti-rabico, anti-difterico, anti-tetanico, etc., são nele preparados e utilizados em uma aplicação diaria constante.

Dentre estes a preparação do soro anti-rabico ocupa um logar primordial na tarefa do Instituto—200 tratamentos diarios!



Sangrando um burro para a preparação do soro anti-difterico



A Exposição Internacional

d a s

Artes Decorativas e Industriais Modernas

A RTE MODERNA, duas palavras que isoladas são absolutamente inofensivas, mas que ligadas picam, como urtigas, certas epidermes...

Inaugurou-se em Paris a Exposição Internacional das Artes Decorativas e Industriais Modernas, precedida dos violentos ataques dos descendentes dos que foram contra o caminho de ferro, dos que condenaram o automobilismo, dos que sorriram da aviação e patearam a *Carmen* e o *Lohengrin*. É sorte de todas as aquisições do pensamento humano serem atacadas por uma casta especial, que não quer ser perturbada nos seus hábitos e na sua preguiça mental.

A brilhante parada de forças artísticas que a actual exposição realisa, impunha-se como

uma necessidade imperiosa. Era necessário aos artistas que isoladamente lutam para realizar uma arte do seu tempo, o convívio fraternal dum grande encontro, para se apreciarem, para se compararem e principalmente para se contarem.

Qualquer aluno do liceu sabe que a determinado século, a determinada época correspondeu, um ambiente, um estilo, um mobiliário característico inspirado nas modalidades e nas necessidades dessa época; assim no longo percurso da civilização destacam-se como símbolos da mentalidade do século o mobiliário, os quadros, as decorações, os palácios, os jardins.

Porém, o século XIX, maravilhoso pelas suas incomensuráveis descobertas científicas,

apresentou a curiosa anomalia de condenar-se a viver num bric-à-brac.

O século dos caminhos de ferro, do telegrafo, do automóvel, da aviação e dos submarinos, o século do telefone e da telegrafia sem fios dorme num quarto Luiz XVI, come numa casa de jantar Henrique II e recebe numa sala Luiz XV!

Sómente a força do hábito impede de descortinar que um canapé dourado e contorcido que tão bem se harmonisava com as casacas de setim, bordadas e floridas, contrasta ridiculamente com o vestuário sóbrio do nosso século.

A brilhante cristalização que é a exposição de Paris vai certamente indicar o caminho aos construtores e decoradores, arrastando para

Europa

bem longe esses horrorosos enxertos de Luiz em Henrique e D. João em Renascença que são o apanagio das casas de moveis.

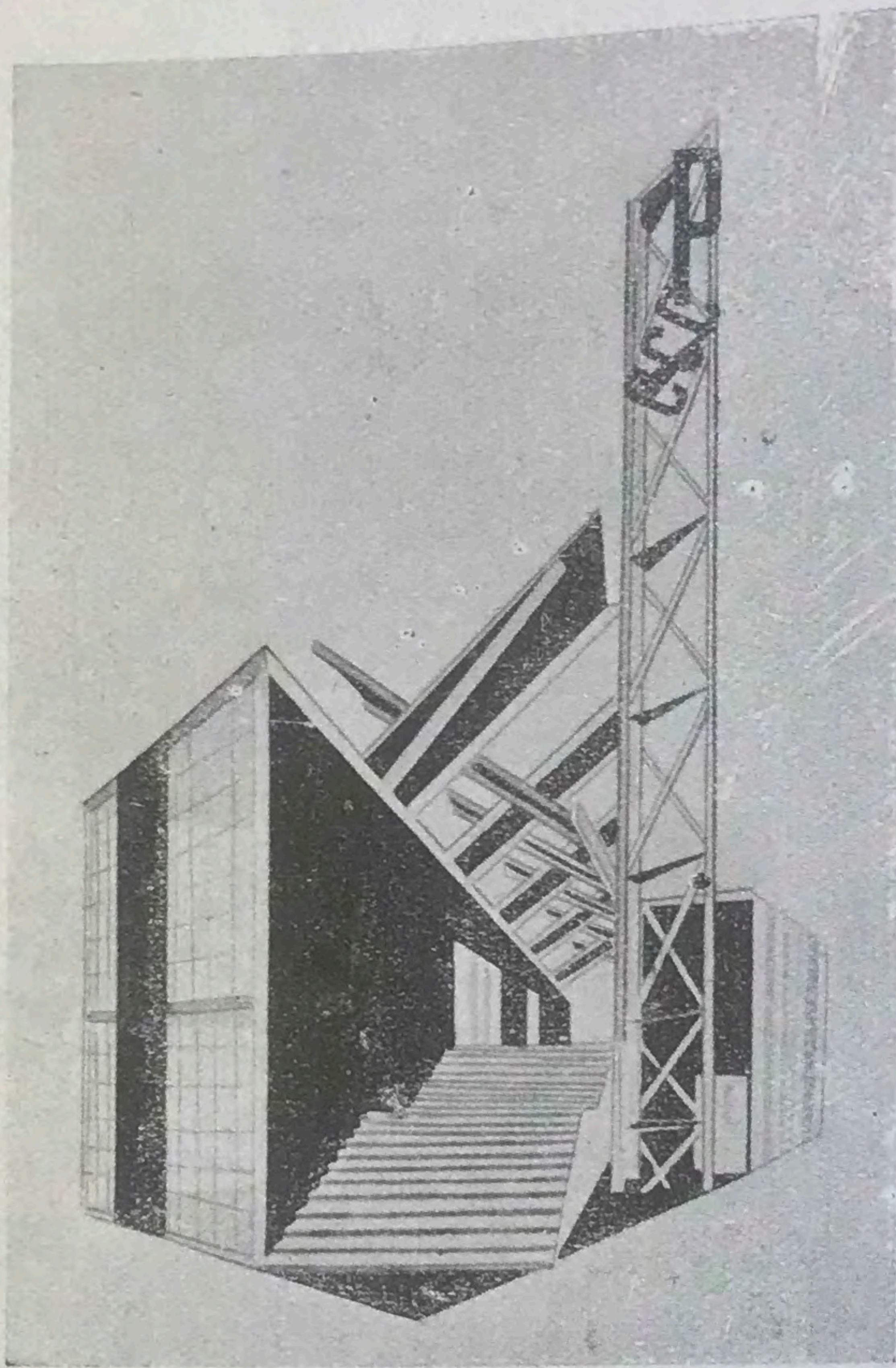
Ainda não está concluída a Exposição porque os pavilhões, na sua maior parte, ainda não receberam o respectivo recheio, contudo é já promettedor o conjunto de beleza que se oferece aos olhos dos visitantes.

Ao longo do Passeio da Rainha estende-se a dupla perspectiva dos pavilhões estrangeiros e das provincias francezas.

O pavilhão tcheco-slovaco, poderosa massa cinzenta cuja base é pintada de vermelho vivo, o pavilhão polaco, todo branco com saliencias azues, oferece o exemplo duma elegantissima combinação de vidro e ferro forjado, obra de Czaykowski, o pavilhão da Austria, côr de rosa palido, sem janelas, e cujas paredes se encurvam com subtileza, lembra um cofre precioso, o pavilhão japonês encantador na sua elegancia leve, rodeado por uma palissada de bambús, o pavilhão da Republica Soviética, construido em madeira e vidro, pintado de vermelho e negro, compõe-se de grandes sa-

las de paredes vidradas até ao solo, duma esca cada coberta de pequenos telheiros intermitentes e duma torre que agride o ceu.

Palacios, cinemas, lojas magnificas, barcos restaurantes engrinaldados de luz até a agua,



O pavilhão da Russia

um teatro ultra-moderno, na sua maquinaria e na sua disposição, montanhas russas, mil e uma atrações enchem dum movimento espantoso o enorme recinto da Exposição. Por ultimo a coroar a cidade do modernismo com a radiação feerica do seu brilho as fontes luminosas organizadas por Vedorelli.

Do meio do Sena, de cada lado da ponte Alexandre III subirá um prodigioso leque de 60 metros de altura, formado por uma enorme projeção de agua iluminada inferiormente por um milhão de lampadas, traçando na noite uma fantástica e feerica iluminação.

Cada fonte está montada sobre uma cuba flutuante contendo as bombas necessarias para o funcionamento, bem como os espelhos de reflexão e de iluminação.

Cada fonte será dotada de 7 efeitos principais: um grande leque central de 40 a 60 metros de altura, um torniquete de 8 leques, um cesto de 240 leques, 8 grandes parabolos moveis, 8 sois giratorios e um cesto de fundo de 600 jactos, num total de milhões de velas.

PEREGRINO

Morreu João Chagas

Deixou de existir um dos grandes mestres do jornalismo português, figura prestigiosa de paladino dum Ideal a que sempre foi fiel.

O Magazine Europa associa-se, comovidamente, á homenagem que toda a Imprensa portuguesa presta ao Valor que a Morte impiedosa ceifou do numero dos vivos.

Teatro



Madame Herleroy da Opera Francêsa

TEATRO D'HOJE

Bernard Shaw—Georg Kayser

—Luigi Pirandello

NO teatro que ora desponta dentre as ruínas do realismo, uma corrente parece tomar corpo e estabilidade: o teatro simbolista, na sua mais alta introspecção filosófica.

Encarado sob diversos aspectos pelos seus cultivadores o novo teatro não perde, porém, em nenhuma das suas modalidades, o profundo carácter da sua intensa ideologia, nem a enorme extensão filosófica do seu âmbito.

Duramente contundida na sua quietação de antes da guerra, a humanidade pensa e os seus pensamentos desprezam já o conflito local ou nacional, ultrapassam as fronteiras e focam a humanidade nos seus expoentes de sensibilidade.

As peças de hoje não pertencem á nacionalidade dos seus autores; são mundiais.

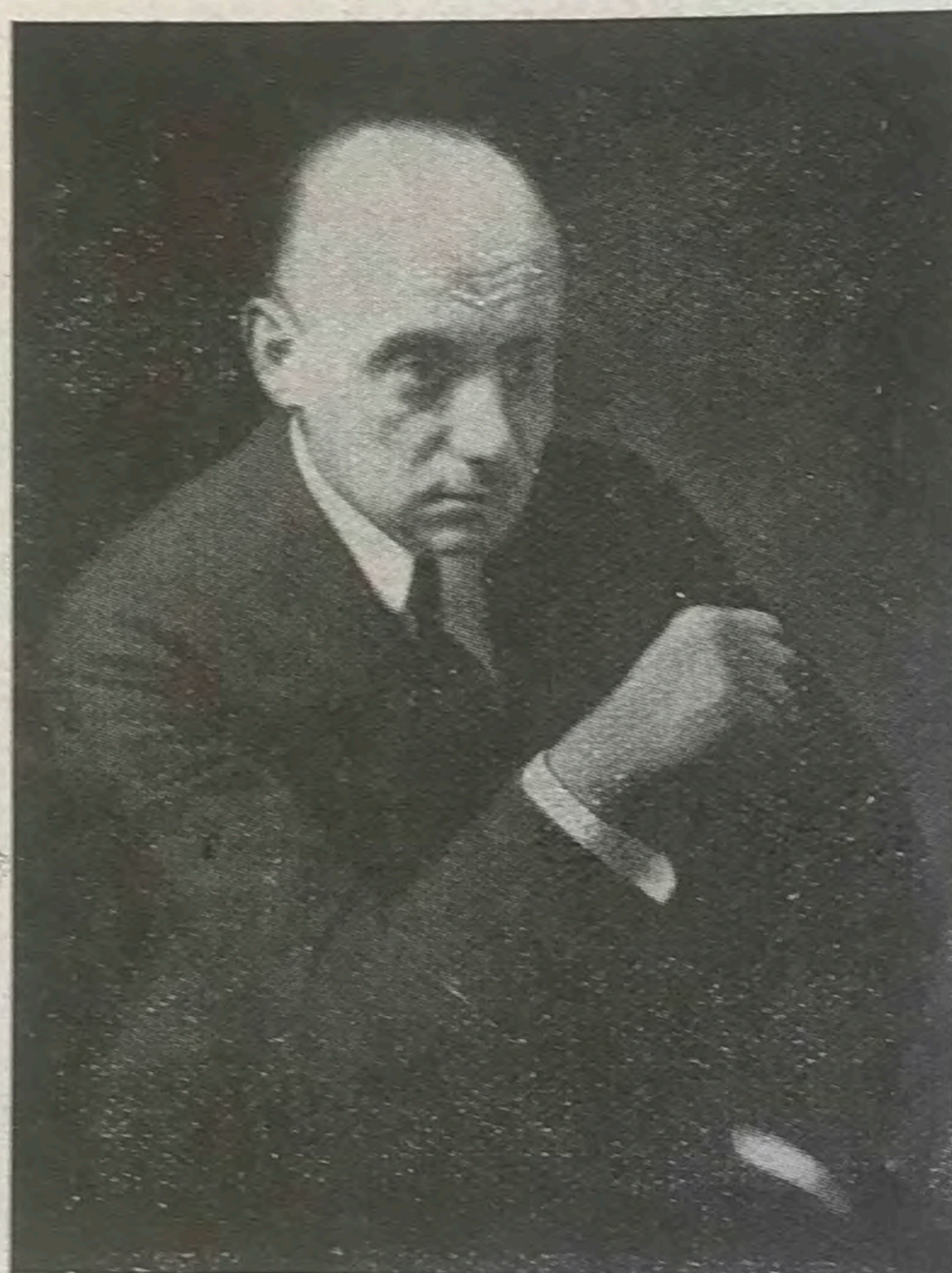
Bernard Shaw, na Inglaterra, Georg Kayser, na Alemanha, e Luigi Pirandello, na Italia, são hoje os chefes incontestáveis do teatro simbolista.

Bernard Shaw representa na moderna literatura inglesa a mais audaciosa concepção da arte teatral. Nada mais curioso de que as sarcásticas e inesperadas conclusões filosóficas do autor de «*O senso comum durante a guerra*», livro publicado no período mais aceso da conflagração europeia e no qual se liam períodos com este: ... não compreendo a razão porque se chama assassino ao comandante dum submarino alemão que afunda um navio inglês, e herói ao comandante dum submarino inglês que afunda um navio alemão.

Talvez por não ser verdadeiramente inglês, Bernard Shaw é oriundo da Irlanda, a sua maneira de pensar interessa o publico latino, como o trabalho dum observador curioso que pesquisasse o amago das coisas, mas que explicasse o que via em inglês.

A ultima peça de Shaw, «*Santa Joana*» é uma admirável critica a uma das mais colossais mentiras da historia, o processo da Joana d'Arc, uma francesa de genio, e uma precursora do protestantismo, como o autor lhe chama.

Shaw atreveu-se a desvendar este ponto tão discutido da historia de França, porque nenhum escritor francês foi capaz de se libertar inteiramente de preconceitos e abordar a verdade, — é ele quem o diz.



Georg Kayser

Santa Joana, após a sua estreia em Nova York e uma triunfal disgressão pelas capitais da Europa, acaba de ser dada em Paris por Ludmilla Pitoeff com um exito clamoroso.

*

* *

Georg Kayser — E' o autor que melhor representa na Alemanha a moderna tendencia para um teatro livre.

— Não mais comedias psicologicas á francesa, nem tão pouco teatro naturalista, mas sim imagens sinteticas e simbolicas da vida, dum modernismo intenso, com grande abundancia de ideias, — é o grito da nova geração de dramaturgos alemães.

Assim, numa das suas ultimas peças, G. Kayser, tomou como base a viagem de George Sand e Musset a Venesa, não para desenvolver a anedota historica, mas para fazer de Sand, a figura tão largamente representativa quanto se possa conceber, da mulher de genio, de caracter forte, de alma viril, em face doutra figura não menos representativa, a do poeta,

igualmente de genio, que sofre junto dela.

Uma das peças mais caracteristicas de Kayser «*O fogo na opera*», foi no ano passado representada em Paris.

*

* *

Pirandello, nome que hoje corre o mundo, é um dos autores mais discutidos e menos compreendidos, a celebridade de Pirandello vem em parte de que muitos julgam, que em todas as suas peças, no meio do acto as personagens saem do teatro e vão para casa ou vice-versa.

Nada mais falso que julgar o illustre escritor agarrado a um *truc* de que uma vez se utilizou. Pirandello é o autor que maior diversidade equilibrada imprime ás suas obras, conseguindo fazer filosofia no teatro; contudo elas podem classificar-se em duas categorias bem distintas: Dum lado as peças em que o autor estuda uma personagem principal, expõe-a simplesmente ás reacções e aos conflitos provocados por outros individuos. Estes apesar duma personalidade bem vincada não passam de comparsas. A *Volupia da Honra* é uma peça desta categoria.

Na segunda categoria são dois grupos de individuos que se opoem, aí cada individuo conserva a sua personalidade mas faz parte de um todo, do qual se não pode isolar. E' este o processo das *Seis personagens em busca dum autor*.

Segundo Pirandello declarou, busca sempre as suas personagens no absoluto, porque nada ha de estavel no drama humano.

Pirandello acaba de fundar o *Teatro de Arte de Roma*, segundo o curioso projecto do jovem arquiteto Virgilio Marchi.

Todos os autores *d'avant-garde* e todos aqueles que quizerem trazer alguma coisa nova encontrarão uma larga e fraternal hospitalidade no novo teatro.

Detalhe curioso, o ponto será suprimido. O actor deverá esquecer a sua propria personalidade e identificar-se com a personagem da peça a ponto de somente poder pronunciar as palavras queridas pelo autor.



Alexandre de Azevedo,
um dos mestres da scena
portuguesa

Clichê de Mario Novais

Charlot confraternizando com a
bailarina Pavlova

Mado Menthy, bailarina exotica da
Opera Comica de Paris

Bette Henriques (Bill Bailley) baila-
rino e professor de dança ar-
tistica, discipulo de Pavlova
que primeiro exhibiu em Portu-
gal a moderna dança masculina



ELEGANCIAS

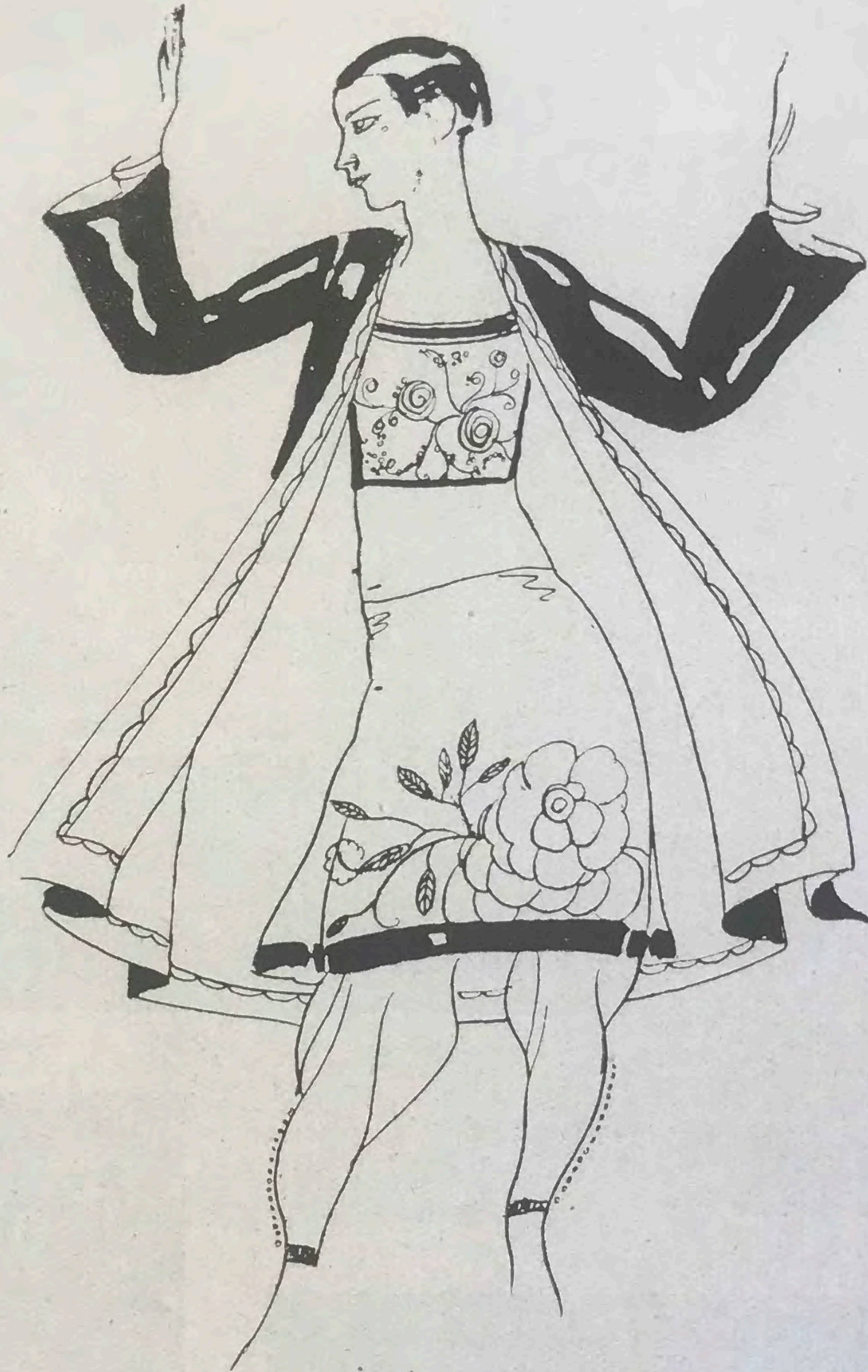
FALAR de vestidos de verão quando o frio desta primavera lisboeta nos obriga a andar envoltos em peles, pode parecer um pouco prematuro; mas o calendário diz-nos que o inverno findou, e convencidas disso, passamos o dia a procurar tecidos leves e modelos de meia estação.

Pouca coisa de novo nos trazem esses modelos. Dum modo geral, a linha recta continua em favor, porém, algumas modificações vão aparecendo.

Os vestidos são mais amplos nos 20 ou 30 centímetros que vão do joelho até á sua terminação; inegavelmente para permitir que nós andemos, o que se ia tornando francamente incompatível com as exigências da moda.

Godéts, pregas, plissados, dão ás saias sempre curtas e justas, este aspecto de novidade que têm os nossos vestidos.

As mangas também apresentam modificações; começam a ser mais amplas apertando com punhos estreitos onde a roda se reúne em franzidos. Sem atingir; por ora, os exageros antigos, tem porém a mesma linha das que usamos ha bastantes anos. As mangas curtas, que durante o verão passado pareciam menos em favor, reaparecem em alguns modelos de rua da presente



sua maxima simplicidade. O Crepe da China, marrocaín de seda com incrustações de rendas verdadeiras ou imitações admiráveis, dão a essas roupas um aspecto encantador.

As montras da casa Tátá & Rodrigues são verdadeiras tentações!

Mas não se limitam ás roupas caras só acessíveis ás classes privilegiadas de grandes bens de fortuna. Os modelos que esta casa apresenta em opalas das mais lindas côres, com ligeiros bordados e alguns *ajours*, são prodígios de graça e simplicidade ao alcance de toda a mulher elegante e de bom gosto.

Que variedade de detalhes para as nossas *toilettes* de verão!

Que encantadoras sombrinhas tão pequenas e leves, que são dignas rivais das autenticas japonesas. Malas, *écharpes*, meias, emfim tudo quanto a mulher moderna pode desejar e precisar, nos seduz nos nossos passeios diarios ao parar invariavelmente atraídas por tanta beleza na casa a que anteriormente nos referimos.

E' que não se encontra em Lisboa maior colecção de artigos, *chics*, do que a que apresentam aos nossos olhos, os nossos amigos Tátá & Rodrigues, na sua casa do Chiado. 53.

MARIA



estação, tornando-se de absoluto rigor nos vestidos de tarde e noite.

Como tecidos, o Kasha, marrocaín de lã, reps, para os vestidos de rua. Georgette, marrocaín de seda, Crepe, voile de seda, para os de noite e tarde.

As côres mais brilhantes são as mais favorecidas, fugindo aos vermelhos por demasiado usados na estação anterior, e que foram substituídos por todos os tons de roxo.

Os bordados e os *lamés* são muito empregados, quer nos abafos de noite, quer nos chapéus de grande *toilette*. Esses continuam a ser pequenos; as copas altas e as abas curtas e levantadas na frente, dão uma linha absolutamente diferente ás cloches por tanto tempo usadas e que ainda hoje se veem.

Como complemento de *toilette*, as *écharpes*, condizendo com os chapéus, desde os *lamés* dourados até aos marrocaíns de lã e seda, trazem uma nota de agradável novidade.

A *Lingerie* atinge o maximo do seu luxo, na





S P O R T



Um aspecto da forte equipe de foot-ball Italiana jogando contra o Luxemburgo nos ultimos jogos olimpicos de Paris

DENTRE as provas disputadas ultimamente pelos Portuguezes e entre aquelas a disputar brevemente, destacam-se pela sua importancia, o «IV Portugal-Hespanha, o I Portugal-Italia, em foot-ball, as eliminatorias da «Dawis Cup», entre Italia e Portugal em *tennis*, e os concursos hipicos de Nice e Madrid, no primeiro dos quaes os cavaleiros portuguezes tiveram que se defrontar com os melhores cavaleiros de quasi toda a Europa, e no segundo com os melhores cavaleiros do Paiz vizinho.

No IV Portugal-Hespanha, mais uma vez a victoria coube aos hespanhoes.

O resultado final a favor deles, de 2-0, representa bem a diferenca de classe entre o foot-ball dos dois paizes.

Se é certo e parece provado que o nosso foot-ball, tem melhorado muito nos ultimos tempos, a verdade, porém manda que se diga, que ainda não conseguimos egualar na arte do «shoot» *nuestros hermanos*.

Por isso o resultado de 2-0 parece-nos absolutamente justo.

Tratem os dirigentes do foot-ball nacional de arranjar homens que além de saberem dar pontapés na bola, tenham uma constituição atletica pelo menos regular, e os resultados serão outros.

O I Portugal-Italia está á porta. E' no dia 18 do proximo mez de Junho que terá logar tal competição.

Quem ganhará? Pergunta-se.

E as opiniões divergem.

E' comtudo bom lembrar que os Italianos venceram os Hespanhoes nos Jogos Olimpicos, é certo que por um desastre sucedido a Vallana que meteu um «goal» nas suas proprias rêdes.

Mas os Hespanhoes não conseguiram nenhum.

Dada a caracteristica de rapidez da «equipe» italiana, não é para admirar, que eles nos dominem mais do que ultimamente nos dominou a Espanha.

Apenas uma coisa temos em nosso favôr, além da possivel melhoria do onze nacional: é os italianos terem de jogar em Espanha, um Espanha-Italia, a pouca distancia do Portugal-Italia.

Talvez que um possivel e presumivel encontro duro em Espanha venha aumentar as nossas probabilidades.

As eliminatorias da «Dawis Cup» que opuseram Portugal á Italia, terminaram com a victoria da Italia por 4 vitorias a 1 victoria de Portugal.

Representaram a Italia os seguintes jogadores: *singles*, Morpurgo e Serventi, e em *doubles*, Morpurgo e Caslini.

Os jogadores portuguezes foram, depois de no primeiro dia ter ficado impossibilitado de jogar D. José de Verda, em *singles*, D. José de Verda e Antonio Casanovas, e em *doubles*, Antonio Casanovas e Frederico de Vasconcelos.

Se no primeiro dia não tivessem dado as caimbras a D. José de Verda, talvez a esta hora Portugal contasse a sua primeira victoria internacional em *tennis*.

Até aqui temos tratado de provas em que os portuguezes perderam ou das ainda não realizadas.

Vamos tratar agora daquelas em que os portuguezes saíram victoriosos, alcançando um patriotico renome para a sua Patria.

Tanto no Concurso Hipico de Nice, como no de Madrid, souberam os nossos cavaleiros, srs. tenentes Helder Martins, Ivens Ferraz e Moraes Sarmiento, levantar bem alto o nome de Portugal pela maneira brilhantissima como se houveram.

Em Nice conseguiram 24 premios, que com

Europa

outros 24 alcançados em Madrid prefaz um total de 48 premios.

Destes são 8 primeiros premios, 4 segundos, 6 terceiros, 4 quartos, 1 quinto, 4 sextos, 4 setimos, 2 oitavos, 4 decimos, e ainda mais 9 outros premios.

Bem hajam os cavaleirss portugueses pelas suas vitorias tão brilhantemente alcançadas.

No regresso da *equipe* a Lisboa foi-lhe feita, na *gare* do Rossio, uma carinhosa recepção, na

qual tomaram parte pessoas de todas as classes sociais, que bem viam quanto ela tinha trabalhado para o engrandecimento do nome português.

Nisto de *sport* em concorrência com os melhores nem tudo são espinhos.

Por vezes ha rosas e das de melhor aroma.

* * *

Uma das nossas gravuras representa o «Calen-

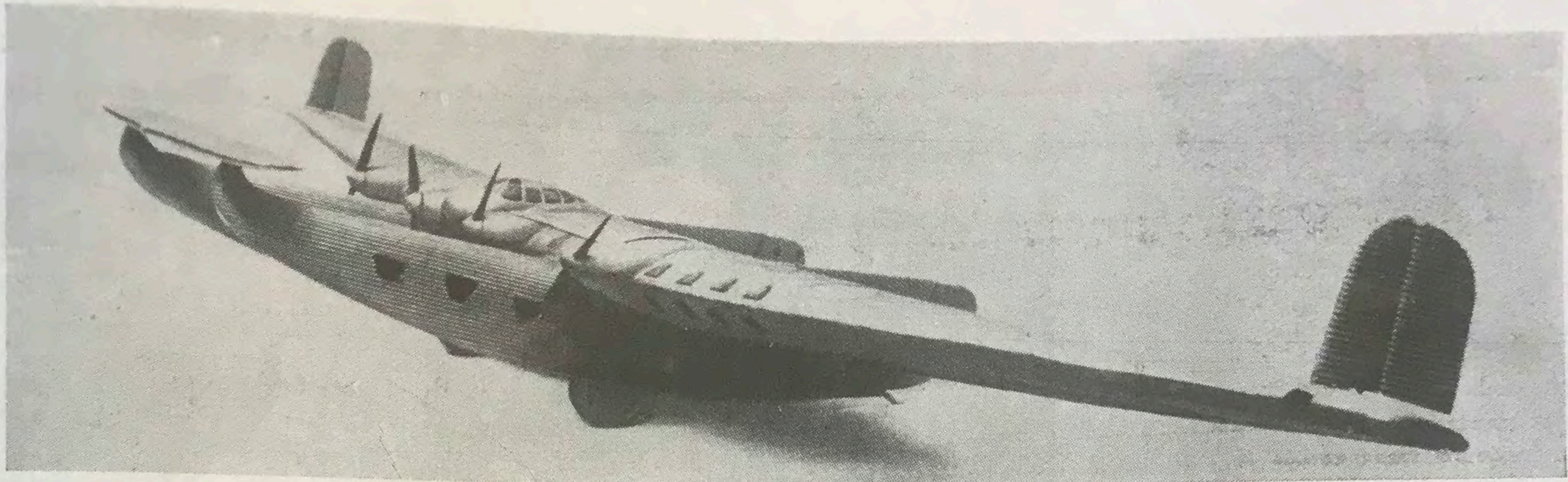
dario das Provas Nacionais de Preparação Olimpica e Torneio Internacional de Sport», organizadas pelo jornal *O Seculo*, com a cooperação do Comité Olimpico Português.

Dada a importancia de tais provas espera-se uma grande concorrência de atletas de todos os pontos do país, alguns dos quais, por certo, vão ter a incumbência de medir as suas forças com grandes atletas estrangeiros, que nos visitarão por essa ocasião.



Outro aspecto da luta entre as equipes de Italia e do Luxemburgo

LEGENDA	JULHO												JUNHO												MEZES	DATAS
	12	11	10	9	8	7	6	5	4	3	2	1	30	29	28	27	26	25	24	23	22	21				
																								DIAS		
																								DIAS DA SEMANA		
																								Atletismo		
																								Box		
																								Ciclismo		
																								Esgrima		
																								Foot-Ball		
																								Ginastica		
																								Hipismo		
																								Lucta		
																								Natação		
																								Pesos		
																								Rêmo		
																								Tennis		
																								Tiro		
																								Yachting		
																								Pentatlon Moderno		
																								Ex. ^o de Automoveis		
																								Congresso Educação Fisica		
																								Exposição ANJOS		
																								CONG. ^o		
																								Expos. ^o		



A nossa gravura não representa, como á primeira vista pode parecer, uma fantasia de desenho, mas uma autentica fotografia do ultimo modelo de avião da fabrica alemã de Dessau.

Construido de acordo com as modernas teorias aerodinamicas, numa combinação, quasi que exclusiva, de superficies planas, apresenta este aeroplano uma intima conexão das asas e carlinga que lhe permite a instalação de dezoito cabines-camas.

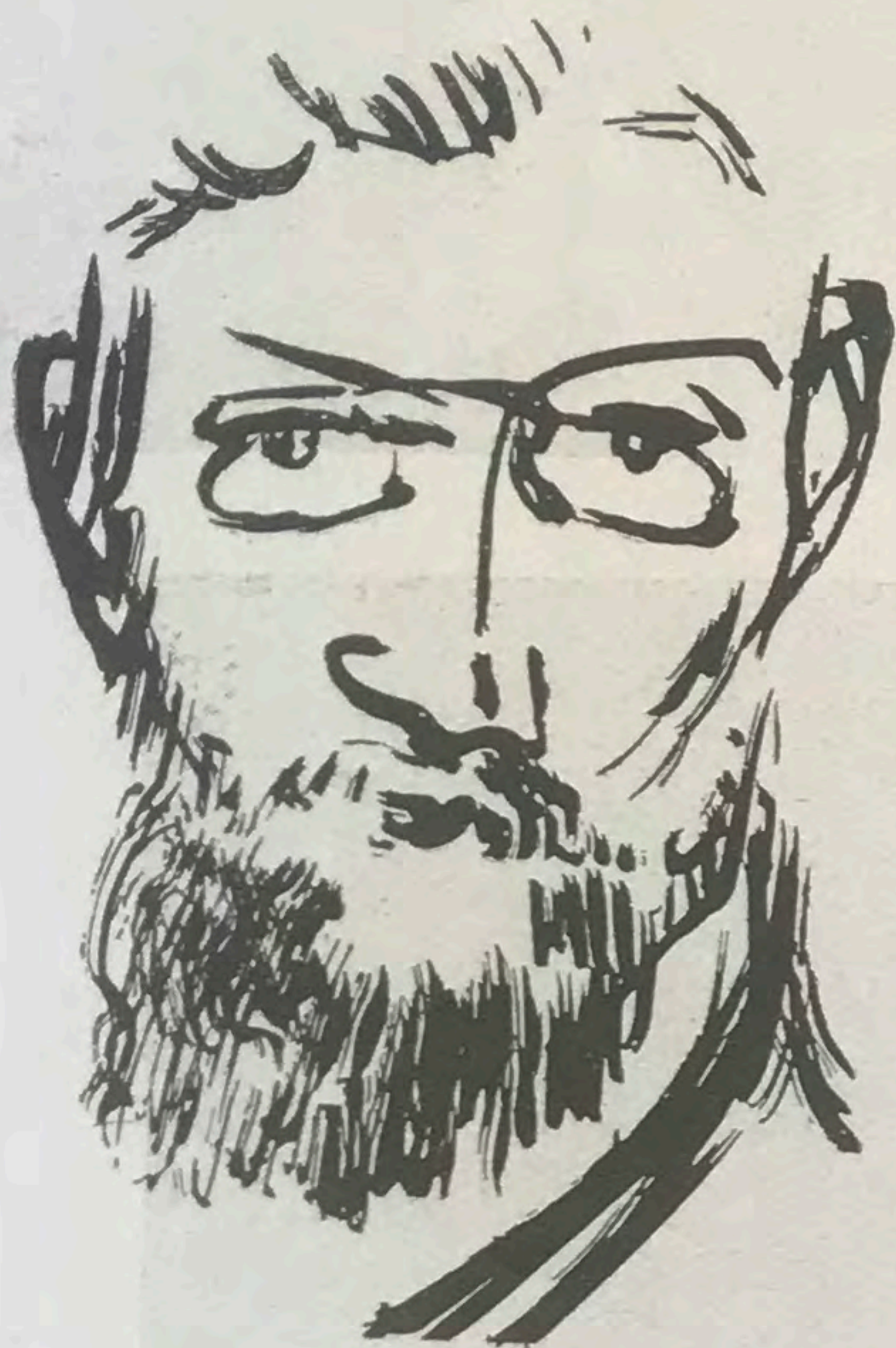
O novo gigante dos ares destina-se ao estabelecimento de uma importantissima carreira aeria, em que o governo alemão deposita grandes esperanças.

Varios aviões deste tipo serão construidos em serie se o novo modelo provar todas as qualidades que dele se esperam.

Mercê de uma engenhosa disposição, inventada por um mecanico de Essling podem as dezoito cabines deste aparelho transformar-se rapidamente n'uma especie de porão destinado ao transporte de mercadorias e de... explosivos, em tempo de guerra.



Desenho do pintor Antonio Soares



O pintor Henri Matisse



A ilustre poetisa Sr.^a D. Fernanda de Quadros, que se estreou no Teatro Nacional com o drama regional «Naufragos» (Cl'ché de M. Novais)

Os caprichos da moda — A bailarina americana Viola Welles manda pintar nas costas um problema de palavras cruzadas

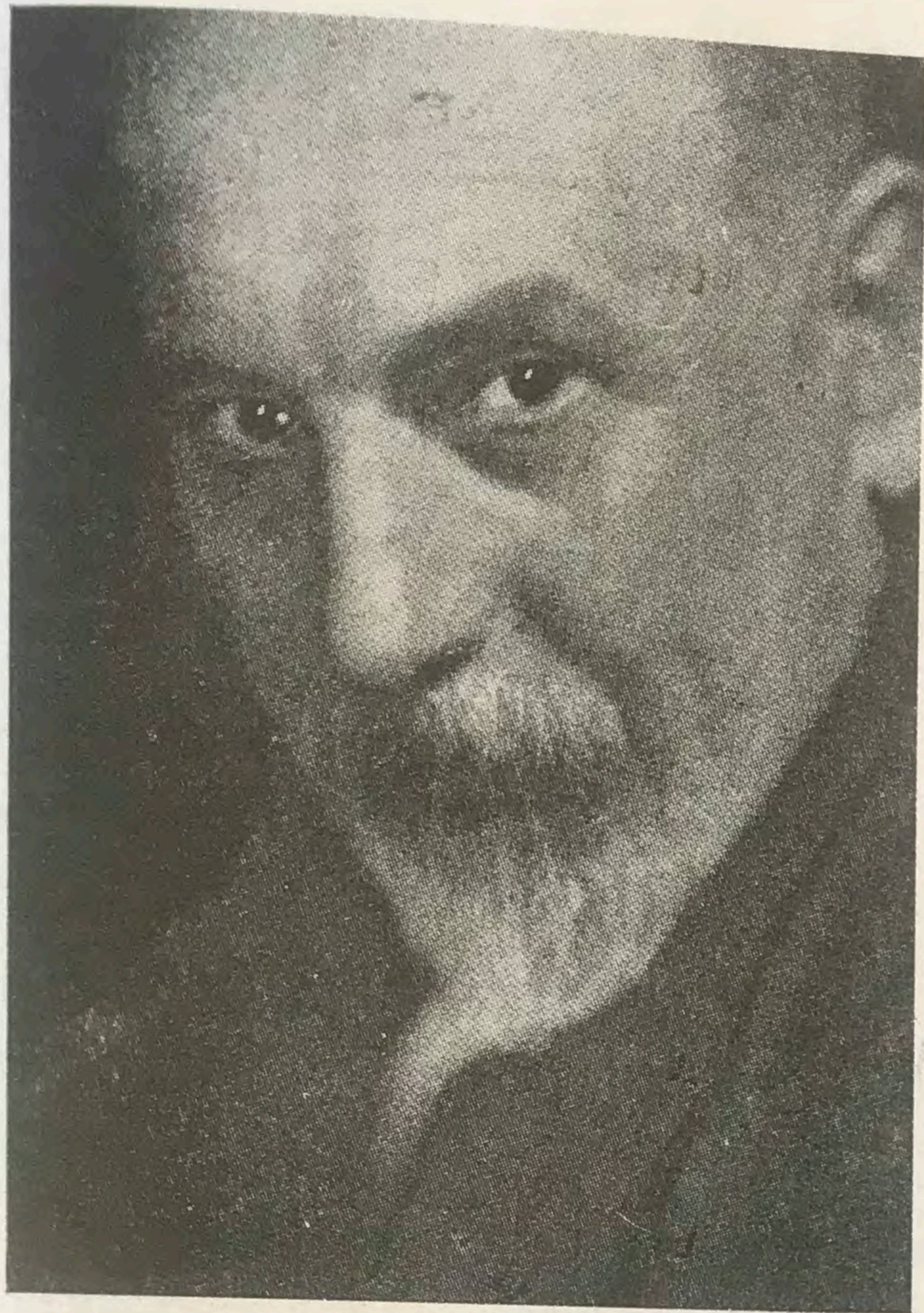


Jorge Barradas, um dos mais curiosos pintores da nova geração. Duma sensibilidade vibrante, a sua arte nervosa mas equilibrada, gritante mas harmoniosa, representa um dos autênticos valores do modernismo entre nós.

Barradas, cujo lapis creador empresta a este magazine o brilho da sua colaboração, acaba de realizar com formidável êxito a sua exposição anual, na qual mais uma vez firmou a sua forte personalidade artística.



A sr.ª D. Carolina Homem Cristo, ilustre Directora da Revista *Modas e Bordados* que das suas mãos recebe uma inteligente e audaciosa orientação. A sr.ª D. Carolina Homem Cristo é também uma talentosa novelista que honra as páginas da *Europa* com a sua colaboração (Cliché de Mario Novais)



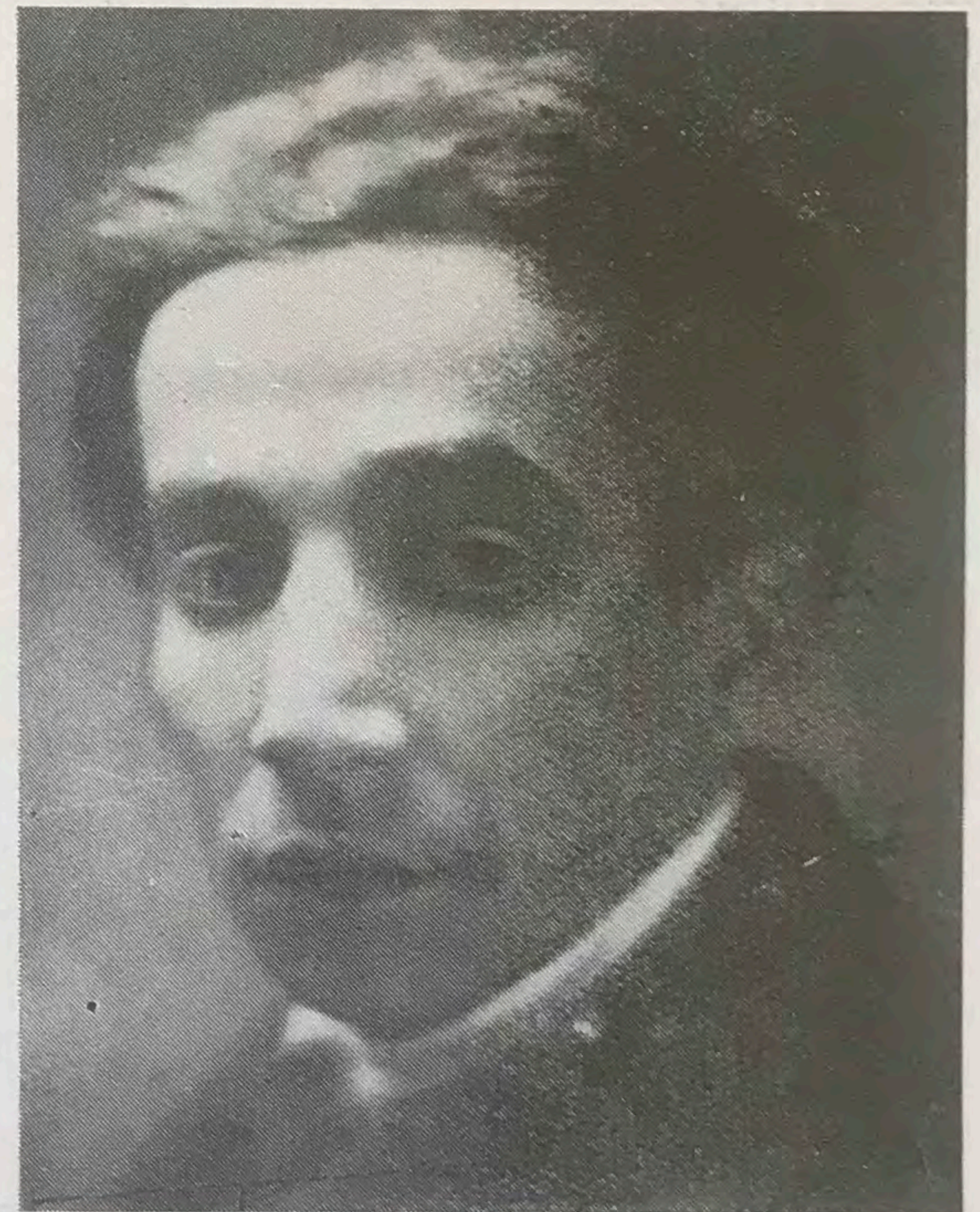
Luigi Pirandello, creador do Teatro d'Arte de Roma



A bailarina Ruskaja do Teatro d'Arte de Roma



Victor Falcão, director do *Diario da Tarde*. Jornalista distintissimo, *doublé* de critico profundo, Victor Falcão é um dos jornalistas portugueses que melhor sabe dar á prosa rapida do jornalismo diario o sabor duma erudição completa e a perfeição de uma fôrma literaria marcante



O arquiteto José Pacheco, autor da decoração do Teatro Novo, audaciosa concepção cujo modernismo marca uma notavel etape na nossa decoração teatral

"Historia das Matematicas na Antiguidade,, pelo Prof. *Fernando de Almeida e Vasconcelos*, Lisboa, Aillaud e Bertrand, 1925.

E' com enorme satisfação que se divisa sob o titulo desta obra um nome portuguez. São tão raras entre nós as obras de profunda erudição e aturada investigação scientifica que o livro do sr. Prof. Fernando de Almeida e Vasconcelos marca um etape fulgurante, na nossa vagarosa marcha de povo civilisado. Arrostando contra o momento desasocogado e critico que atravessamos, o autor da Historia das Matematicas na Antiguidade ofereceu ao publico o fruto valioso dum trabalho de anos, magnifica obra de vulgarisação duma sciencia tão mal compreendida pelo vulgo. A Historia das Matematicas, lê-se como uma das mais brilhantes paginas da historia do saber humano, da luta eterna do homem para a conquista das verdades do cosmos.

A forma literaria como o autor trabalhou as suas dificeis exposições, é brilhante e constitue um dos numerosos valores da obra.

A poucos dias do seu aparecimento a Historia das Matematicas na Antiguidade tem tido uma enorme procura pelo grande publico, prova evidente de que o nivel intelectual do leitor portuguez é bem superior aquele que certos *derrotistas* apontam.

O livro do sr. Prof. Almeida e Vasconcelos é daqueles que devem ser traduzidos, afim de facilitar no estrangeiro a propaganda da Intellectualidade Portugueza.

*

"Saudade,, por *Beatriz Arnut*, Lisboa, Portugalia, 1924.

Saudade, a linda palavra portugueza que não tem equivalente em nenhum idioma do mundo, tentou a sr.^a D. Beatriz Arnut, e foi esse o titulo que escolheu para o seu livrinho de versos. Com uma leveza bem feminina a autora aborda nele, aquelas sensações e ideologias um pouco pueris que são o apanagio dos primeiros versos.

Estamos certos, porém, que quando a autora imprimir á sua obra uma audacia maior, alargando o seu campo literario para uma ideologia mais alta, produzirá uma obra marcante.

"A Patria Portugueza e Brasileira,, por *Nuno Catharino Cardoso*, Lisboa, Portugalia, 1925.

Nuno Catharino Cardoso que, desde 1917 vem, sem um momento de desfalecimento pugnando sósinho e entusiasticamente pela divulgação dos primores poeticos dos poetas Luso-Brazileiros, o que lhe valeu, na Exposição Internacional do Rio de Janeiro, a medalha de ouro, acaba de publicar o oitavo volume da sua antologia—*A Patria Portugueza e Brasileira*.

Livro essencialmente patriotico, contendo muitos inéditos e dados bio-bibliograficos ácerca de cada um dos 57 poetas de que trata, muitos dos quaes são dos nomes mais illustres da literatura portugueza e brazileira, o primeiro capitulo ocupa-se da *Situação geografica de Portugal*; o segundo da *Patria*; o terceiro da *Historia de Portugal*, (Heroes e martires. Combates. Descobertas. Lendas. Inclita geração. Raça de Heroes. Caravelas do Ceu. Portugal Glorioso); o quarto das *Terras de Portugal* (cidades, vilas e aldeias); o quinto, *Habitantes* (usos e costumes); o sexto, *Primores de Portugal*, «a mais formosa terra que ha no mundo»; o setimo, finalmente, das *Saudades da Patria*. Igual divisão segue para a parte Brazileira.

O novo livro do autor de *Camilo, Fialho e Eça* representa pela classificação e escolha dos seus trechos um dos mais curiosos trabalhos que em Portugal se tem produzido no campo ingrato e tão desprezado entre nós, da Antologia.

*

"Quadras,, por *Virginia Madeira*, Porto. Livraria e Imprensa Civilisação, 1925.

Um mimoso livro de quadras construidas sobre os velhos temas de todas as quadras.

Impossivel é avaliar do valor poetico da autora das *Quadras* pela pequena amostra que ora nos envia; em futuras produções de maior amplitude nos pronunciaremos.

*

"A paisagem, a Mulher e o Amor,, nos versos de *João Lucio, Candido Guerreiro e*

Bernardo de Passos, por *José Dias Sancho, Aillaud*, 1925. — Numa carinhosa pesquisa pela obra de *João Lucio Candido Guerreiro e Bernardo de Passos*, o autor aponta os determinantes emotivos da musa de cada um destes poetas.

Sendo um ensaio critico de apreciavel valôr o livro de *José Dias Sanches*, constitui tambem uma preciosa antologia, pelos mimosos trechos que o autor soube seleccionar das obras dos seus poetas.

Embora limitada pelo estreito ambito duma conferencia *A paisagem, a mulher e o amor*, satisfaz plenamente o objectivo focado pelo autor.

*

Influencia da Mulher na Vida Agricola,

conferencia pelo Dr. *Joaquim M. dos Santos Garcia*, Evora.

Distinto agronomo e ilustre publicista, o autor, que tão valiosos trabalhos de propaganda dos metodos racionais de agricultar a terra tem produzido, aponta nesta conferencia os meios a empregar para orientar a influencia da mulher nas populações rurais, cujo conforto moral tão descurado é entre nós. Partidario do Casal de Familia, cuja defesa tem brilhantemente sustentado na tribuna parlamentar, o sr. Dr. Santos Garcia prova mais uma vez a necessidade desta instituição.

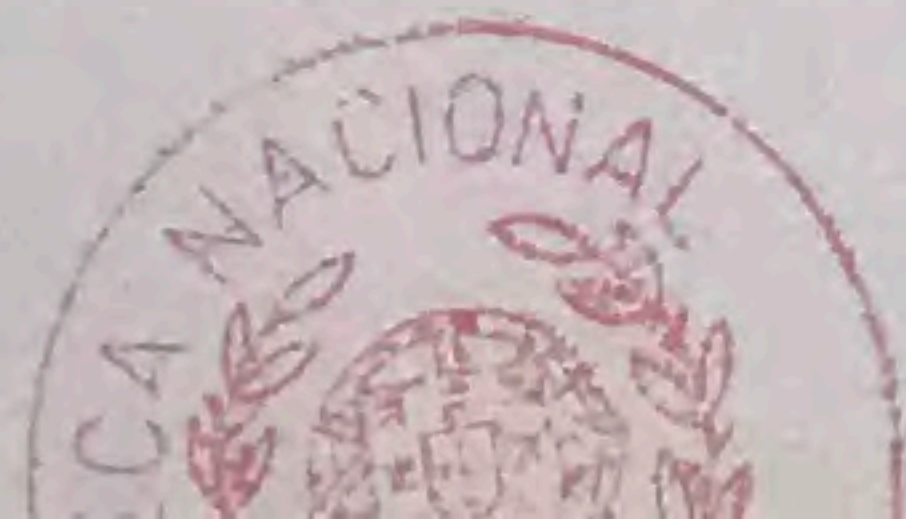
*

Auto da Vida Eterna, por *Augusto de Santa Rita*, Lisboa, E. L. Fluminense, 1925.

O novo poema de *Augusto Santa Rita*, construido num ritmo que atinge, por vezes, o limite da harmonia, tem, comtudo, magnificos trechos duma elevada sensibilidade poetica. E' uma obra destinada, certamente, a provocar polemicas pela sua modalidade ousada e inquieta.

Quanto á intenção do poema, melhor do que nós poderíamos narrar com a nossa pobre prosa, o autor a sintetisa neste admiravel quarteto:

*Ha depois desta Vida outra existencia,
Que é outra realidade mais real;
Em tudo quanto existe ha uma essencia
Divina, eterna e sobrenatural.*



Messageries de La Mode

146, Rua do Ouro, 1.º

Modas e novidades de Paris

A casa mais antiga no genero

Nenhuma senhora de bom gosto deixe de visitar a
MESSAGERIES DE LA MODE e não querera outra
casa.

COLARES VELHO

DR. C. S.

da Quinta da Tomadia
(Praia das Maças)

VINHO DE MESA

Reserva Especial

Pedidos a Telef. N. 4168

Rua Arco do Bandeira, 231, 3.º

CASE

MOTORS - CARS

O mais resistente automovel
da actualidade

6 cilindros - travões ás 4 rodas



Unico representante para continente e ilhas

GARAGE PORTUGAL

R. Rodrigues Sampaio, 80

Telefone N. 2102

LISBOA

MOTORES - DINAMOS

ALTERNADORES - TRANSFORMADORES
DA

GAUZ A E G - BUDAPEST

MAQUINA PARA TODAS AS INDUSTRIA

Material Electrico

Falméor de Cobertena de fio

para Electricidade

Aparelhos e accessorios para T. S. F.

Empresa Comercial de Maquinas e Electridade L.ª

Rua da Palma, N.ºs 225.235

LSIBOA

Tele { fone N 3580
gramas dinamica

PALMIRA CALIXTO

Calçada do Sacramento, 7-2.º
TELEFONE 4359

Tratamento de Beleza por Electricidade
aplicada sob todas as fórmis

Gimnastica Medica - Massagem Medica
vibratoria e manual

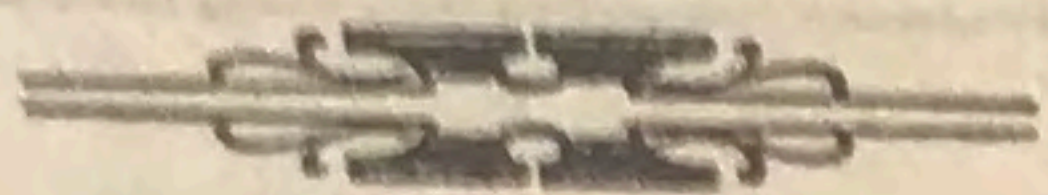
ALTA FREQUENCIA

Lavagem e secagem dos cabelos e seus tratamentos, descoloração e applicações de Henné,
Ondulação « Marcel » Manncure

CREME PALMIRA

CARVÃO

Cardiff almirantado



PORTUGUESE CORPORATION OF COMMERCE, LTD.

Caes do Sodré, 64, 2.º

Telef. C. 4163, 4164

Gravataria

Camisaria

Malhas

Meias

PARK ROYAL

142, Rua Aurea, 142

Telefone C. 1806

L I S B O A

AGUA

SALUS

VIDAGO

A melhor das Aguas Alcalinas

SABONETE SALUS

Especifico da Pele fabricado com os saes da agua

Companhia Portuguesa das Aguas Salus

(Vidago)

Rua de S. Julião, 168 - Telef. C. 2688

(Edificio do Banco do Minho)

LISBOA

Casa Africana



Séde:

R. Augusta, 161

LISBOA

Sucursal:

R. 31 de Janeiro, 220

PORTO

ESTAÇÃO DE VERÃO

Grande sortido em todos os artigos de alta novidade para Homem, Senhora e Criança, adquiridos recentemente nas principais capitães estrangeiras

PREÇOS SEM COMPETENCIA!

Freire da Cruz & C.ª

Telegramas: JADIAS

JOSÉ AUGUSTO DIAS, F.º & C.ª
BANQUEIROS

TODAS AS OPERAÇÕES BANCARIAS

LISBOA
R. Augusta, 89 a 95
Telef. C. 1038

PORTO
P. Almeida Garrett, 28
Telef. 450

Casa das Meias da Rua Aurea

(Antiga CAMISARIA MODELO)

A casa que tem maior sortido e mais barato vende

Secções de luvaria, camisaria, gravataria, chapelaria
e varios artigos de novidade

PREÇO FIXO

A. RODRIGUES

Rua do Ouro, 115, 117, 119 - LISBOA

COMPANHIA NACIONAL DE NAVEGAÇÃO

Sociedade Anonima de Responsabilidade Limitada

Serviço regular entre a Metropole e a Africa Ocidental e Oriental Portuguesa

Saídas de Lisboa em 1 de cada mez para os portos d'Africa Ocidental e Oriental

Saídas de Lisboa em 15 de cada mez para todos os portos da Africa Ocidental

Saídas extraordinárias de Lisboa e portos do norte da Europa para a Africa, unicamente para carga

FROTA DA COMPANHIA PAQUETES

«NYASSA»	8965 Ton.	«LUABO»	1385 Ton.	} Serviço de cabotagem
«ANGOLA»	8315 "	«CHINDE»	1382 "	
«LOURENÇO MARQUES»	6355 "	«MANICA»	1116 "	
«MOÇAMBIQUE»	5771 "	«BOLAMA»	985 "	
«AFRICA»	5491 "	«IBO»	884 "	
«PEDRO GOMES»	5471 "	«AMBRIZ»	858 "	

VAPORES DE CARGA

«CUBANGO»	8300 Ton.	«CABO VERDE»	6200 Ton.
«S. THOMÉ»	6350 "	«DONDO»	6000 "
	«CONGO»		5080 Ton.

REBOCADORES NO TEJO

«TEJO», «CABINDA» e «CONGO»

Todos os vapores desta Companhia tem frigorificos, luz electrica, excelentes acomodações e todos os modernos requisitos de navegação, proporcionando aos Srs. Passageiros viagens rápidas e comodas.

Escritorios da Companhia: — Lisboa, Rua do Comercio, 85 — Porto, Rua da Nova Alfandega, 34.

Agentes: — ANVERS, Eiffe & Cº, Quai van Dyck, 10. — HAMBURGO, E. Th. Lind, Alsterdamm 39 Europahaus. — ROTTERDAM, H. van Krieken, P O B 662.

Telefones: — Administração P B X 2365 a 2370 Chefe do Expediente, Informações, Tesouraria e Passagens, Commissariado e Serviços Medicos, Engenheiros (Caes da Fundição), Caes da Fundição Deposito e Armazens.

MATERIAES DE CONSTRUÇÃO

ROQUE DA FONSECA L.ª DA

RUA VISCONDE VALMOR, R. F.

LISBOA

TELE { fones N. 190, 1840
gramas ROFON } Codigos { RIBEIRO
A. B. C. 5.ª Edi.

DOENÇAS DA BOCA, DENTES E MAXILARES

Manuel Valente

Travessa do Corpo Santo, 29, 1.º

(Esquina da Rua de S. Paulo)

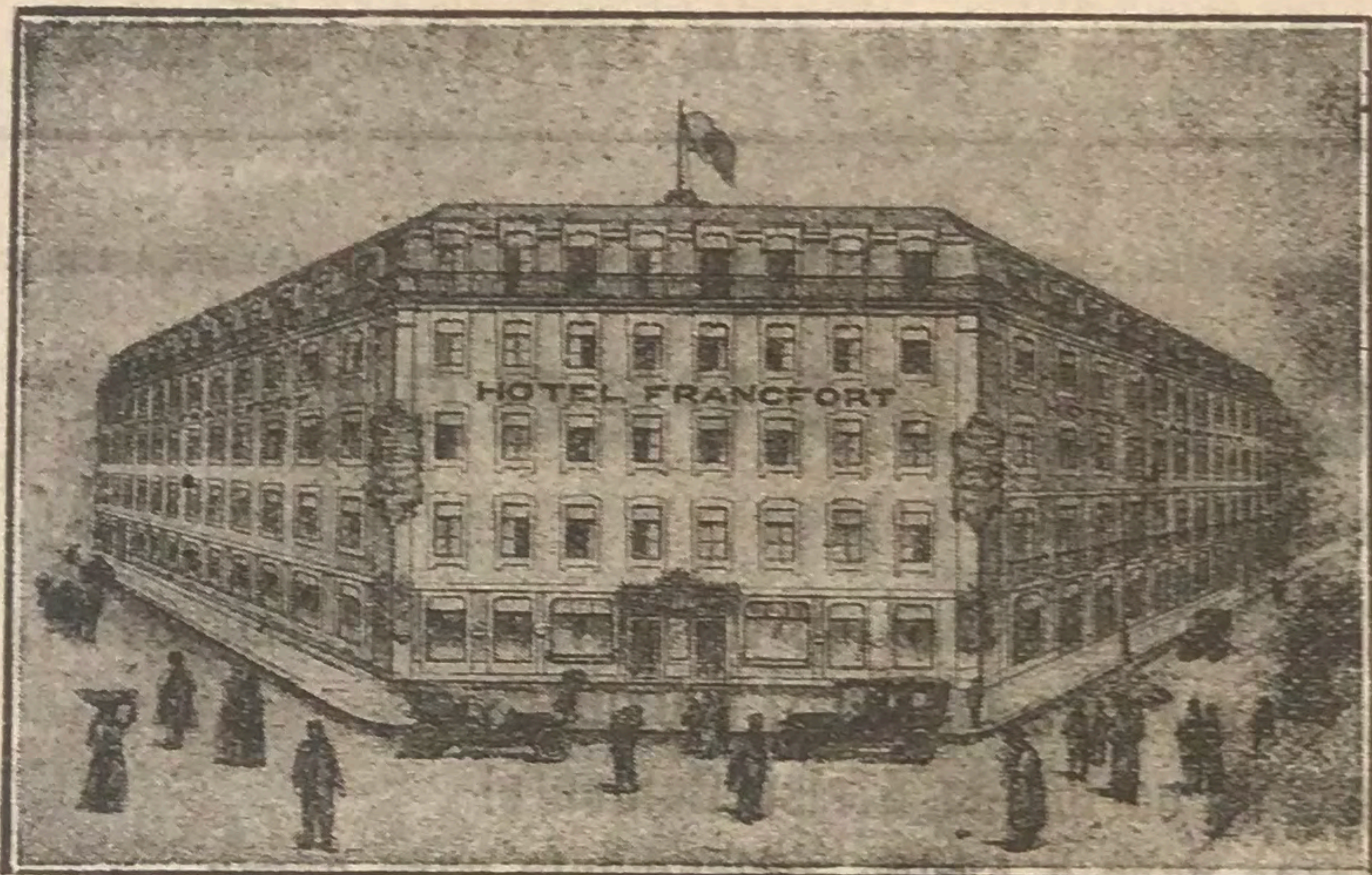
Telefone Central 1853

HOTEL FRANCFORT

CONFORTO — HIGIENE

PROPRIETARIA

Viuva de José Narciso da Silva



Rua Santa Justa, 70-72

LISBOA



UNICOS CONCESSIONARIOS

PARA

Portugal, Ilhas e Colonias

ARMANDO CRESPO & C.^A

118, RUA DO CRUCIFIXO, 124

LISBOA

MAGAZINE



MENSAL

PREÇOS DE ASSINATURA

3 meses 21\$50

6 meses 41\$00

Ano 79\$00

NUMERO AVULSO 7\$50

Pedidos á Administração: LARGO DO CALHARIZ, 29

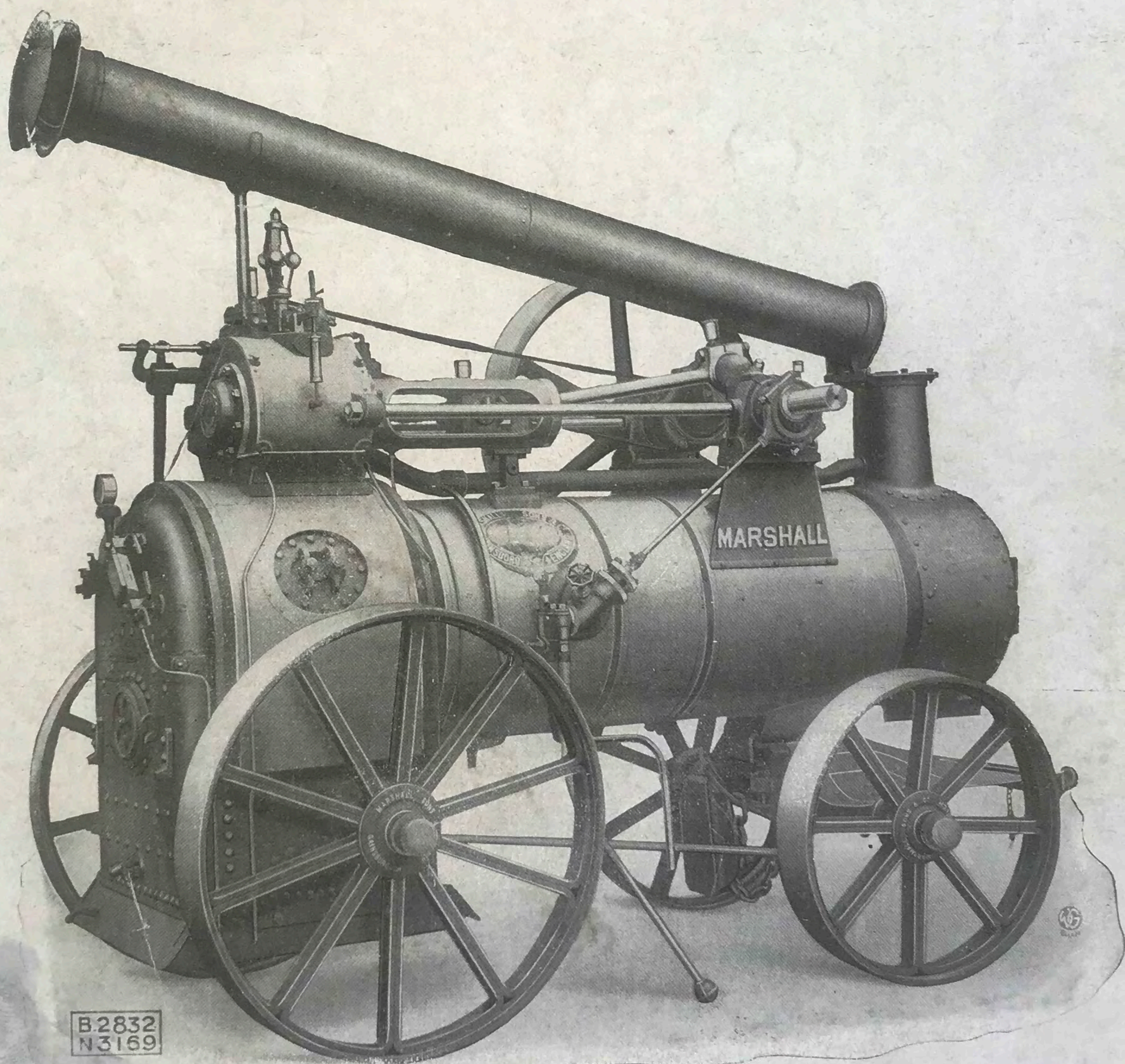
Previnem-se os Senhores Assinantes de que vamos proceder á cobrança do 1.º trimestre

MAQUINAS AGRICOLAS **MAQUINAS INDUSTRIAIS**

**Debulhadoras
Locomoveis
Caminheiras
Semi-fixas**

Marshall

As melhores do mercado — Construção inglesa



MOTORES FIELDING

Representantes em Portugal

Duarte Ferreira & Filhos (engenheiros)

T R A M A G A L

Filial em Lisboa — Avenida Presidente Wilson, 17 a 25